

SÃO PAULO
29 de janeiro a
4 de fev. de 1976

Ano I
Número 11
Cr\$ 5,00

Diretor Editorial
SAMUEL WAINER

AQUÍ

SÃO PAULO

O Corinthians
tem
nojo
de
César



FUNDO CEMAP
FA 2/318

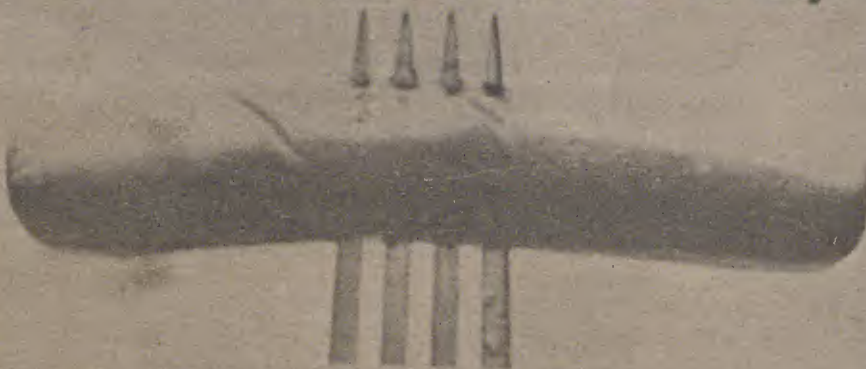
PAULO EGYDIO E GEISEL JUNTOS PARA A SOLUÇÃO DA CRISE POLÍTICA BRASILEIRA NOVA DISTENSÃO

PÁGINA 11



FA CEMAP - MEMÓRIA
CLASS.

Já comeu seu pedaço de câncer hoje?



Cuidado
com o câncer
nas salsichas de
mandioca

Publicitário Enio Mainardi: A mentira precisa acabar! P.16

EXCLUSIVO:
UM CRIOULO
NA FERRARI



Página 21

ESPECIAL:
DILÊ,
MEIO CIVIL



Página 10

As cartas dos leitores devem ser enviadas ao novo endereço de AQUI: Rua Rouxinol, 51, CEP 04516. A cada edição, o autor da carta que for considerada a melhor da semana ganha a coleção "História da República Brasileira", de Hélio Silva (16 volumes, no valor de Cr\$ 600,00). O premiado desta semana: o leitor Regis Duarte.

O LEITOR

Os obstáculos à fundação de novos partidos políticos; os aviões que desrespeitam a Lei do Silêncio; papéis picados atirados do edifício: alegria ou agressividade disfarçada? César, adeus. Em quatro cartas, críticas e sugestões de nossos leitores.

Pedras, urina e ódio caem com o papel picado

Sr.: O cronista Pietro Maria Bardi coloca, na página 29 da edição nº 8 de AQUI, a frase: "Ninguém comentou o lançamento de papel picado pelas janelas dos edifícios da cidade". Não comentaram para não serem chamados de quadrados e desmancha-prazeres, se tivessem mencionado os crimes de desperdiçar tanto papel, sujar as ruas, entupir os bueiros, agravando com isso o problema das enchentes.

Não adianta iludir-se, afirmando que este costume ainda traduz a alegria do povo, a sua vontade de brincar. Prova disso foi o lançamento de objetos pesados, de sacos plásticos cheios de urina. Quem o fez, certamente teve o intuito de ferir e sujar, agindo por desprezo, por ódio ao seu semelhante. Achou e aproveitou a oportunidade de ferir, sob o pretexto de estar brincando.

Este ano aparentemente não houve mortes nessa ocasião. Em fins de 1973 algum desgraçado jogou da janela de um edifício, no meio do papel picado, uma pedra de gelo que matou o cidadão José Lima, 53 anos, que passava pela rua General Carneiro. O jornalista Louren-

ça Diaféria, da **Folha de São Paulo**, em sua coluna de 27.12.73, expressou a opinião de que o lançador incógnito da pedra não fez o gesto para machucar. Discordei, como descordo ainda hoje dos acontecimentos do gênero.

Tomando em conta a patente agressividade cada vez mais reprimida em todos aqueles que trabalham dia após dia, enjaulados em salas de escritórios, expostos a mil pressões e frustrações, já estaria na hora de as autoridades proibirem, por lei, que se jogue papel picado em qualquer dia do ano, como foi proibido, há anos, o uso de lança-perfume que, também de inocente divertimento de foliões, tinha passado a instrumento de agressão e vício. **Trudi Landau, Capital.**

Sr.: A respeito de uma carta publicada recentemente em AQUI, gostaria de dar o meu apoio à vizinha que não conheço. Também moro perto do aeroporto e sofro com os aviões. Não são raras as vezes em que um avião desce alguns minutos depois das 10 horas, portanto além do horário determinado **Sheila Goldeinstein, Capital.**



"História da República Brasileira" para a melhor carta

César Continua na boca do povo

Sr.: Há várias semanas venho pensando em escrever para AQUI — confesso, para ganhar a coleção de Hélio Silva. Ciente das normas do concurso, ensaiei algumas considerações sobre transporte, habitação, alguma coisa que revelasse meu "espírito comunitário". Mas, engraçado, agora que tenho a carta toda na cabeça, ela não tem nada a ver com o concurso. Então perco o prêmio, mas lavo a alma: quero protestar contra esse imbecil chamado César, que não contente de envergonhar a gloriosa camisa alvinegra que já pertenceu a Baltazar, ainda tem a coragem de cuspir no prato que comeu. Centroatante ridículo, cascateiro, teve o privilégio injusto de ser contratado pelo Corin-

tians, não jogou nada e agora - o número passado de AQUI - vem apresentar suas desculpas: "os dirigentes atrapalham; é muita pressão; no Palmeiras não era assim". Ora, então a criança fatura uma nota por mês; tem médico de graça; apanha sol toda manhã; faz ginástica; passa seus dias brincando com uma bola — e ainda reclama da vida?! O que é que ele quer? Na entrevista, sua principal queixa é a de que os dirigentes não vão ao vestiário dar tapinhas nas costas e dizer: "vamos lá, garoto vamos lá". Se com 30 anos o César ainda quer ser tratado como criança, nada mais justo que, em caso de falta, o César seja tratado como moleque. **José Luis Meirelles, Santos.**

A fortuna que custa lançar um partido

Sr.: A propósito das indagações surgidas simultaneamente ao lançamento do Partido Nacionalista, convém lembrar os dispositivos do Art. 8º da Lei 5.682, que determinam a publicação do manifesto, programa, estatuto etc., em cada um dos Estados, três vezes pelo menos, em jornal de grande circulação.

Isso significa, desde logo, uma despesa obrigatória de Cr\$ 3.120.000,00, constituindo o principal obstáculo à fundação de novos partidos políticos, entre tantos que se antepõem à sua trajetória na fase de instituição, impossibilitando materializar qualquer iniciativa.

Tais entraves motivam as reivindicações contidas no Projeto "Bevilaqua", que pleiteia o registro provisório dos partidos em organização, independentemente da obrigatoriedade dessas publicações por conta própria, cabendo ao TSE, na forma pretendida pelo deputado Joaquim Bevilaqua, os encargos de promovê-las após o deferimento do registro (Art. 16 da Lei 5.682), favorecendo o florescimento pluripartidário e a existência legal do PDR e do PN.

Aliás, o falecido dr.

Pedro Aleixo enfatizava a gravidade do problema financeiro decorrente das publicações legais, no quadro das imensas dificuldades que enfrentava na organização do PDR, tendo a imprensa noticiado tais queixas.

Posteriormente ao registro, os partidos participam dos recursos do Fundo Partidário, mas, na fase organizatória, dependem exclusivamente, como é óbvio, das campanhas que promovam ou das contribuições individuais de seus adeptos, e o crescimento da potencialidade financeira inicial será paralelo à intensificação das atividades de estruturação e filiação a cargo das Comissões Regionais Provisórias, nos Estados.

O Partido Nacionalista (PN), programou para a campanha financeira de 1976, duas iniciativas: edição popular do livro "Solução Nacionalista", a ser publicado em março, e a reprodução litográfica particular, exclusiva, de trabalhos inéditos de artistas nacionais, em tiragens limitadas, numeradas e assinadas pelos autores, em benefício do Partido. **Paulo Antônio Dias Menezes, Cruzeiro, SP.**

AQUI

DIRETOR EDITORIAL
Samuel Wainer

EDITOR GERAL
Sérgio de Souza

EDITOR ADJUNTO

Narciso Kalili

REDATORES:

Guilherme Cunha Pinto, Sérgio Vaz

REPÓRTERES

Takao Miyagui, Antonio Carlos Fon

FOTÓGRAFOS

Geraldo Guimarães, Amancio Chiodi, Joel Sian

ARTE

Valdir de Oliveira, Sérgio Fujiwara

COLUNISTAS

Ricardo Kotscho, C.B., Klaus Kleber, C. Bittencourt, Hella Poli, Rubens Ewald Filho, Pola Vartuck, Daniel Más, Renato de Moraes, Pietro Maria Bardi, Moacir Werneck de Castro, Gilberto Mansur, Claudia Andujar, Mauro Chaves, Sérgio Mello, Ignácio de Loyola, Reginaldo Fortuna.

COLABORADORES

Michell Laurence, Walter Negrão, Roberto Santos, Fernando Moraes, Abilio Pereira de Almeida, Isabel Regis, Silvia Campolin, Joaquim Rodrigues Mathias, Ignês Knaut, Wilson Moherdau, Joelmir Betting, Jorge da Cunha Lima, Hamlet Paoletti, Lucila Simonsen Santos.

AQUI São Paulo é uma publicação da Editora Brasil-Mundo Ltda. Escritório Central, rua 7 de Abril, 264 — 8º andar, salas 817/8. Fones 32-1438 e 34-0218, São Paulo, SP. Departamento Editorial: Distribuição: Abril, Cultural e Industrial — rua do Curtume, 554. Fones 262-7977 e 65-8416, São Paulo, SP. Composto e impresso na PAT Publicações e Assistência Técnica Ltda. rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412, fone: 81-7461 — São Paulo, SP.

Horizontais:

1. Torrencial, abundante. 7. Península ao sudoeste da Ásia, entre o Mar Vermelho e o Golfo Pérsico. 13. Indício, sinal. 14. Silicato de magnésio e alumínio. 16. Medida agrária. 18. Riso leve, sem rumor. 20. Grande embarcação de guerra ou mercante. 22. Doença. 23. Habilidade, artifício. 24. Solteirona (pop.). 25. Exceder. 29. Jeito, aparência. 30. Prefixo latino: deus. 24. Símbolo do sódio. 33. Rumo, caminho a seguir. 36. Ovário dos peixes. 39. Elemento de complementação, exprime idéia de campo. 41. Benefício, virtude. 43. Abreviatura de molécula. 44. Aquele que desgasta com os dentes. 47. Via pública. 48. Dignidade pontifícia. 50. Capa longa e bem ampla. 52. Exigir pagamento. 53. Apoiar, firmar-se em.

Verticais:

2. Invocação, convocação. 3. A pátria de Abraão. 4. Determinar a quantidade. 5. Antepassado. 6. A casa onde se nasceu e viveu. 7. Disparar, lançar. 8. Marca, pegada. 9. Inseto himenóptero. 10. Batalhão de Caçadores. 11. O mesmo que fon. 12. Museu de Arte Moderna. 15. Satélite natural da Terra. 17. Chefe etíope. 19. Deus-sol dos antigos egípcios. 21. Criado. 26. Sigla da Bahia. 27. Pertencente ou relativo a Angorá, cidade da Turquia. 28. Escassear. 30. Chega, basta! 31. Resultado da adição. 34. Além de, através. 35. Gostar profundamente. 37. Avó (in-

fantil, pop.) 38. De grande estatura. 39. Preparar a terra para plantio. 40. O mesmo que ídem. 41. Pão de farinha de milho. 42. A pessoa que fala. 45. Ordem dos Músicos do Brasil. 46. Regimento de Artilharia Antiaérea. 49. Ibidem, no mesmo lugar. 51. Símbolo do telúrio.

SOLUÇÃO

Horizontal: CAUDAL — ARABIA — PROVA — TALCO — ARE — SORRISO — AGRI — BEM — MOL — ROEDORA — RUA — TIARA — MANTO — COBRAR — BASEAR. Vertical: APELO — UR — DOSAR — AVO — LAR — ATTAR — RASTRO — ALOE — BC — IONTE — MAM — LVA — RAS — RA — AIO — BA — ANGORA — ID — ID — RVRV — ALTO — VO — AMAR — TRANS — SOMA — TA — BROA — EU — OMB — RAA — IB — TE.

Onde você voa com quem gosta.

VASP

Quem gosta do que faz não se limita a fazer apenas a obrigação.

Quem gosta do que faz vai além. Faz as coisas mais bem feitas, do começo até o detalhe final. Faz criativamente. Faz contente. Faz o melhor que pode.

A Vasp só quer e só tem gente assim.

E gente assim quer a Vasp porque aqui eles podem trabalhar como gostam.

Eles gostam do que fazem e a Vasp faz tudo por eles.

E estamos aqui juntos para fazer você ficar contente conosco.

As chances são totais. Voe Vasp.



Uma empresa aérea que tem gente fazendo o que gosta tem mais chance de deixar você contente.

Você vai gostar de ter um Agente de Viagem.



O Agente sabe de todas as rotas, horários, hotéis e facilidades que você talvez nem conheça. Sua secretária pode ligar para um. Ele também gosta do que faz e vai gostar de atender sempre você.

ESCOLHA AQUI

Os melhores vinhos brasileiros e suas reservas muito especiais. As apresentações de um conjunto austriaco de jazz em São Paulo, os novos lançamentos de discos e uma descoberta: Book Center, a livraria que esconde nas estantes seus excelentes livros de bolso.



BEBER

Trazidas da França pelos imigrantes que vieram ao Brasil, no século passado, e plantadas nos vales e encostas de Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, as uvas **cabernet franc** deram origem a duas marcas de vinhos muito procuradas:

Clos de Nobles (Cooperativa Vinícola Aurora) e **Forestier** (Maison Forestier). Produzidos em pequena quantidade, pela dificuldade do cultivo dessa espécie de uva e sua raridade, sua comercialização é feita de forma diferente. O vinho tinto **Clos des Nobles**, por exemplo, é distribuído por encomenda a particulares e em alguns restaurantes tipo classe A da cidade. A reserva, que deve ser feita na própria Cooperativa Vinícola Aurora (r. Dr. Vila Nova, 47 - tel. 221.8232) só é atendida num mínimo 5 caixas de vinho, de 12 garrafas, ou 8 caixas de 6 garrafas.

25 cruzeiros cada garrafa. A entrega é feita 20 dias depois do pedido. O vinho tinto **Forestier**, além de ser vendido por encomenda, na Maison Forestier (r. Morgado de Matheus, 615 tel. 70.4964/70.8950/71.5010) também é encontrado em algumas lojas da cidade e em quase todos os restaurantes finos. A caixa com 12 garrafas está custando 260 cruzeiros e a encomenda deve ser no mínimo de 10 mil cruzeiros, aproximadamente 40 caixas. A entrega em São Paulo é sempre feita através dos 9 distribuidores do **Forestier**, que são também as lojas onde se pode comprar o vinho avulso: **Racan** (r. França Pinto, 957), **Depósito Normal** (Shopping Center Iguatemi), **Casa Sta. Luzia** (r. Augusta, 2754), **Vilex** (r. Augusta, 2948), **Panificadora de Luxo Colúmbia** (r. Augusta, 3008), **Casa Prata** (av. Santo Amaro, 203), **Pluria** (av. Santo Amaro, 1992), **Só Queijo** (Shopping Center Iguatemi), **Mappin** (vários endereços).

CERVEJA

As gerações mais velhas decerto se lembram da **Inglesinha**, uma cerveja preta lançada em São Paulo em 1932. Anos depois passou a ser distribuída apenas no interior do Estado. Desde novembro passado ela está novamente à disposição numa atraente lata preta, com um gosto forte de levedo de cevada, não tão adocicado quanto a Caracu ou a Malzebiel e baixa fermentação mas só é encontrável em alguns bares de cada bairro e o preço pouco condizente, 6 cruzeiros.

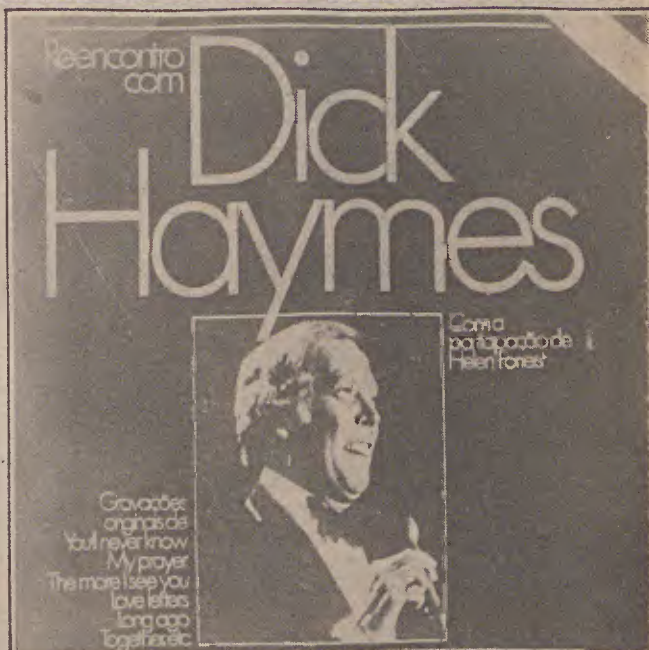
DISCOS

Reencontro com Dick Haymes e com o novo Trio Elétrico.

Se não houvesse sucumbido aos desgostos, desilusões e um triste período de submissão à bebida, o argentino de mãe irlandesa, cantora de operetas e pai escocês, Dick Haymes, poderia ter se tornado o mais sério rival do idolatrado Bing Crosby e de outros **chansoniers** que com ele começaram — como Perry Como e Frank Sinatra.

Reencontro com Dick Haymes (MCA/Chantecler), em alguns de seus mais expressivos momentos (**You'll Never Know**, **I Can't Be Wrong**, **The More I See You**, entre outros êxitos que lançou), em algumas faixas acompanhado pela cantora Harry Helen Forrest (vocalista da banda de Harry James), sua partner em vários triunfos. Hoje, com 57 anos, recuperado dos vários casamentos frustrados (inclusive um muito comentado com a atriz Rita Hayworth), Haymes mantém-se, porém, distante do passado de glórias, definitivamente abandonado em 1955.

Trio Elétrico — Dodô & Osmar (Continental). Impregnado do chamado som pop, dos instrumentos (guitarra, baixo, bateria) aos músicos (Moraes Moreira, Armandinho, Dadi, Aureo) e às composições (**Satisfação**, de Gilberto Gil, **Swingue no Sangue**, de Moreira, entre outras, o trio se renovou sem, contudo, se desligar da sua essência, o frevo. Duas outras músicas incluídas no disco, **Esquenta Muié**, de Nelson Ferreira e **Frevo Doido**, de Osmar, atestam isso e garantem o valor da gravação.



LIVROS

Bons livros de bolso, escondidos nas estantes.

Pouco difundido e mal elaborado no Brasil, o pocket book é uma fórmula definitivamente consolidada nos EUA e na Europa. Muitos deles, principalmente em inglês e inéditos no país, podem ser encontrados no Book Centre (r. Gabus Mendes, 29 — atrás da galeria Metrópole). Mas como sua disposição na loja é dispersa, depende da argúcia do comprador a obtenção de boas obras. Alguns exemplos: Myron (Panther, 30 cruzeiros), a versão masculina da antropomórfica personagem criada por Gore Vidal, Myra Breckinridge, numa demolidora crítica aos valores e tabus sexuais da sociedade americana. Pleasure Man, or Virtue Had Nothing to Do With It: (Fontana, 23 cruzeiros), incontrolável

narrativa novelesca da atriz Mae West, a bad girl da Broadway e de Hollywood, devastando os bastidores do show biz. Candle in the Wind (Bantam, 30 cruzeiros), o mais recente livro do soviético Alexander Solzhenitsyn. Freewheelin Frank (Grove Press, 23 cruzeiros), sincero e contundente depoimento do secretário dos Hell's Angels, editado por Frank Reynolds, descrevendo as práticas, os costumes e o pensamento do famoso grupo de delinquentes da Califórnia. Há também best-sellers (Centennial, de James A. Michener, Pan, 49 cruzeiros — epopéia do velho oeste americano), obras para gostos específicos (The Betsy — Pocket Books, 17 cruzeiros — e outros de Harold Robbins), e clássicos.

SHOW

Um bom festival. Fora da cidade

Discretamente, a Secretaria de Cultura do Estado está promovendo um **Festival de Verão**, opção exata para o paulistano. Todos os fins de semana, representantes da música popular brasileira estão se apresentando ao ar-livre. No próximo, a cidade escolhida é **Vinhedo** (50 Km de São Paulo, pela via Anhanguera). No sábado, às 20 horas, o compositor João Bosco (**Dois prá Lá, Dois prá Cá**) canta músicas suas e de Paulinho da Viola e Ari Barroso. Domingo, às 16 horas, no mesmo local, se apresenta a **Escola de Samba Vai Vai**.

Só mais quatro momentos do jazz austriaco

Há dias em São Paulo e com pouca divulgação, o conjunto de jazz austriaco, **Red Hot Pots** (premiado nos festivais de Hamburgo, Munique e Frankfurt) fará esta semana suas quatro últimas apresentações: no MASP (quinta, 21 horas), no Clube Austriaco Babenberg (r. Pirassununga, no Brooklin - sexta, 20h30), no Tênis Club Paulista (Paraisópolis - sábado, 21 horas) e no Parque do Morumbi (domingo, 11 horas), dentro do Movimento Mário de Andrade. O grupo se filia às correntes tradicionais do jazz de New Orleans

ARTES



Panorama da Arte Atual Brasileira (Museu de Arte Moderna, Parque Ibirapuera) — Um pouco excessiva, com cerca de 250 trabalhos expostos num espaço restrito, a mostra atenua certos brilhos irrefutáveis como os trabalhos do paulista Luis Paulo Baravelli e do carioca Sérgio Camargo. Mas mostra-se estimulante e vital, o principal evento da arte em São Paulo neste momento, procurando fornecer uma visão geral e presente do que se realiza no Brasil nas duas áreas.

ESCOLHA AQUI

Há muito pouco para aproveitar da mostra **80 Anos de Cinema**, do Cine Coral. Mas a televisão tem um bom programa para segunda-feira à noite: um especial com João Gilberto, na Cultura. Ainda na segunda, a Globo entra com sua novela das 19 horas: **Anjo Mau**.

CINEMA

TV

NÃO ESCOLHA



Os quatro filmes que salvam esses 80 anos de cinema

Dos **80 Anos de Cinema**, título impróprio para a mostra ora exibida no Cine Coral, os grandes destaques desta semana e por extensão dos cinemas de São Paulo, representam uma das últimas infâncias. Dois são nacionais (ambos na sexta): **A Rainha Diaba**, de Antonio Carlos Fontoura, é uma atrevida versão da vida do lendário marginal carioca Madame Satã, irrepreensivelmente interpretado por Milton Gonçalves. O outro é uma bem composta adaptação de Arnaldo Jabor para uma obra de Nelson Rodrigues, **Toda Nudez Será Castigada**, com outro exemplar desempenho, de Darlene Glória. Os dois estrangeiros (ambos no sábado) são das mais recentes obras do inflamado cineasta espanhol Luiz Buñel, que fatigado, se repete em suas investidas contra a igreja e a burguesia, em **O Fantasma da Liberdade** e **O Discreto Charme da Burguesia**, mas ainda convence.

Onde quer que seu nome apareça, a expectativa é imediata. Nesta semana, portanto, ela se transfere para a televisão. João Gilberto fala despreocupadamente de si, da bossa nova, movimento no qual foi figura decisiva, e das suas andanças desde que se mudou definitivamente para Nova York, no programa **Retrato Falado** (segunda, 21h30, TV Cultura). No mesmo dia, a Rede Globo substitui sua novela das 19 horas. **Anjo Mau**, de Cassiano Gabus Mendes, reúne um elenco com grandes nomes (José Lewgoy, Suzana Vieira, Sérgio Brito, José Wilker) para um tema banal: as peripécias de uma criada em busca da ascensão social dentro de um ambiente da alta sociedade. Na terça, Adoniram Barbosa, os Demônios da Garoa e José Ramos Tinhorão falam sobre o samba em São Paulo em **As Muitas Histórias da Música Popular Brasileira** (23 horas, TV Cultura).

Para os que pretendem amenizar o verão com uma chopada em casa, um alerta: as três principais cervejarias (Brahma, Antartica e Skol) impõem certas condições que só podem ser qualificadas como abusos. A **Brahma**, cujo preço por litro é o mais baixo (Cr\$ 4,14) obriga o cliente a adquirir pelo menos 4 dúzias de refrigerantes para cada barril de 30 litros (quantidade mínima vendida) além de cobrar pelo gelo (Cr\$ 6,00 por pedra). As mesmas condições são impostas pela **Skol** (Cr\$ 4,50 o litro). A **Antartica**, insatisfeita com seu preço bem mais elevado (Cr\$ 4,89 o litro) ainda exige que os refrigerantes sejam comprados na mesma proporção do chope e cobra Cr\$ 9,40 a barra de gelo. Ao invés de refrescar-se, é possível que o consumidor es quente ainda mais (a cabeça).

Letras de Câmbio Mercantil-Finasa: investimento sem marcha à ré.



Sem marcha à ré e sem ponto-morto.
Com Letras de Câmbio Mercantil-Finasa você só tem uma alternativa: ir em frente e ganhar dinheiro.
Lucro certo e seguro, por escrito e com data marcada.
Vamos, engrene para o melhor negócio em qualquer das 248 agências do Banco Mercantil de São Paulo.



MERCANTIL - FINASA
CRÉDITO, FINANCIAMENTO E INVESTIMENTO S.A.

ACIDADE

Ricardo Kotscho



"As pessoas lá gostam muito de conversar, falar dos seus problemas, ouvir quem pode prestar ajuda"

Na próxima vez, "seu" Olavo, vá aos bairros sozinho

Caro prefeito,

Não sei se devo lhe dar os parabéns ou os pêsames pelos 422 anos da cidade que o senhor ganhou de presente faz dez meses. Sei, sei, é um presente terrível este, que só lhe traz problemas, exige muita saúde e paciência — e a cada ano tem mais bialras e menos suizas, como o senhor gosta de dizer.

Ao ler sua entrevista ao Jornal da Tarde, no dia seguinte à festa, fiquei realmente penalizado. Afinal, pela primeira vez nos últimos anos um prefeito reconhece que nem tudo vai bem nessa cidade e ainda faz uma dramática confissão, que deu manchete: "Sou, quero, preciso ser político".

Mas leio e releio a entrevista e não vejo como. Descobrimos, finalmente, que é preciso mudar alguma coisa, ou entre mortos e feridos não sobrar ninguém. Não ter vergonha de ser político é, de fato, um bom início. E depois? Onde estará a saída? Sinceramente, eu também não sei, mas de tanto andar por essas várias cidades que costumam atender pelo nome de São Paulo, ouso fazer algumas sugestões ao bem sucedido empresário, preocupado no momento em administrar 10 milhões de seres humanos.

Por exemplo: no seu próximo passeio à periferia, vá sozinho. Sem assessores, sem segurança, sem "líderes locais". As pessoas lá gostam muito de conversar, falar dos seus problemas, ouvir quem lhes pode prestar alguma ajuda. Mas se intimidam diante da presença de comitivas oficiais e isso pode privar o prefeito de um contato mais franco com a realidade. Esses paulistanos sem água nem esgoto não costumam pedir muito. Se o senhor for para os lados de Vila Nova Cachoeirinha, não deixe de ir até o Parque Belém, também conhecido como a "favela da Prefeitura" (porque para lá foram levados em veículos oficiais os que moravam no caminho das obras da cidade). A única coisa que seus milhares de moradores pedem é a instalação de uma torneira na bica d'água que encontraram no meio do morro. Mas não leve o administrador regional para essa visita: certa vez, informado desta reivindicação, ele balançou a cabeça: "Você está louco. Se eu instalar uma torneira, nunca mais esses favelados saem de lá".

Ir sozinho pode evitar também situações constrangedoras, como uma que o ex-prefeito Figueiredo Ferraz foi obrigado a passar durante uma visita de inspeção às obras do metrô na Vila Mariana. Um solícito assessor viu um menino por perto e o trouxe para o lado do prefeito, chamando a atenção do fotógrafo oficial. Tirada a foto, o assessor perguntou ao menino:



— Você sabe quem tirou essa fotografia com você?

— Sei, sim. Foi o homem do esquadrão da morte.

Há, evidentemente, outras maneiras de se testar a popularidade de um prefeito. A pior delas, no entanto, é a tradicional homenagem espontânea dos moradores durante a inauguração de luminárias ou asfaltamento de ruas. Prática inaugurada nos tempos de Ademar de Barros, essas homenagens espontâneas, com faixas de inauguração e bandinhas de música, servem apenas para irritar os funcionários públicos obrigados a fazer número fora do horário de expediente e os pais de alunos convocados para a cerimônia. Ainda mais, depois da morte do velho Gerente, quando deixaram de ser servidos chope e cachorro quente, e os discursos perderam a graça.

Quando o senhor diz na entrevista — "o paulista só se compara com as grandes cidades do mundo. Ninguém chega e diz que em Recife se encontrou essa solução, em Belo Horizonte aquela" — fica claro que o que está faltando é conversar. Ninguém chega, prefeito, porque nas visitas oficiais não dá; audiência, metade dos paulistanos nem sabe o que quer dizer, e festa, então, serve para tudo, menos para conversar seriamente sobre a cidade. E, convenhamos, não é hora de fazermos festas.

Por falar em festas, esse aniversário foi triste. Os 5,5 milhões de cruzeiros que o governo gastou com os carrinhos de corrida em Interlagos poderiam ter servido até para umas boas brincadeiras, alguma coisa como escolas de samba no Ibirapuera, para que mais gente pudesse participar dos festejos. Agora, fechar a avenida Paulista às oito da noite de domingo, para soltar rojões numa região cercada de hospitais e tocar jingles de propaganda do governo nos intervalos, isso já é demais.

Se não é possível fazer mais do que a Prefeitura tem feito pela cidade; se não há condições, nem motivos para festejos, então pelo menos vamos continuar trabalhando para ver se a maré muda. Uma torneira na bica d'água do Parque Belém pode não impedir a "urbanização explosiva", nem a "deseconomia em escala", essas coisas todas que o senhor fala e ninguém sabe como resolver. Mas já mata-ria a sede de muita gente. Com água limpa.

SUMÁRIO

AQUI São Paulo — Ano I, nº 11. Semana de 29 de janeiro a 4 de fevereiro de 1976. Preço do exemplar Cr\$ 5,00

**10**

Ele já foi definido como tendo "tudo de um bom militar e tudo de um bom civil". Apresentamos o general Dilermando Gomes Monteiro, comandante do II Exército.

**11**

Em seu primeiro pronunciamento depois da crise no comando do II Exército, o governador Paulo Egydio Martins volta a defender suas teses.

15

Nossa colunista Zuleica Seabra Ferrari começa a responder às queixas e dúvidas dos consumidores, e pede a colaboração de todos os leitores.

16

Enio, Mainardi, o publicitário mais discutido de São Paulo, condena, em depoimento a AQUI, a mentira na publicidade, fala da liberdade do consumidor e da sua defesa e termina com uma proposta ao governo: empregar o que gasta em promoção na televisão em obras sociais.

**20**

"A barra está pesada", reclamam os Novos Baianos, a maior banda da América Latina. Para viver de música, eles dependem de shows, mas só conseguem contrato para festivais ao ar livre, ou locais marcados como "undergrounds". Além disso — reclamam ainda — a gravadora não os promove direito. "Vamos puxar o carro pra América", é o que eles estão ameaçando.

**21**

Dentro de dois anos, um brasileiro estará na poderosa equipe da Ferrari. Não é Pace, nem Emerson, nem Ingo. Trata-se de Zé, garoto pobre, o amigo de Niki Lauda e Regazzoni no Brasil.

23

O Corinthians reage à entrevista que César deu a AQUI na semana passada: a partir do dia 31, o centroavante não treina mais no clube. A solução agradou a todos — a César, que queria mesmo sair; ao Corinthians, cansado de seus indisciplinas; e à torcida, que quer gols.

**25**

Jards Macalé estreia em São Paulo, virando o panorama pobre dos espetáculos na cidade, como conta a coluna Música na Rua. Música em Casa fala do Ray Conniff do Rock, Elton John. Pietro Bardi fala do Museu, Rubens Ewald Fº de cinema na TV, e Fortuna faz graça.

OBSERVADOR

Em Angola, a reconciliação: brasileiros exilados ou banidos lutam ao lado do MPLA, reconhecido pelo governo brasileiro. Aliás, essas e outras posições já começam a trazer problemas para nossa dívida externa. E numa época em que, aqui, "técnico" vira nome feio e a palavra "político" volta à moda — enquanto a eleição não vem.

Um país onde tudo é moda. Menos a política séria.

Realmente, vivemos num país onde a moda é tudo. Há dois ou três anos, seguindo a moda da época, o político mineiro Rondon Pacheco se proclamava "um técnico". Agora, seguindo a nova moda, o banqueiro Cláudio Lembo se considera "um político". O desinformado colunista pergunta: quantas eleições já disputou Cláudio Lembo?

O problema não é tão engraçado quanto parece: seguindo a moda da ocasião, sufoca-se alternadamente ora a política, ora a seriedade administrativa. Nos tempos de Médiçi, quando política era nome feio, sacrificou-se o consenso nacional, aboliu-se o diálogo entre governo e governados, ignorou-se o valioso **feed-back** da opinião pública: governar era lançar projetos-impacto. E tome ponte Rio-Niterói, com empréstimos estrangeiro que agora temos de pagar.

Nos tempos de hoje, "técnico" é que é nome feio: e haja intervenção nas eleições da Federação Paulista de Futebol, ameaças de "governar com o mapa eleitoral na mão", tentativas de continuar controlando a Associação Comercial de São Paulo.

É uma pena. Mas, de Ato 5 na praça, quem haveria de aprender a fazer política séria?

O influente **Wall Street Journal** criticou a política econômica de Simonsen; o **City Bank** e o **Chase Manhattan** começaram a por em dúvida a capacidade brasileira de pagar sua dívida externa. Essas críticas ameaçam reduzir o fluxo de capitais estrangeiros para o Brasil, vitalmente necessários para a cobertura do déficit comercial e para o pagamento de empréstimos anteriores.

O curioso é que essas críticas surgiram quando, em importantes votações na ONU, o Brasil se afastou do Ocidente para apoiar moções cubanas. Seria a arma americana para reconduzir o Brasil ao bom caminho? E cadê o dinheiro árabe, pelo qual tantas coisas fizemos, e que permitiria neutralizar essa arma?

Em Angola, a reconciliação: brasileiros exilados ou banidos lutam ao lado do MPLA. E o governo brasileiro reconheceu o governo do MPLA.

Alguém se lembra da

proibição da regata Cidade do Cabo-Rio?

Pois é: a regata fora proibida poucos dias antes de seu início, porque o governo brasileiro decidiu implementar o boicote esportivo à África do Sul, decidido meses antes pela ONU. Poucas horas após a proibição, o Itamaraty teve de voltar atrás, e permitiu a regata "em caráter excepcional", "para não prejudicar os competidores das nações amigas". E garantiu que a exceção ao boicote não se repetiria.

No dia 6 de março, Emerson Fittipaldi, Ingo Hoffman e José Carlos Pace correrão no autódromo de Kyalami, na África do Sul.

Opinião do deputado Ulysses Guimarães, presidente nacional do MDB, sobre o ministro da Justiça Armando Falcão, seu antigo correligionário do PSD: "O Armando não é mais PSD, não. Desaprendeu tudo".

Outra frase do deputado Ulysses Guimarães, explicando por que não visitaria determinada cidade: "Não preciso. O Franceli-

no já esteve lá". O deputado Francelino Pereira é o presidente nacional da Arena.

Não é para já, mas depois do papelão na Federação Paulista de Futebol, e deputado Nabi Abi Chedid deverá deixar a liderança na Arena na Assembléia. Sua oportunidade de continuar é a manutenção da campanha que se desencadeou contra ele: para não "agir sob pressão", o governador preferiria mantê-lo.

Laudo Natel trabalha muito para garantir sua candidatura ao governo do Estado, pela Arena, em 1978 — talvez uma candidatura suicida, contra Quercia ou Montoro, mas de qualquer maneira uma chance de permanecer na política. Laudo tem visitado continuamente o Interior, em campanha para eleger gente de seu esquema para as Prefeituras e Câmaras Municipais.

Na batalha de bastidores, Laudo já conseguiu assegurar a presidência da

Federação Paulista de Futebol (Alfredo Metidieri é da ala laudista da Arena sorocabana), e tenta colocar o ex-prefeito Paulo Salim Maluf na presidência da Associação Comercial de São Paulo (o atual presidente, Boaventura Farina, é também ligado a Laudo). Na Associação Comercial, porém, Laudo enfrenta um grande obstáculo: candidatura de Felipe Kheirallah Filho, apoiado pela pequena e média empresa, tem crescido surpreendentemente, e tem condições de vencer.

O chanceler Azeredo da Silveira comunicou aos repórteres que, qualquer dia desses, responderá às críticas sobre a política brasileira com relação a Angola (onde reconheceu o governo de Luanda, apoiado por russos e cubanos). A resposta, entretanto, será adiada o máximo possível: o Itamaraty espera uma total vitória do MPLA, que lhe permitiria afirmar que, graças a sua visão política, o Brasil reconheceu o governo certo antes dos outros países, e terá prioridade nas relações econômicas com Angola.

A condenação do PVC nos Estados Unidos

Condensado da Gazeta Mercantil, SP, em 15.1.76

No Brasil, a manipulação da matéria-prima (Cloro de vinila e cloro de Polivinila) está concentrada em fábricas instaladas na área da Grande São Paulo, notadamente em Santo André e Ribeirão Pires. Além destas, existem dezenas de manipuladores que moldam, extrudam ou injetam o PVC, concentradas no eixo Rio-São Paulo. Um novo polo de emissões tóxicas será Camaçari, na Bahia, cujo complexo petroquímico tem sua partida marcada para o próximo ano. Embora não exista ainda nenhum projeto concreto de PVC para o polo gaúcho, é certo que também o Sul deverá abrigar dessas matérias-primas. De acordo com o anuário da Associação Brasileira da Indústria Química, as fábricas brasileiras em operação são: I — Cloro de Vinila: Copamo, Consórcio Paulista de Monômero S. A. (Santo André); S. A. Geon do Brasil Indústria e Comércio; Union Carbide do Brasil S. A. (Cubatão); II — Cloro de Polivinila: Brasivil Resinas Vinílicas S. A. (Ribeirão Pires); Indústrias Químicas Eletro Cloro S. A. (Santo André); S. A. Geon do Brasil Indústria e Comércio.

Existe sério risco de câncer para as 4,6 milhões de pessoas que vivem próximas às fábricas de PVC (sua matéria-prima e derivados) nos EUA, segundo declarações oficiais do próprio governo norte-americano. Em vista disto, recente reportagem de "The Wall Street Journal" revela que uma redução de 90% nos gases daquele produto químico está sendo proposta pelas autoridades governamentais daquele país.

Os mais de sessenta fabricantes norte-americanos desses produtos devem, segundo os padrões propostos pela agência norte-americana de proteção ao ambiente (EPA), instalar a melhor tecnologia disponível para restringir as emissões de gases. De acordo com os dados divulgados pela entidade, as concentrações nas imediações das fábricas, das substâncias químicas no ar atingem atualmente, a média de pouco menos de uma parte por milhão. Os novos limites, ainda segundo a EPA, reduziriam o nível para cerca de 0,1 parte por milhão.

O PVC, nos EUA, é um plástico altamente utilizado nos produtos de consumo e na construção. O material tem estado sob exame intenso, principalmente após a divulgação de uma notícia, em janeiro de 1974, de que diversos funcionários de uma unidade da B. F. Goodrich Co. morreram de um raro câncer no fígado, provocado por exposição ao gás.

A EPA não sabe, segundo um de seus administradores, Russel Train, qual seria exatamente o nível necessário para eliminar o risco de câncer, Train afirmou, porém, que acredita numa razoável diminuição dos casos registrados com os níveis propostos.

Train acrescenta que, para satisfazer aos novos padrões, os fabricantes precisarão gastar cerca de US/ 198 milhões, além de outros US/ 70 milhões a cada ano. Um custo que, segundo ele mesmo reconhece, poderá forçar quatro pequenas fábricas — ou 0,5% do setor — à falên-

cia. As fábricas, segundo a EPA, são uma unidade de cloro de vinila da Occidental Petroleum Corp e três unidades de cloro de polivinila da Janet Corp. Elas empregam, somadas, um total de trinta trabalhadores.

Este resultado foi considerado por Train como satisfatório, uma vez que "quando a agência controladora considerou a exigência de eliminação total das emissões — uma das hipóteses aventadas — chegou a ficar com receio de que tal medida poderia fechar efetivamente todas as indústrias do setor".

Em virtude do lapso de tempo de até 20 anos entre a exposição ao cloro de vinila e o surgimento do câncer propriamente dito, Train declarou, ainda, que "a EPA não poderia ignorar a crescente exposição do público ao gás, principalmente quando se considera que, nos últimos quinze a vinte anos, sua produção cresceu em cerca de 900% nos EUA".

O INÍCIO

Em outubro de 1974, após meses de investigações e audiências marcadas pela controvérsia, o Departamento de Trabalho expediu uma ordem diminuindo a exposição permitida do operário ao cloro de vinila de 50 partes por milhão para uma parte por milhão. Os dirigentes das indústrias advertiram, na época, que a decisão era rigorosa demais e que, em consequência, poderia provocar um fechamento total das fábricas de monômero de cloro de vinila, substância destinada ao plástico PVC. Até hoje, entretanto, somente a Uniroyal Inc, anunciou planos no sentido de fechar uma fábrica ao invés de atender às novas limitações. (A empresa pretende fechar sua unidade de resinas de PVC em Painesville, Ohio, até março próximo).

As novas exigências da EPA, além dis-

so, não serão impostas formalmente antes de um período de 45 dias, durante os quais deverá acontecer um debate público e uma audiência pública. Trim declarou que espera terminar o processo em meados do ano. Os fabricantes terão, então, 90 dias para instalar o equipamento controlador das emissões ou para solicitar uma prorrogação do prazo. A EPA poderá conceder prorrogações de até dois anos.

Os porta-vozes do setor concordam com a necessidade de restringir as emissões das fábricas de cloro de vinila, negam, todavia, que exista qualquer risco conhecido nessas emissões para a atmosfera. Nota-se, apesar disso, bastante boa vontade por parte das empresas, esclarece o **Wall Street Journal**. Um porta-voz da B. F. Goodrich Chemical Co., empresa da B. F. Goodrich Co., disse, por exemplo que "reconhecemos que existe a necessidade de exigir o controle e limitação de emissões. E esperamos que a empresa seja capaz de atender às exigências, mesmo que, para isso, tenha de desenvolver nova tecnologia para este fim". A Goodyear Tire & Rubber Co., para citar outro exemplo, afirmou que "os limites propostos são perfeitamente possíveis de serem atingidos, e não constituem nenhum grande problema para a Goodyear, que já está bem a caminho de atendê-los". Ele fez, contudo, uma ressalva: "A empresa terá que fazer consideráveis inversões de capital para satisfazer os novos padrões e, infelizmente, estes custos adicionais serão, no final, refletidos no custo dos produtos". O presidente da Sociedade da Indústria Plástica norte-americana, Ralph L. Hardin Jr., limitou-se a afirmar que, apesar de não acreditar no risco à saúde dos indivíduos que moram próximos às fábricas, concorda que esses rigorosos controles sejam do interesse público.

BASTIDORES

J.C. Bittencourt



"As lideranças políticas brasileiras, conscientes de seu papel permanente, deveriam encarar com seriedade dois fatos: 1 — a transitoriedade de Arena e MDB, como partidos artificiais desde seu aparecimento, em 65.2 — As eleições de prefeitos e vereadores devem ser encaradas dentro do exato limite dos municípios".

Um ano eleitoral, mas até certo ponto

A recomendação de setores governamentais parece expressa: menos política no rádio e na televisão, ou seja, nos meios de comunicação mais eficientes (considerando-se que a leitura de jornais é hábito cultivado por uma minoria no Brasil).

Em outras palavras, ao mesmo tempo em que os atos parecem estimular o processo de distensão iniciado pelo presidente no começo de seu Governo, se estaria chegando ao ponto de reciclar a marcha do "lento mas gradual", adaptando-a às condições (principalmente econômicas) do Brasil de 1976. Estamos vivendo um ano eleitoral, mas não se deveria deixar de levar na devida conta que seria um ano eleitoral de "menor importância", isto é, estarão em jogo Prefeituras Municipais e Câmaras de Vereadores, que não passariam de disputas meramente locais. Ou pelo menos fortes setores governamentais estariam entendendo que não deveriam passar de disputas locais, não se justificando campanhas eleitorais de massificação, como ocorreu em 1974.

Pelas condições internas e externas do País, passando dois anos do desastre eleitoral do "maior partido do hemisfério ocidental", as eleições não deixariam de ser livres e limpas como em 74, mas ao mesmo tempo não deveriam ser confundidas como "movimento de conscientização de massas".

Quer dizer: as lideranças políticas brasileiras, conscientes de seu papel permanente (e de influência cada vez maior nos centros nacionais de decisão), deveriam encarar com seriedade dois fatos: 1. A transitoriedade de Arena e MDB, como partidos artificiais, desde o seu aparecimento em 1965; 2. As eleições de prefeitos e vereadores devem ser encaradas dentro do exato limite dos municípios.

Da mesma forma como houve estímulos de algumas áreas para o reaparecimento dos programas políticos na televisão brasileira, e mesmo por parte da opinião pública, que lhes fornece audiência regular, estaria na hora de se evitar exageros. Por exemplo: ainda que o presidente emedebista Ulysses Guimarães tenha percorrido o Norte/Nordeste numa fase difícil do contexto nacional (delicada, mesmo), a sua peregrinação pelo resto do País em pregação política seria discretamente desestimulada. Ele já teria feito o seu papel, principalmente o de "marido enganado": a viagem teria sido claramente utilizada para se obter novas fontes de apoio a algumas alterações necessárias na estrutura governamental.

Isso não significaria que o MDB teria que abdicar de suas posições, nem esconder-se dentro de sua frágil casca, mas apenas levar em conta, na análise do quadro global, a existência de áreas que vêm com desconfiança qualquer previsão de abertura.

Resumindo: as eleições municipais deveriam ter tratamento restrito, o que não impediria a realização de comícios, concentrações, pregações, desde que não ultrapassassem os limites fixados.

Não haveria interesse, por exemplo, em se levar a todo o eleitorado a uma concentração que pudesse influir nos votos de modo geral. Daí as limitações previstas para as emissoras de rádio e televisão, e mesmo uma eventual mudança na legislação eleitoral nesse sentido. Em miúdos: não haveria lugar, nestas eleições, para o "estrelismo" de um político estilo do senador Franco Montoro.



Político sorri em silêncio

Os círculos políticos paulistas recusaram-se a comentar a posse do novo comandante do II Exército, general Dilermando Gomes Monteiro. A maioria dos políticos (e entre eles pode-se colocar o governador Paulo Egydio, o presidente emedebista Ulysses Guimarães, e os líderes Alberto Goldman, do MDB, e Nabi Chedid, da Arena) preferiu afirmar que se trata de problema interno da área militar. Mas nenhum deles conseguiu disfarçar a euforia com a presença, no comando do II Exército, de um militar que se diz amigo do diálogo, lembrando Platão ("todo homem é um animal político"), numa linha de comportamento absoluta e rigorosamente sintonizada com o presidente Geisel e o general Golbery do Couto e Silva.



Arrobas e Armond: trégua?

Em 17 de janeiro, o governador Paulo Egydio pediu a Arrobas Martins, chefe da Casa Civil, que preparasse a estrutura da nova Secretaria Extraordinária de Comunicações. O chefe da Casa Civil, antes, propusera a substituição de Ismael Armond na Assessoria de Comunicações do Palácio. Mas então surgiu uma viagem de Armond a Brasília, como enviado do governador, o que significou uma derrota de Arrobas, confirmada dez dias depois com a nomeação de Armond para a própria Secretaria de Comunicações. Estaria encerrada a guerra entre ambos e, por tabela, de Arrobas contra o secretário particular George Nogueira, o vice-governador Manuel Gonçalves Ferreira Filho e o líder do Governo, Nabi Abi Chedid?



Goldman e seus inimigos

O líder do MDB na Assembléia Legislativa, Alberto Goldman, volta a sofrer as investidas de seus "inimigos cordiais" no MDB. Além do presidente Leonel Júlio, que desejaria a substituição do líder há algum tempo, por dificultar manobras (Leonel alega, entre outras coisas, o relatório apócrifo do Deops que envolveu Goldman com o PC), o senador Franco Montoro estaria "patrocinando" a candidatura do deputado Horácio Ortiz (Goldman identifica-se com a linha liderada pelo presidente opositor Ulysses Guimarães). Por fora, corre o nome do deputado "pirotécnico" Osório Silveira, da chamada direita do MDB, que inclusive defende a censura à Imprensa. Outros nomes em evidência: Manoel Sala, ex-limista, e Augusto Toscano, ligado a Leonel e presidente da Comissão de Terras da Assembléia, alvo de muitas e severas críticas dentro da bancada, mas que prefere respondê-las lançando uma marcha carnavalesca ("A Marcha do Diabo"). No meio das articulações surge a figura do 1º secretário da Assembléia, deputado Del Bosco Amaral (também ligado a Franco Montoro), cuja intenção seria candidatar-se ao Senado nas eleições de 78, com o MDB ou numa linha semelhante à democracia cristã. Del Bosco, que até hoje formou ao lado de Goldman, poderia eventualmente alterar sua posição, desde que aceitasse jantar em Santos em companhia do presidente Leonel Júlio.



Pirolito Pirolito Pirolito Pirolito Pi

● Não passou despercebida a gafe cometida outro dia pelos deputados estaduais paulistas. Somente o presidente da Assembléia, Leonel Júlio, e o líder Alberto Goldman, ambos do MDB, estiveram presentes à visita protocolar do chefe da Comissão Naval de SP e do comandante do I Distrito Naval ao Palácio Nove de Julho. Explicação oficiosa: "Nove horas é muito madrugada para deputado!" ● Outra gafe, no mesmo estilo: a missão oficial japonesa (de Osaka), ao visitar a Assembléia, teve que esperar uma hora para ser recebida pelo presidente Leonel (que estava na posse do novo comandante do II Exército). O detalhe: nenhum dos três deputados "oriundi" da colônia nipônica disse presente (Paulo Kobayashi, da Arena, e Koyu Iha e Jihei Noda, do MDB). ● O presidente da Arena paulista, Cláudio Lembo, ostentando sorriso de orelha a orelha: todas as manhãs recebe dezenas de dirigentes arenistas da Capital e do Interior, na sede do partido, nos porões da Câmara Municipal. E, de vez em quando, manda um funcioná-

rio arriscar um olho na sede do MDB (ao lado): como geralmente o MDB está vazio, Lembo toma um gole de Lindóia e, intimamente, deve lascar um "agora esse partido vai". ● Muito comentado na praça: um conhecido grupo da construção civil não teria feito bons alicerces, e teria se "especializado" em lançamentos de prédios. E a "política de lançamentos" estaria levando a empresa à concordata. Junto com ela "rodaria" também uma promissora agência de criação e relações-públicas. ● Chegando a São Paulo dia 28 um grupo de parlamentares franceses. Informa-se que querem ver de perto a chamada "distensão". ● Preocupado em dar embasamento político à Câmara Municipal paulistana, o presidente Sampaio Dória estaria se descuidando de seus núcleos eleitorais. Apesar de se garantir que Dória estaria muito mais preocupado com o contexto político do que com sua eleição, um assessor não teria deixado de prevenir: "Cuidado, há momentos em que se deve ter menos idealismo e mais votos!"

ECONOMIA



Klaus Kleber

"A comparação feita pelo deputado é, portanto, apenas mais um sintoma do emocionalismo com que vem sendo conduzido o debate sobre estatização, mantido aceso quase diariamente nas colunas dos jornais. Pouco adianta o presidente Geisel ter condicionado a criação de novas subsidiárias de empresas estatais à sua aprovação..."

Estatização. Um engano?

O chamado "debate sobre estatização" parece que está descambiando para a galhofa. O deputado Faria Lima (ARENA-SP), em discurso que pronunciou na última sexta-feira na Câmara Federal, disse que o grau de intervenção do Estado na economia do Brasil já é maior que o da Polônia. Será possível?

Pode ser que o deputado tenha informações que os analistas econômicos, de modo geral, desconhecem. O que se sabe é que na indústria polonesa, o controle do Estado é total nos setores mais importantes, como a indústria de base (máquinas e equipamentos pesados), de transporte, bens de consumo durável, matérias-primas industriais, etc. Nas poucas "joint ventures" ou associações existentes, sempre com o capital estrangeiro, a participação do governo polonês nunca é inferior a 50%. Quanto ao comércio, só está sob controle privado um pequeno setor, que atende geralmente a turistas. Os proprietários desse pequeno comércio livre estão, porém sujeitos ao pagamento de um imposto de renda pesadíssimo sobre os lucros, chegando até 60%.

O controle estatal é bem menos intenso na agricultura e pecuária, mas, mesmo assim, está muito longe do que ocorre no Brasil. O setor de fazendas coletivas não é muito extenso na Polônia, mas a produção rural é controlada por cooperativas administradas pelo governo.

Será que o deputado Faria Lima se enganou? Talvez tenha querido dizer "Iugoslávia" em vez de Polônia. Mas, mesmo que tenha cometido lapso geográfico, a sua afirmação causa estranheza. O regime iugoslavo é mais aberto que o da Polónia, com muitas indústrias e estabelecimentos comerciais sob o regime de "autogestão". Contudo, uma comparação com o que ocorre na economia brasileira parece completamente despropositada. Simplesmente porque não há empresários na Iugoslávia; apenas administradores, ou altos funcionários, que constituem a "nova classe". Não há, igualmente, mercado financeiro livre, sendo os bancos controlados diretamente pelo governo. Na agricultura, a grande propriedade inexistente.

A comparação feita pelo deputado é, portanto, apenas mais um sintoma do emocionalismo com que vem sendo conduzido o debate sobre estatização, mantido aceso quase diariamente nas colunas dos jornais. Pouco adianta o presidente Geisel ter condicionado a criação de novas subsidiárias de empresas estatais à sua prévia aprovação, no decidido propósito de satisfazer as queixas sobre a crescente estatização.

Mais recentemente, o debate foi colocado sob novo ângulo: em uma fase de dificuldades na economia, as empresas estatais podem ter melhores condições do que as empresas privadas. Realmente, isso pode acontecer, considerando que algumas empresas controladas pelo governo são de grande porte, estando menos sujeitas, portanto, às oscilações do mercado. O que parece lógico, em uma situação como esta, não é que se procure conter a expansão das empresas estatais, tão importante para a evolução da economia, mas sim que se estudem formas de apoio às empresas médias e pequenas.

Isto é justamente o que as autoridades pretendem fazer, como tem repetido insistentemente o ministro Reis Velloso. Até o começo de fevereiro, um novo programa deve estar esquematizado, e serão duplicadas as linhas de crédito às empresas de médio e pequeno porte.

Duvida-se muito, porém, que essas medidas, ou quaisquer outras que o governo venha a tomar, consigam abafar a inextinguível campanha contra a estatização. Tem gente sempre pondo lenha na fogueira.

Um novo clichê

Há aproximadamente 15 dias, quando foi apresentado ao Conselho de Desenvolvimento Econômico (CDE) o documento sobre o comportamento da economia brasileira em 1975 e perspectivas para 1976, os ministros que o subscreveram previram que o crescimento do PIB (soma dos bens e serviços produzidos) no país ficaria "consideravelmente acima da taxa de aumento demográfico".

Na semana passada, saiu o resultado: o PIB

cresceu 4% em 1975, o que causou decepção a muitos analistas. Como a taxa de aumento da população é estimada atualmente entre 2,5 e 2,8% por ano, a expectativa era de um crescimento de, pelo menos, 5%. Alguns jornais chegaram a prever que seria de 6%. Para 1976, as autoridades voltam a prever uma taxa de crescimento do PIB também "acima da taxa de aumento demográfico", expressão que parece ter-se tornado um novo clichê econômico.

O legítimo e o ilegítimo

Pode-se supor qual é a opinião de muitos banqueiros sobre a recente evolução do "open market". Mas nenhum deles diz nada no momento, esperando a "poeira assentar". Contudo, não é difícil saber qual a opinião do maior banqueiro particular do país, Amador Aguiar, que também não fala, mas que exprime seu pensamento com clareza por escrito. A opinião de Amador Aguiar sobre o "open" pode ser encontrada

no relatório do Grupo Bradesco de 1974. Lá está, para todos os que tiverem a curiosidade de conferir: o grupo Bradesco só opera no mercado aberto com Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional (ORTN) e Letras do Tesouro Nacional (LTN), papéis destinados pelo governo especificamente a essa finalidade. As operações com todos os demais papéis, são consideradas pelo Bradesco como "ilegítimas" (textual).

A CIDADE FAZ 422 ANOS.



CENTRO
CAMPESTRE
DO SESC
quando o lazer entra em cena.

Parar? Não parar?
O fato é que ela se agiganta,
fiel à vocação dos pioneiros e dos
que a eles se somaram para engrandecê-la. O que neste dia
destacamos é a contribuição do Comércio para o
esforço de humanizar a cidade de São Paulo.

25 Janeiro de 1976
José Edgard Pereira Barretto Filho
Presidente em exercício



FEDERAÇÃO DO COMÉRCIO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CENTRO DO COMÉRCIO DO ESTADO DE SÃO PAULO

SESC — SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

SENAC — SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM COMERCIAL

A FAZENDA HOTEL FONTE SONIA APRESENTA SUAS NOVAS INSTALAÇÕES

Piscina com-deck, cavalos para as crianças brincarem,
lagos para pesca, cascatas, bosques e jardins
na melhor estância climática do Estado de São Paulo.

PREÇO PARA CASAL CR\$ 250,00
TUDO INCLUIDO

Apartamento com café da manhã, almoço, chá e jantar,
saboreando os quitutes da fazenda.

Fazenda Hotel Fonte Sonia
Valinhos - Fone: 2300



Reservas com antecedência
pelos fones: 35-9505 e 33-2903.



À vontade, simples, acessível, o general Dilermando Gomes Monteiro, novo comandante do II Exército, deixou a imprensa desarmada, ao conceder entrevista coletiva no dia de sua posse. Mas os que o conhecem de perto estão acostumados com sua imagem.

DILÊ, MEIO CIVIL

— "Ele tem tudo de bom de um militar e tudo de bom de um civil".

O único político que ousou definir, em uma só frase, o general Dilermando Gomes Monteiro, infelizmente não está mais na ativa. Foi o ex-deputado estadual e atual professor de ciências políticas da Universidade Mackenzie, Amaral Gurgel, que ficou no vento e na chuva fina da noite de quinta-feira passada, em Congonhas, à espera da chegada do mais novo e mais importante morador da cidade (rua Groenlândia), o comandante do II Exército.

De terno claro, de verão, sem cigarros — procurando alguém entre os presentes para filar um —, Amaral Gurgel, também único civil presente (menos de 30 pessoas compareceram ao desembarque do general), justificava sua opinião e sua presença pela amizade adquirida quando foi colega, como aluno e professor, de Dilermando Gomes Monteiro na Escola Superior de Guerra, nas turmas de 1968. Como todos os repórteres, Amaral Gurgel não viu, nem chegou a dar o seu abraço no velho amigo: no primeiro dia em São Paulo, o general Dilermando driblou a imprensa, saindo do avião que o trouxe de Brasília direto para a residência de seu filho, o engenheiro Gustavo Damásio Monteiro, no Alto de Pinheiros.

Em meio à chuva e a decepção dos jornalistas, o ex-político Amaral Gurgel deixou Congonhas despercebidamente como chegou: " Vim como amigo, admirador, trazer o meu abraço. Na política, passei da prática para a análise, já faz muito tempo".

Mas como analista até que o professor Amaral Gurgel vai se saindo muito bem. Um sintoma de que alguma coisa havia mudado passou em branco por todo mundo ali mesmo em Congonhas, ofuscado pelo não aparecimento do personagem principal: pela primeira vez desde 1968, a ala oficial do aeroporto esteve completamente aberta à imprensa, sem qualquer restrição de trânsito, na chegada de uma alta autoridade militar brasileira.

Mas o sintoma maior seria dado na tarde do dia seguinte, depois de empossado no comando, quando as portas do auditório do QG foram abertas aos jornalistas para a primeira entrevista coletiva convocada pelo general-comandante. Tímidos, sem saber o que iria acontecer, 25 jornalistas (incluindo fotógrafos, cinegrafistas e auxiliares), que não precisaram de qualquer credencial especial ou mesmo de formular as perguntas por escrito antecipadamente, aguardaram apenas alguns minutos em companhia do Coronel Walter Fressati, chefe de Relações Públicas do comando. Havia um clima de tensão e surpresa em todos os profissionais de imprensa. Mas a surpresa maior seria dada mesmo pelo novo comandante do II Exército, ao chegar alegremente no auditório, acompanhado por seu ajudante-de-ordens (e sobrinho), o major Nei Borba, e pelo chefe do Estado-Maior, General Ferreira Marques, cumprimentando e sorrindo para todos.

Baixo, cabelos grisalhos, gestos ligeiros e palavreado solto de bom conversador, o general Dilermando Gomes Monteiro, de 62 anos, Matogrossense, oficial de infantaria com todos os cursos do Exército (inclusive o de Relações Públicas feito nos EUA), só não saiu aplaudido

do encontro com a imprensa porque todos os repórteres estavam perplexos — tão atônitos quanto estiveram ao longo dos 45 minutos de entrevista, quando gaguejavam para fazer as perguntas diretamente ao general, que mantinha total domínio da situação, bem à vontade.

— "A luz não me deixa ver bem a todos vocês, mas boa tarde! Antes de deixar que a conversa venha de lá pra cá, queria pedir desculpas aos senhores jornalistas que foram me esperar ontem. Queria assumir antes o meu comando. Eu converso com os jornalistas como converso com meus camaradas. Não costumo dar entrevistas, fazer declarações. Tenho limitações de um comandante de Exército. Conheço a curiosidade dos senhores. Dou liberdade de fazer qualquer pergunta, mas me deem a liberdade de não responder. Sempre que encontrar algum de vocês estarei à disposição. Costumo trabalhar com simpatia, amizade e cordialidade".

Depois de ouvir o General Dilermando Gomes Monteiro falar de seus 45 anos de serviço ativo, de sua conduta pessoal, de gracejar — ao dizer que "perguntas delicadas respondo com respostas delicadas" —; ou de vê-lo comentar em meio a uma resposta — "Não vou dizer que o presidente da República pode tudo, senão me dão pancada!" —; sem recusar resposta a qualquer assunto proposto timidamente, os jornalistas notariam sua própria perplexidade ao ouvir a observação de dois correspondentes estrangeiros (da TV alemã e do Daily Telegraph), à saída: "Por que os jornalistas quase não fizeram perguntas ao general?". Pura falta de hábito, respondemos.

— "Na vida particular ele é muito alegre. É um homem de sete instrumentos: toca violino, piano, acordeon, harmônica e chega a ser compositor. Na casa dos nossos avós, lá em Cuiabá, chegava às vezes a ter uma orquestra. Seu apelido em casa é Dilê, o diminutivo do nome, apenas."

Assim, Carlos Frederico Soares, secretário de Obras de Mato Grosso define o tio general. Ele veio para a posse e para uma espécie de encontro não previamente marcado entre vários parentes da família Monteiro, "um mundo de sobrinhos, tios e irmãos", que se reuniram para o primeiro fim-de-semana paulista do general comandante.

Querido da família — para a posse vieram parentes do Ceará, Rio de Janeiro e Mato Grosso. Esse sintoma de "boa praça" também familiar passou despercebido da imprensa na hora em que Dilermando assumiu o II Exército. Pois, nos dias seguintes, mesmo recém-incorporado à cidade e sua vida pública, soube dosar o tempo entre o trabalho e a família.

Ficou hospedado na casa do filho Gustavo, no conjunto de edifícios que compõem a "Ilha do Sul", um projeto urbanístico do arquiteto Takaoka, na Rua Padre Pereira de Andrade, onde o alto da Lapa e o alto de Pinheiros praticamente se encontram. Gustavo é engenheiro formado pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica, com curso de aperfeiçoamento nos Estados Unidos; mora há 4 anos em São Paulo, onde trabalha na Prodesp. Casado com dona Marilucci, tem 3 filhos. O general Dilermando tem, também, 3 filhos (Dalton, arquiteto que

mora no Rio; e Dileiza, que mora em Brasília são os outros dois) e 8 netos. Foi, inclusive, por causa de um dos netos que o general Dilermando deixou de ser Chefe da Casa Militar do governo Geisel: andava de bicicleta com um neto, pisou em falso na beira do meio-fio e trincou a base do fêmur. Recusou o convite do presidente.

O general Dilermando, filho de pequenos comerciantes de Cuiabá, tem 2 irmãos homens e 5 irmãs mulheres, todos espalhados pelo Brasil. Na família, civis e militares se misturam. Os dois irmãos são civis, mas das irmãs, duas casaram com militares: Dona Iracema, que mora no Rio e é viúva do general Ramiro Noronha; e Dona Imenis, que mora em Fortaleza e é casada com o general Aluísio Borba.

— "O doutor Gustavo saiu. O pai dele, que é general, o senhor sabe?, tá aí. Eles saíram tudo junto."

O porteiro dava essa explicação simples a quem, no sábado, procurasse ou perguntasse por alguém do apartamento 153, do bloco 7 do Edifício dos Pescadores um dos prédios do conjunto da Ilha do Sul. Não havia nenhum esquema de segurança na portaria central. E o sábado do general foi mesmo da família. A empregada da casa, por telefone, informava:

— "Saíram antes do almoço, não me avisaram nada. Acho que eles foram para o sítio do doutor Gustavo lá em Valinhos."

Morar em São Paulo não estava nos planos do general. O sobrinho secretário de Estado em Mato Grosso, Carlos Frederico, expressou a surpresa da família com a mudança repentina:

— "É bom que ele ficará mais perto de nós. Mas ele tinha até feito a maquete da casa que pretende construir em Brasília. Você sabe, ele gosta muito de trabalhos manuais e carpintaria."

O sobrinho confirma, com mais um dado, a imagem do homem modesto, comum: sua casa própria é um apartamento no Rio, na rua Miguel Lemos, em Copacabana, tradicional rua do Posto 5, onde os moradores cultivam uma política de boa vizinhança — há batalhas de confete nos carnavais e festas juninas promovidas em comum.

E a imprensa, ao cobrir os acontecimentos do domingo 25 de janeiro — 422º aniversário da cidade — encarregou-se de dar o toque final à imagem de homem comum do general. Pois, na segunda-feira, todos os jornais noticiaram sua presença na solenidade oficial em comemoração à data. Mas nem todos sequer notaram que o general Dilermando Gomes Monteiro, comandante do II Exército, em mangas de camisa junto com o filho engenheiro, assistiu em Interlagos ao Grande Prêmio Brasil 1976. E um dos jornais, a Folha da Tarde, nem mencionou seu nome na legenda da foto em que o general, sorrindo, aparece ao lado do governador Paulo Egydio e do prefeito Olavo Setúbal, no momento em que o vencedor Niki Lauda recebe a taça da vitória.

Nesse dia, a segunda-feira, o general Dilermando Gomes Monteiro assumiu na prática, o comando do II Exército.

Hamilton Almeida Filho

"Pretender não ter coisas na área política seria o mesmo que tentar esquecer que em toda a nossa história republicana e do Império caminhamos para um Modelo Político brasileiro, buscando uma auto-afirmação na política, como a estamos fazendo na área econômica. Caminhamos para encontrar uma fórmula equivalente à nossa correção monetária, genuinamente nossa e que resolveu muitos dos nossos problemas. Mas não podemos cometer os erros do passado, de pretender que essa fórmula seja expressa meramente pela outorga de uma Constituição, que nada mais é do que um pedaço de papel escrito; não podemos cometer o erro do passado, de termos a pretensão de voltar ao liberalismo político, que absolutamente não está mais de acordo com os dias que vivemos. Mas não desejamos tampouco um regime totalitário nem ditatorial. O tripé é uno e indivisível: o político, o econômico e o social. Há que fugir de fórmulas de gabinete, de formas intelectualizadas; procurar sentir efetivamente o anseio de nosso povo, não partir de idéias preconcebidas e buscar com calma, paciência e tranquilidade aquilo que não seja obra de um — mas que seja obra de uma coletividade." Paulo Egydio em 21.1.76, na Bolsa de Valores)

PAULO NÃO PODE PARAR



As mais recentes declarações do governador Paulo Egydio Martins deixam mais do que evidente que ele retoma, a partir de agora, a linha de agressividade em favor de um processo de distensão política cujo final será a abertura democrática. Deixar de estabelecer uma relação entre o comportamento do governador paulista e os fatos políticos mais recentes (embora haja o desejo de se dar uma conotação tipicamente militar à substituição do general Ednardo D'Ávila no comando do II Exército) seria infantilidade, ou — pior do que isso —, como bem definiu uma "velha raposa" da política brasileira, "desonestidade intelectual e política".

É evidente que a troca de comando teve reflexos políticos no contexto nacional. Principalmente ao se levar em conta que São Paulo hoje é um Estado que deixou de ser apenas o eixo econômico desta República para transformar-se também em eixo político. O resto do País não pode mais cultivar os antigos hábitos de avestruz e ignorar a importância política de São Paulo. A própria escolha de Paulo Egydio Martins para governar este Estado refletiu o desejo do presidente Ernesto Geisel de encarar realisticamente o quadro nacional: o governador paulista não é um simples aliado de Geisel, mas deve ser visto como o autêntico porta-voz do presidente da República localizado no Estado mais importante — política e economicamente — da Federação. Afirma-se que os líderes autênticos devem ser o retrato de seus Estados: em São Paulo, Paulo Egydio amoldou-se — desde o primeiro instante — à imagem de seu Estado, consciente de que este seria o "carro-chefe" das grandes decisões nacionais, em todos os campos. Dessa forma, não foi por acaso que Paulo Egydio abriu os comícios e a campanha de 1974 fazendo o "jogo eleitoral". Que maior estímulo as lideranças políticas (principalmente o MDB, àquela altura ainda "encolhido") poderiam ter senão a participação ostensiva, direta, do então futuro governador dos paulistas no jogo dos palanques, na guerra pelos votos?

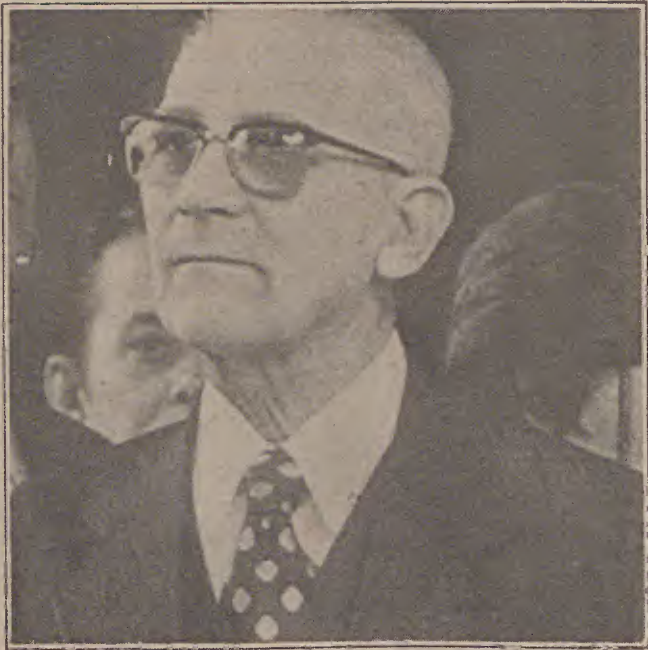
— Presidente Castelo, quero colocar meu cargo à sua disposição.

Pouca gente sabe, mas já em 1966, quando se realizava em São Paulo a prévia da Arena para a escolha do governador, sob a batuta do hoje cassado ex-deputado Arnaldo Cerdeira, Paulo Egydio Martins era o candidato do então chefe do Gabinete Militar da Presidência da República, o general Ernesto Geisel. A prévia apontaria uma lista tripla de onde o então presidente Castelo Branco escolheria o sucessor de Laudo Natel (em seu primeiro governo). A apuração dos votos apresentou o seguinte resultado: 1. Abreu Sodré; 2. Laudo Natel; 3. Paulo Egydio e Sílvia Fernandes Lopes.



O político e três presidentes: Castelo, Médici e Geisel.

A nomeação de Egydio foi a vitória do grupo de Golbery, o castelista



Composições de última hora acabaram desfazendo (com a tradicional habilidade de Cerdeira) a lista tríplice e, para se atender a um conjunto de circunstâncias, Abreu Sodré foi o escolhido. Paulo Egydio, na época, procurou o presidente Castelo Branco. O diálogo foi mais ou menos esse:

— Presidente, quero colocar o meu cargo à sua disposição (ele era ministro da Indústria e Comércio).

O presidente Castelo não piscou:

— E desde quando, sr. ministro, os cargos de meus auxiliares não estão à minha disposição?

Paulo Egydio permaneceu à frente do Ministério da Indústria e Comércio.

Em 1973, o conhecimento dessa realidade provocou o rompimento do então governador Laudo Natel com o deputado Rafael Baldacci. Até ali, Baldacci era oficiosamente apontado como o coordenador político de Laudo, para desespero das demais correntes políticas que cercavam o ex-governador, entre eles Ademar Filho, Salvador Julianelli, etc. Rafael Baldacci, ex-chefe de gabinete do ex-prefeito Faria Lima, tinha compromissos anteriores. Se Faria Lima chegou a ter seu nome cogitado para a Presidência da República, um pouco antes de sua morte, na sucessão de Costa e Silva, este fato se devia à sua ligação com o chamado "grupo castelista", que tinha como expoentes os generais Ernesto Geisel e Golbery do Couto e Silva. Em 1973, quando se começou a colocar o problema sucessório paulista, Baldacci não tinha opções: como líder limista e integrado no novo esquema de Governo, sabia que a realidade não era a pretendida pelo ex-governador Laudo Natel, cuja base de apoio situava-se no tripé Médici/Lyra Tavares/Delfim Neto.

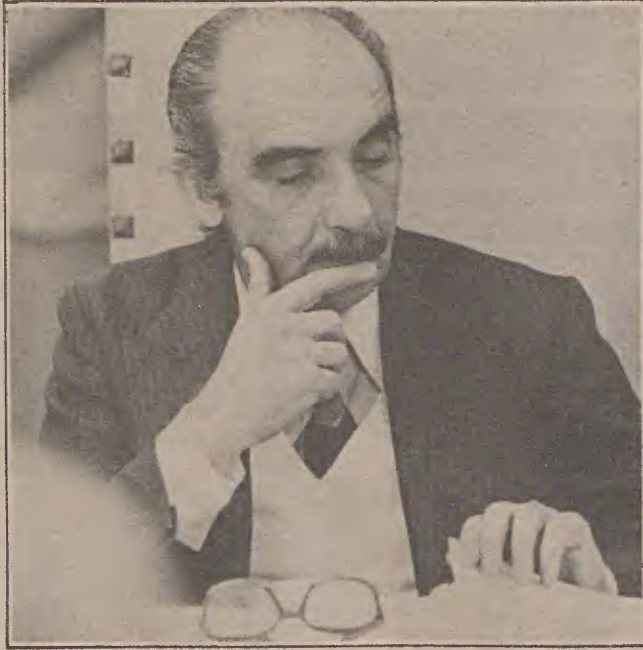
O candidato de Laudo Natel à sua sucessão era o então ministro da Fazenda, Antônio Delfim Neto. O candidato de Rafael Baldacci (visto por Brasília como a "liderança autêntica" da Arena de São Paulo, fato que mais tarde se confirmaria com os seus 147 mil votos obtidos justamente no ano da "tempestade emedebista" de 1974) era Paulo Egydio Martins.

O atual Secretário do Interior foi classificado de "traidor".

O rompimento — público — foi inevitável. A partir dessa colocação (e do informe transmitido por Baldacci a Laudo, de que Paulo Egydio seria o governador), o atual secretário do Interior foi classificado de "traidor", ao mesmo tempo em que se procurava minar a atuação dos limistas colocados em postos governamentais.

Desde a véspera da indicação, quando se ia cristalizando o nome de Paulo Egydio para a sucessão paulista, podia-se perceber claramente que o ex-ministro da Indústria e Comércio, há muitos anos somente dedicado à atividade empresarial, procurava se atualizar política-

Mas Rafael Baldacci, coordenador político de Laudo, queria Paulo Egydio



mente. A orientação do escritório do Largo da Misericórdia, do Rio, começava a se definir, até mesmo pela simples audiência a políticos de todas as áreas.

A posse do presidente Geisel abria novas perspectivas políticas para a Nação. Após a euforia do campeonato de futebol no México e a marcha-à-ré dos 12% de Delfim, fatos estes intercalados com a ação subversiva (que não obteve apoio popular), havia necessidade de se deixar escapar o ar da panela de pressão. E o resultado foi a realização das eleições mais limpas e livres dos últimos 20 anos da história brasileira, culminando com a vitória da Oposição nos Estados brasileiros mais importantes.

Não só o Governo, mas também o MDB evidenciava cautela.

Dentro desse quadro, Paulo Egydio, na postura de futuro governador de São Paulo, entrosou-se com os políticos arenistas mais experientes e não desprezou contatos com lideranças emedebistas. E, no instante em que o seu antecessor, Laudo Natel, se encolhia (aliás no estilo de "governador administrativo", do período Médici), Paulo Egydio ia aos palanques carregando nos ombros a candidatura do então senador Carvalho Pinto. Cometeu os chamados "exageros de campanha", afirmando textualmente em vários comícios que governaria com o "mapa das apurações na mão". Esses exageros, criticados publicamente pelos emedebistas e nos bastidores, entre sorrisos irônicos, pelos arenistas, teriam possibilitado uma abertura maior da campanha eleitoral, transformando o MDB de "partido tímido" em "partido agressivo".

Os resultados das eleições de 1974 foram surpreendentes. Surpreenderam não só ao Governo, como também à Oposição. Sabia-se que o MDB não tinha quadros suficientes para se transformar em partido majoritário na Assembléia Legislativa de São Paulo, nem na bancada federal paulista da Câmara dos Deputados. O Senado eram outros quinhentos: a evolução da candidatura de Oreste Quêrcia era evidente e se tratava de eleição majoritária. Não bastasse o "fenômeno" emedebista, a candidatura Carvalho Pinto também conspirava contra os arenistas. O professor chegou a cogitar sua renúncia, pois, doente, não poderia participar ativamente da campanha. Ele, que na Arena havia sido escolhido por se tratar do nome que menos dividia o partido, acabou não somando. Pouquíssimos candidatos a deputado fizeram sua campanha: preferiam admitir o voto de seus prováveis eleitores em Quêrcia do que se arriscar a perder seu eleitorado.

Após a "tempestade eleitoral", o recuo de posições era inevitável. Não só o Governo, mas também o MDB evidenciava cautela. E, entre os oposicionistas, havia que superar euforias dos "cristãos novos", que já posa-

Laudo Natel queria ter Delfim Neto como sucessor



vam para uma liderança popular que na verdade não lhes pertencia: muitos haviam sido eleitos graças ao "furacão" que varreu o País, resultado da soma de vários fatores, entre eles prioritariamente o chamado "voto de supermercado", refletindo o descontentamento com o custo de vida.

Paulo Egydio, até a posse, iria se manter numa posição defensiva, de expectativa, como era natural: o lento, porém gradual, processo de distensão política preconizado pelo presidente Geisel havia avançado demais, fora de controle. Um pouco antes de sua posse no Palácio dos Bandeirantes, Paulo Egydio dizia enfaticamente:

— Não sei quando se poderá anunciar o novo Modelo Político Brasileiro; a fase deve ser de se ouvir todos os setores. Há um problema de "timing".

Mas o então futuro governador, no seu escritório da avenida Brasil, deixava claro que esperava poder fazer o anúncio antes do término do mandato do presidente Geisel.

Após a posse dos novos deputados estaduais e federais, o comportamento dos "cristãos novos" emedebistas viria demonstrar que, apesar de alguns exageros, de imaturidades, se poderia esperar alguma coisa da representação parlamentar recém-eleita. Em São Paulo, após um início de legislatura marcada por algumas dificuldades e intransigências (como a recusa, pelo MDB, da suplementação orçamentária, para logo depois aprovar a toque-de-caixa um crédito externo de 300 milhões de dólares, mais ou menos o mesmo valor anteriormente solicitado pelo Governo estadual), o relacionamento foi mais do que razoável, com o líder do MDB, deputado Alberto Goldman, "toureando" uma bancada que, no mínimo, reúne pelo menos meia dúzia de tendências.

A ausência de uma Casa Civil acabou levando o governador a um desabafo.

Os episódios que se seguiram podem ser considerados politicamente normais. De um lado o governador Paulo Egydio tinha dificuldade em seu relacionamento com os próprios políticos arenistas pela ausência total de uma Casa Civil (os parlamentares preocupavam-se, nas suas audiências, em tratar de problemas eleitoreiros, como comissionamentos, etc.). De outro, os emedebistas mais experimentados tinham que contornar situações de "crise" na bancada estadual, já dividida em duas grandes correntes — os "montoristas" e os "quercistas", sem se contar com os deputados da "terceira linha", que perigosamente apareciam aos olhos do público como tentados a "ressuscitar" a velha "turma da pesada". Nesse caso, a "filosofia" seria a de criar dificuldades para se "vender" facilidades.

A ausência de uma Casa Civil acabou levando o governador a um desabafo numa reunião em palácio

Falava-se em novo retrocesso político. Então, o general Ednardo saiu



com deputados estaduais. Esse desabafo acabou se tornando público no instante em que um deputado fez confidências para dois jornalistas, relatando a reunião. E estava próxima a convenção nacional da Arena, que acabou numa tentativa de "faturamento" de políticos anti-Paulo Egydio, ao lado de oposicionistas tentados a ganhar destaque no noticiário.

Contornada a crise — mesmo porque os emedebistas de São Paulo consideraram "anti-ético" envolver-se em problema interno da Arena — Paulo Egydio voltava a uma posição de resguardo, interrompida com novas declarações (notadamente durante suas viagens ao Interior) sobre a decantado Modelo Político brasileiro.

No fim do ano, novo retraimento de Paulo Egydio. E justamente nessa fase é que o seu novo chefe da Casa Civil, Arrobas Martins, que preferiu oficialmente ficar afastado sete meses do Governo para aposentar-se com todas as regalias no Tribunal de Contas do Estado, lançou a idéia do "Poder Moderador", nas mesmas bases de um estudo publicado em 1972 pelo vice-governador Manoel Gonçalves Ferreira Filho. Nesse ínterim, falecia o jornalista Vladimir Herzog, nas dependências do II Exército. E o governador sequer recebia os jornalistas: entendia que qualquer pronunciamento poderia ser "explosivo", ao mesmo tempo em que se reunia com lideranças de vários setores. Ao final dessa crise, uma constatação: o eixo político nacional estava, em definitivo, fixado em São Paulo, e o comportamento maduro de toda a comunidade havia freado um possível "endurecimento".

A segunda crise séria viria com a divulgação de um relatório apócrifo do Deops, envolvendo três deputados (os dois ex Nelson Fabiano e Marcelo Gato, mais o líder do MDB Alberto Goldman). Mas os três nomes não constavam do inquérito oficial enviado à 2ª Auditoria Militar. Mas Fabiano e Gato desconheciam o fato, e fizeram declarações (não desmentidas apesar da influência de setores governamentais, destacando-se no episódio a atuação do secretário George Oswald Nogueira. Segundo George, se o relatório era apócrifo, não havia sentido nas declarações). O que disseram justificou a aplicação do Ato Institucional nº 5: Paulo Egydio havia esgotado todos os recursos — e o problema se encontrava na esfera federal.

Em seguida, houve o noticiário dos jornais, segundo o qual Ulysses Guimarães, o presidente nacional do MDB, poderia ser punido por promover "campanha eleitoral" no Norte/Nordeste, numa viagem de proselitismo político. No momento em que parecia que as crises levariam o País a um novo retrocesso político, o general Ednardo D'Ávila era substituído no comando do II Exército, pelo general Dilermando Gomes Monteiro, que, por ter sofrido um acidente, não assumira a chefia do Gabinete Militar da Presidência da República. Relacionamento anterior à parte, o fato é que o general Dilermando, já em suas primeiras entrevistas, fez referência ao governador Paulo Egydio, como o homem político do Estado.

E Paulo Egydio volta a falar em Modelo Político brasileiro, um Modelo sem qualquer viabilidade se for interrompido o processo de distensão.

José Carlos Bittencourt

NÃO MUDA NADA EM 76, MAS A ARENA TEM QUE SE MEXER

Quarta-feira da semana passada, 48 horas depois do brusco afastamento do general Ednardo D'Ávila Melo do comando do II Exército, Cláudio Lembo, presidente da Arena paulista, falava numa concentração popular (não só arenista) em Osasco. O auditório estava frio. Mas levantou-se para aplaudir longamente esta frase: "O presidente Geisel é um homem de atitudes firmes e corajosas".

— "Foi a maior ovação que já recebi" — diria mais tarde o jovem presidente arenista.

Na última semana de outubro passado, uma pesquisa de opinião pública feita pelo Instituto Gallup revelava que o índice de popularidade do presidente da República caíra aos níveis mais baixos desde sua posse. Naquela última semana de outubro, o jornalista Vladimir Herzog fora encontrado morto numa cela do DOI de São Paulo.

Não é possível uma análise precisa do momento político a partir desses simples elementos. Muito menos uma previsão para o futuro. Entre outubro de 1975 e janeiro de 1976, outros fatos aconteceram: a cassação dos mandatos de dois deputados da oposição e outra morte misteriosa nas celas do DOI, a do operário Manuel Fiel Filho, para citar apenas dois.

Algumas coisas, no entanto, ficaram suficientemente claras. Em primeiro lugar, não é o uso da autoridade do presidente, em toda a sua plenitude, que impopulariza o governo. Isto, aliás, ficou demonstrado quando as pesquisas do mesmo Instituto Gallup acusaram os picos do presidente no mês de agosto do ano passado, época da cassação do mandato do senador Wilson Campos.

O que impopulariza é o abuso da autoridade, cometido por outros órgãos, muitas vezes à revelia do presidente, especialmente no delicado terreno dos direitos humanos. O general Geisel obteve uma das suas maiores vitórias políticas quando veio a São Paulo, depois da morte de Herzog, e recolocou as coisas nos seus devidos lugares. E o presidente da Arena local foi aplaudido quando disse que o presidente da República era um homem de atitudes "firmes e corajosas", numa clara alusão ao afastamento do general D'Ávila Melo, talvez o gesto de maior autoridade de um chefe do governo revolucionário.

A cassação dos mandatos dos deputados Nelson Fabiano e Marcelo Gato não tem o mesmo valor, como indicativo de que uso ou abuso do poder leva impopularidade. Ficou suficientemente claro que esses dois deputados perderam os mandatos e os direitos políticos mais por imaturidade do que por um elevado grau de envolvimento com as atividades do Partido Comunista. Esse envolvimento não era o suficiente para justificar o recurso extremo da cassação. Fabiano e Gato, de certa forma, morderam uma isca, reagindo à publicação de um inquérito que, por si só, não significava muito. Pelo menos, não significava necessariamente a condenação pela Auditoria de Guerra.

A intervenção do general Geisel em São Paulo foi de tal forma enérgica, rápida e autoritária, que não deixou ao comandante do II Exército outra escolha senão um pedido de transferência para a reserva. Significa um "basta" aos abusos praticados em nome da repressão às atividades consideradas subversivas.

Politicamente, este é o sentido de distensão mais importante que o gesto de Geisel possa ter: o respeito aos direitos do homem e do cidadão, como base e pressuposto de toda sociedade civilizada. Talvez ainda seja cedo para compreender toda a importância deste passo à frente.

Quanto à outra distensão, aquela mais convencionalmente entendida pela classe política, não há indícios de que 1976 seja o ano indicado para a sua colocação prática. O governo Paulo Egydio, uma das peças principais da distensão política, reagiu imediatamente quando disseram que poderia reativar uma frente de governadores, de apoio ao presidente, depois das mudanças no II Exército.

Egydio é um dos homens mais bem informados do Brasil. Ele sabe que — sem contar, evidentemente, a alteração no comando militar em São Paulo — nada indica que o general Geisel esteja disposto a retomar o caminho no qual, estrategicamente, recuou em algumas oportunidades.

Uma série de fatos demonstra que Egydio está certo. O presidente ordenou à Arena que defenda o AI-5 e todos os outros instrumentos da legislação de exceção. (E, com isso, esvaziou o debate que o senador Marcos Freire havia proposto, para este ano, sobre a reforma da Constituição, no capítulo referente ao Estado de Sítio).

A idéia de Freire não é nova. Há alguns anos, ela foi proposta pelo então deputado arenista Etelvino Lins. O



que lhe deu importância, agora, foi exatamente o fato de ter sido apresentada por um insuspeito senador da oposição. Incorporar parte do AI-5 na Constituição é um grande avanço da oposição nacional no caminho do entendimento.

As restrições impostas à pregação política de Ulysses Guimarães, na viagem ao Norte e Nordeste, e as alterações para que a campanha municipal seja realmente municipal, indicam tudo, menos distensão. Ao mesmo tempo, no entanto, são a melhor prova de que o governo deseja cumprir o calendário eleitoral. E cumprir para ganhar. Mesmo que seja preciso intimidar a oposição. Porque seria ingenuidade supor que tudo o que aconteceu e está por acontecer tenha como objetivo único colocar em perigo a cabeça calva do experiente Ulysses.

Da mesma maneira como o afastamento do general Ednardo é medida tão forte que só pode significar que o governo não vai mais tolerar abusos contra os direitos humanos (se não significasse, para que afastar o general?) esse afastamento prova o empenho em vencer as eleições.

Porque é evidente que, com a atitude de Geisel, o MDB perdeu uma das suas bandeiras mais preciosas: a defesa dos direitos humanos. E a oposição já percebeu isso. E terá de reorganizar o seu programa de campanha. Há alguns tempos, Ulysses Guimarães já se preocupava com o que poderia acontecer durante essa campanha e dizia não compreender por que se estava dando tanta importância a um simples pleito municipal.

Para o governo, no entanto, é um teste decisivo. Se a Arena perder de maneira humilhante, as consequências serão realmente imprevisíveis. Num sistema bipartidário, o que está em julgamento não são os partidos, mas sim o governo, com o qual um dos partidos se identifica.

Por isso, para o governo, é fundamental vencer as próximas eleições. Ganhando, terá autoridade para promover, na legislação eleitoral e partidária, as alterações que achar convenientes. E não há dúvida de que o governo deseja essas alterações, que já foram discutidas — como teses é verdade — nos seus escalões mais altos: mais partidos, voto distrital e, o que é mais importante, a alteração das regras do jogo para 1978, com a volta ao sistema de voto indireto para governador de Estado.

Tudo isto leva a crer que nada será feito em matéria de distensão no ano de 1976. Até porque há algumas preocupações quanto ao desempenho da nossa economia. Um ano durante o qual não seja possível refrear a inflação e o custo de vida e devolver aos salários, pelo menos em parte, o seu real poder de compra, não é ano apropriado para grandes reformas institucionais. Pelo menos, é isto que doze anos de Revolução têm mostrado.

Sem contar que, em 1976, o presidente terá de pensar no encaminhamento de sua própria sucessão. O restrito colégio eleitoral que decide nessa matéria sofrerá alterações em seus quadros, pelas promoções e transferências para a reserva de vários oficiais gerais.

Se fosse possível arriscar uma previsão, o previsível é que a estrutura partidária e eleitoral ficará a mesma; que o MDB fará uma campanha mais moderada; que a Arena receberá alfinetadas do governo para se mexer mais; que os governos estaduais engajarão suas máquinas para definir a seu favor as eleições em muitos municípios do interior; e que o presidente da República exercerá todo o seu poder, na plenitude da autoridade, porque tudo leva a crer que esse é, no momento, o objetivo principal.

Ennio Pesce

Fique tranquilo. São Paulo está no seguro.



Olhe ao seu redor.

Cada uma das riquezas que você vê em São Paulo são suas, e estão sob a proteção da COSESP - Companhia de Seguros do Estado de São Paulo: uma grande Seguradora do Governo Estadual para garantir o patrimônio público.

Mas não são só obras, empresas e bens estaduais que a COSESP protege.

Empresas privadas também.

Assim como você, e a sua família.

Pois além da sua responsabilidade para com o Estado, ela oferece ainda uma extensa e diversificada linha de serviços aos particulares: seguros para automóveis, vida em grupo, acidentes pessoais, incêndios, transportes, lucros cessantes, crédito interno, crédito à exportação, fidelidade, res-

ponsabilidade civil, rural e riscos diversos.

Lembre-se de tudo isso ao procurar uma companhia de seguros, e pense grande: escolha aquela capaz de atender a um cliente do tamanho de São Paulo.

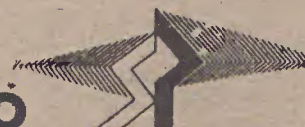
Consulte o seu corretor ou chame a COSESP.

Você terá a mesma proteção que um Estado inteiro



COMPANHIA DE SEGUROS DO ESTADO DE SÃO PAULO

Rua Conselheiro Crispiniano, 72 - Telefone: 239.2911 - São Paulo



São Paulo - ponte do
progresso nacional.

CONSUMO



Zuleica Seabra Ferrari

Agora começa na prática a coluna de Zuleica Seabra Ferrari em defesa do consumidor. Na edição passada, ela apresentou os 10 Mandamentos do Consumidor; nesta, começa a responder a consultas providenciadas pela própria redação, para o lançamento da coluna. Zuleica faz também vários pedidos aos leitores.

Uma lâmpada cara que queima no primeiro minuto

Compramos duas lâmpadas Philips Comptalux "K" segunda-feira passada, com o chamado Bulbo Prateado. Bela iluminação, mas 10 minutos depois de ligadas, uma a uma, com diferença de segundos, as duas deram um estalinho e apagaram para sempre, queimadas. Será que elas só servem para algum uso especial, será que são sensíveis a certos ambientes, o que há com as lâmpadas Philips Comptalux? Nos envólucros, não havia nenhuma "bula", nenhum aviso. E custaram, cada uma, Cr\$ 11,20. Amâncio Chiodi

É muito importante exigir e guardar as Notas Fiscais. Ajuda-se o governo na fiscalização da cobrança de impostos e tem-se prova da compra de um objeto que pode não ser satisfatório. Munido da Nota Fiscal, o comprador das lâmpadas deve dirigir-se ao gerente do estabelecimento onde foram adquiridas. Mas a troca ou ressarcimento vai depender da boa vontade dele, pois uma ação judicial por um dano tão pequeno é impraticável no Brasil. Há países que possuem organismos judiciários onde os reclamantes, sem precisar de advogado, podem pedir uma reparação por pequenos danos. O processo é sumário. No Brasil, o processo sumário não é tão sumário assim, pois o organismo judiciário é sobrecarregado, lento, e não existe possibilidade de reclamação sem advogado. Há juristas tentando a reforma do sistema judiciário, mas a própria Ordem dos Advogados é contrária à possibilidade de particulares recorrerem à justiça sozinhos. Advogados não trabalham de graça (nem a Ordem quer isso, a não ser em circunstâncias muito especiais).

Entretanto, se quisermos que o consumidor seja respeitado pelos comerciantes, nunca devemos deixar de reclamar, mesmo sem esperança de ressarcimento. Se muita gente fizer isso, o aborrecimento que os gerentes terão será tanto que eles começarão a ter cuidado e a evitar a venda de maus produtos. Também é bom lembrar: muita justiça é feita apenas para evitar amolação a certos "superiores".

Será importante que outros que tiverem o mesmo problema escrevam para AQUI, pois o volume das queixas pode despertar a Philips para um problema que ela desconhece, e que pode ser corrigido em benefício de todos e dela também. Às vezes basta um folheto anexo ao produto, com recomendação de certos cuidados.

Não é cinema

Esta semana resolvi fazer uma peixada com coco; e comprei o coco — por Cr\$ 3,70 — no supermercado mais próximo, um Morita, na antiga avenida Central. Instruí a cozinheira e fui trabalhar. Ao voltar para casa, certa do jantar, a empregada informa: o coco estava podre. A quem reclamar? Ao supermercado, ao coqueiro, à Bahia? Outra coisa: este supermercado quase não põe preço em nada, e o preço só é sabido quando passamos pelo caixa. Eles não são obrigados a botar preço em tudo? Cristina Soares.

O problema do ressarcimento é o mesmo do caso anterior. É uma pena não existirem organismos judiciários para pequenas reclamações, de rito sumário mesmo. Muita gente que assiste a certos filmes americanos acredita que são apenas os advogados brasileiros que não querem trabalhar direito — nos filmes as soluções parecem tão rápidas! Alguns não querem trabalhar mesmo, mas é importante que o povo conheça a diferença entre o funcionamento da Justiça no Brasil e em outros países (na França, onde existem muitas organizações de Defesa do Consumidor, continuam as queixas de falta de defesa por culpa do organismo judiciário, moroso como o nosso).

Por outro lado, os supermercados não estão obrigados a colocar preço nas mercadorias. Mas colocam em quase todas, não apenas para facilidade dos consumidores, mas deles próprios. Obrigados eles são, como qualquer comerciante, a colocar em local bem visível uma lista de preços dos produtos tabelados pela SUNAB (alguns, como o arroz e o açúcar, já vêm com o preço estampado na embalagem). Entretanto, se em determinado supermercado for frequente a ausência de preços em muitos produtos, isso reflete a má administração. Convém reclamar com o gerente todas as vezes e estimular amigos e amigos a reclamar também. Se a ineficiência continuar,

tentar falar em grupo (incluindo um homem forte) com o superior do gerente, ou seja, com algum membro da diretoria.

Convém, ainda, destacar o seguinte: controle da sanidade de verduras, frutas naturais, legumes, ovos e carnes vendidos em feiras-livres, empórios, mercadorias e supermercados é da competência da Prefeitura. Procurar as Administrações Regionais, setor de Fiscalização Sanitária (se possível munido do produto). Produtos industrializados são da responsabilidade do Estado. Procurar Centros de Saúde com o alimento suspeito (e não esquecer de guardar o comprovante da compra). Entretanto, até que o Estado aumente o número de laboratórios encarregados das análises, o Instituto Adolfo Lutz não dará conta do trabalho que passará a ter.

Palmito duro

Na semana passada, comprei um vidro de palmito Argolão. Na prateleira pareciam enormes, mas ao tirá-los do vidro em casa, vi que eram bem menores: o vidro funcionava como lente. Além disso, da meia dúzia de pedaços de palmito, mal pude aproveitar três — os outros estavam duros como madeira. Queria saber quem me protege desses trambiques. Dácio Nitri.

Por enquanto não vejo o que possa proteger contra esses "trambiques". Um sistema de controle de qualidade obrigatório nas indústrias diminuiria o problema, embora não o resolvesse completamente. Isso já existe na indústria automobilística e, apesar disso, o número de problemas é grande. Já encontrei diversos pronunciamentos de homens públicos prometendo ou exigindo lei nesse sentido. Pensam em criar um "Selo de Qualidade". Vamos esperar.

Quanto ao fato de o vidro do Palmito Argolão funcionar como lente, isso só engana na primeira compra. Se a indústria melhorar a qualidade do produto ele pode até ser comprado, apesar de o artifício irritar o comprador.

Preço e lista

Como me oriento quanto ao problema de diferenças de preços entre, por exemplo, bananas em feiras livres e supermercados? Existe algum órgão regulador dos preços e uma lista de gêneros básicos? Como comprar para comprar mais barato? Existe algum órgão que publique essas informações? Como economizar? Aparecida Alegre.

Só acho possível, por questão de tempo e distância, comparar preços de mercadorias do mesmo tipo na mesma feira e no mesmo supermercado. Então a solução será óbvia, se conhecermos a qualidade de cada uma. Às vezes o produto mais caro é melhor mesmo, mas podemos preferir o mais barato que também atenda a nossas necessidades. O órgão regulador de gêneros alimentícios é a SUNAB, mas são poucos os produtos tabelados atualmente. Ela não fornece listas dos produtos tabelados; expede a portaria do tabelamento (que é publicada) e cada comerciante fará a sua lista de acordo com seu gênero de negócio e irá afixá-la em lugar visível. Se alguém desejar conhecer as portarias em vigor, pode dirigir-se à SUNAB, av. 9 de Julho 695, e procurar a Secretaria ou a Divisão de Estudos e Pesquisas.

Quanto aos objetos de consumo em geral, existem algumas revistas que têm o bom-senso de exibir os objetos (principalmente roupas e acessórios) e indicar o local de compra e o preço. Fica aqui a sugestão para que toda revista ou jornal que exibir objetos com o objetivo de aumentar o seu consumo comunique, pelo menos, o preço médio. Você que nos escreve e os leitores em geral podem cooperar, "checando" se as informações são corretas (e informando através de AQUI) Aliás, o Millôr, na Veja nº 385, de 21 de janeiro, enumerou entre os itens do seu Breviário da Total Liberdade: "12) E todos receberão o Catálogo de Todas as Coisas que existem, com índice onomástico e preços correspondentes." Pode-se achar graça por ser impraticável, mas é uma verdade muito séria.

Um mistério

Antigamente, um fotógrafo profissional (jornalista, digamos) operava normalmente 100 pacotes de filmes (cada pacote são 20 rolos) por ano. Era muito difícil, nessa quantidade toda, uma bobina com defeito. Agora, em cada pacote vêm sempre dois ou três rolos com defeito. Bobina torta não roda, oval em vez de redonda. O defeito começa no papel onde é embrulhada a bobina — grosso e de má qualidade. E na América Latina, o Brasil é o lugar onde o filme é mais caro. Por exemplo: na Venezuela, o filme para Super-8, Kodak, custa 25 cruzeiros; aqui, são

99 cruzeiros. O filme para slide Kodak, lá custa 18 cruzeiros; aqui, 64. Geraldo Guimarães.

Se a reclamação é geral, está ameaçada a imagem da Kodak, e o esclarecimento do público sobre o assunto pode ameaçar seu faturamento. Assim, passo a palavra aos técnicos que conheçam a questão e, especialmente, à própria Kodak.

Os impostos

Temos em mãos os impostos prediais de 1975 e 1976 do mesmo imóvel, e verificamos que não houve uma alteração da porcentagem da taxa a ser cobrada, mas houve uma alteração no cálculo do valor venal do imóvel. Abaixo, fornecemos um quadro dos lançamentos de impostos, para comparação:

1975 — Terreno e Construção: área, 1.045 e 230 metros; valor do m², Cr\$ 867,20 e Cr\$ 867,20; fatores de correção, 0,8080 x 1.000 e 1,00 x 1.000; fração ideal, 0,0426; valor, Cr\$ 31.192,00 e Cr\$ 199.456,00 (total do valor, Cr\$ 230.648,00. Com o desconto de 25%, valor corrigido de Cr\$ 172.986,00); total lançado, Cr\$ 2.592,00.

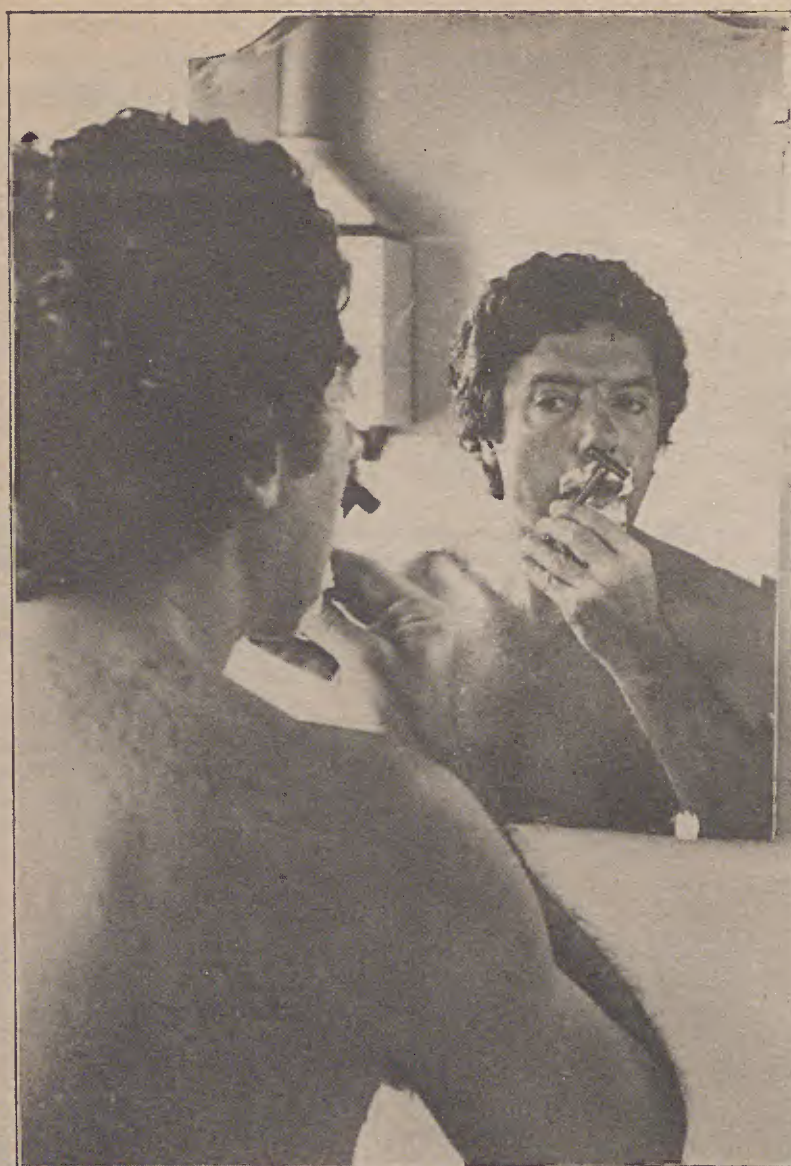
1976 — Terreno e Construção: valor m² (mesma área), Cr\$ 1.387,00 e Cr\$ 1.500,00; com os mesmos fatores de correção e fração ideal, o valor passou a Cr\$ 49.890,00 e Cr\$ 345.000,00 (total Cr\$ 394.890,00; com desconto de 10%, valor corrigido Cr\$ 355.401,00); total lançado, Cr\$ 4.951,20.

Assim, de acordo com a avaliação da Prefeitura, o terreno teria uma valorização de 60% e a construção de 73%, o que daria um acréscimo no valor do imóvel de 71%. Esse cálculo seria feito sobre o valor de reconstrução do imóvel. A seguir é aplicada uma taxa de desconto (presumivelmente, seria uma correção pela depreciação do imóvel, que se desvalorizaria com o uso), que em 1975 atingiu Cr\$ 2.592,00 e em 1976 foi de 10%. Ora, quer dizer que o imóvel quanto mais velho sofre menor depreciação? No final de contas, o imposto pago em 1975 atingiu Cr\$ 2.592,00 e em 1976 Cr\$ 4.951,20. Ou seja, o consumidor pagou o dobro do que no ano anterior.

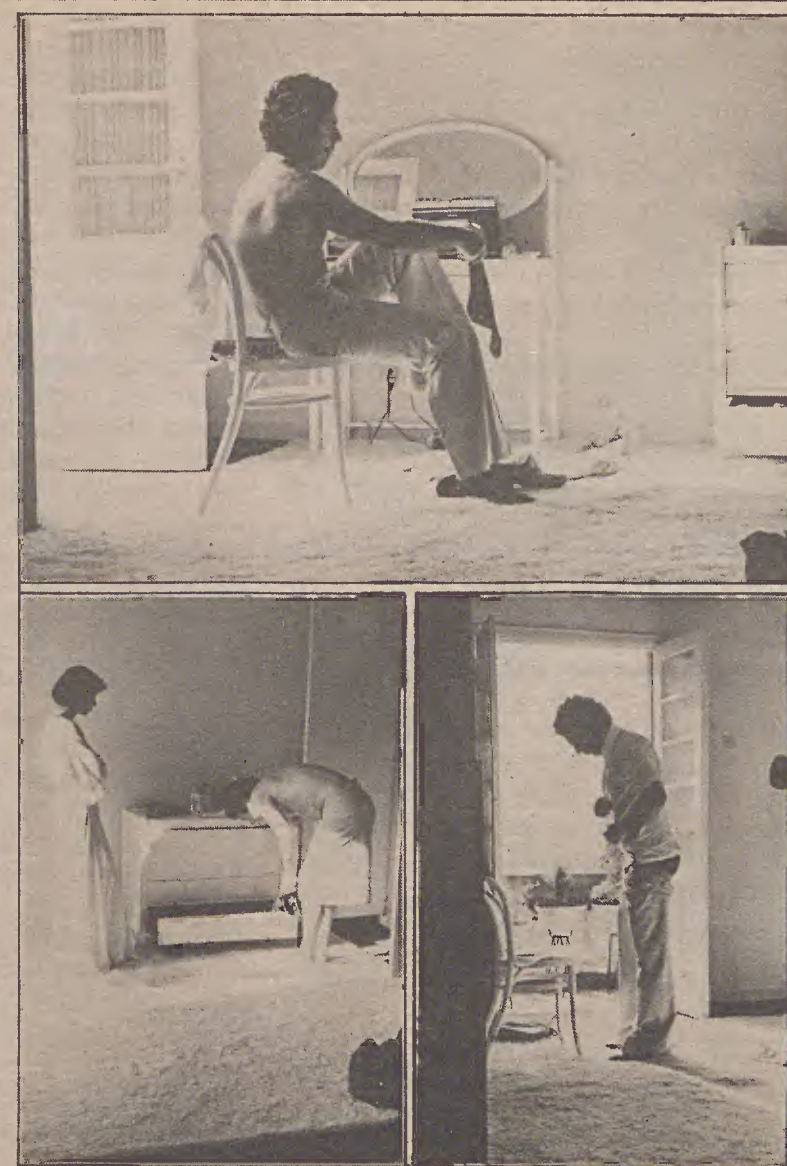
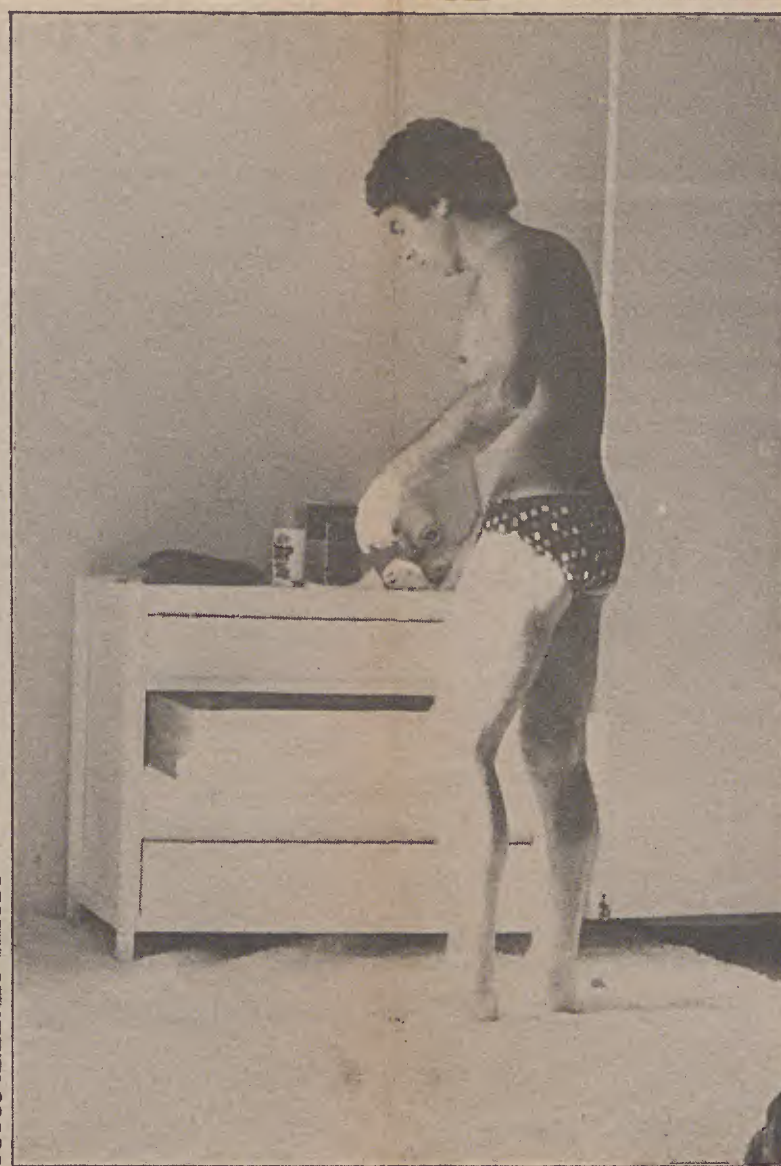
Isso quer dizer que, embora o Governo Federal houvesse solicitado que os aumentos de taxas não ultrapassassem 20%, houve um aumento de 100%. Com isso, o poder aquisitivo do consumidor caiu e ele passou a ser menos consumidor, pois, considerando que as correções salariais não ultrapassaram 40%, sobrou menos dinheiro para a compra de bens. Francisco Alberto Madia de Souza.

É lamentável que, no momento em que a economia nacional mais necessita apoiar-se no mercado interno, os impostos estejam minando o poder aquisitivo do consumidor. Tenho ouvido comentários como este: "A Prefeitura promete colaborar na proteção do consumidor, mas quem vai proteger o consumidor contra a Prefeitura?" O problema relativo a impostos (ou tributação em geral) não é simples, pois envolve questões políticas, econômicas, legais e sociais. Por outro lado, a situação das grandes metrópoles representa um desafio em todos os grandes centros industrializados. Convido os interessados a lerem a entrevista a Paulo Francis, publicada na revista Status de dezembro de 1975, com o título: "John Lindsay: Nova York, São Paulo, Rio... Todas as Grandes Cidades são Iguais". Deve ser lido, ainda, o artigo da Folha de São Paulo de 17/1/76, página 4: "São Paulo é uma Cidade Pobre, diz Planet Buarque". E ainda na Folha: "Imposto Desestimulará Concentração Urbana". Essa leitura não resolverá o problema, mas apenas dará a medida da sua complexidade.

Por outro lado, quem duvidar da legitimidade do aumento de impostos tem o direito e a possibilidade de reunir-se a outros que pensem da mesma forma e constituir um advogado especializado e idôneo que trate do problema através das vias judiciais. E que traga a público o resultado da demanda, qualquer que seja ele. Se todos que se sentirem lesados, em qualquer circunstância, se dispuserem a investir tempo e dinheiro na realização da justiça (em que pesem suas falhas), também os poderes públicos saberão que o povo não aceita passivamente arbitrariedades. No mínimo, os poderes públicos poderão cuidar de levar ao conhecimento do povo suas decisões e sua fundamentação legal. Seria interessante ainda lembrar que o povo não lê o Diário Oficial, nem notinhas insignificantes, sem destaque. Com a palavra, também o nosso Prefeito.



FOTOS AMANCIO CHIODI



PUBLICITARIO ENIO MAINARDI FAZ UM APELO: VAMOS MATAR O TUBARÃO PELO MENOS

Já comeu seu pedaço de câncer hoje?



Se você já comeu hoje um pedaço de câncer, não se preocupe. O câncer é uma doença que pode ser curada. Mas, para isso, é preciso que você saiba o que está comendo. O câncer é uma doença que pode ser curada. Mas, para isso, é preciso que você saiba o que está comendo. O câncer é uma doença que pode ser curada. Mas, para isso, é preciso que você saiba o que está comendo.

"Cigarro não devia existir. Mas já que existe, não devia ser anunciado. Mas não se pode proibir, porque os impostos servem para construir hospitais para curar os caras que têm câncer por causa do cigarro. A degeneração do uso do cigarro permite que o uso da propaganda vista um produto de características que o produto não tem!"

Foi ele quem fez a primeira pergunta: — "Como é que você se chama?"

E escreveu meu nome todo na memo-roll, a maquininha automática de anotações que mantém sobre a mesa de trabalho. Segunda-feira de calor bravo, quase três da tarde, depois do almoço e de um banho em seu apartamento, que fica na rua Conselheiro Brotero, logo ali atrás da Proeme.

Charuto apagado entre os dedos, procura me deixar à vontade, me aproximar de sua patia, descobrimos ter amigos comuns.

Nesse dia eu começara a procurar Enio Mainardi pouco antes da hora do almoço, indo direto à sua agência, a Proeme, 13ª agência de publicidade do Brasil em faturamento, conforme os anuários brasileiros de propaganda. Rua Tupi, 579, 80 funcionários, contas com a Cica, Grupo Auxiliar, Tabacow, General Elétric, Dupont, Matarazzo, Drury's, Haspa, José Silva, Atma, Primícia, Credicard etc.

— "Fala com a Maria Inês, secretária do Enio, vai ali pela varanda", me disseram.

Ela quis saber mais ou menos o assunto: "Sobre esse negócio de defesa do consumidor, essa coisa de salsicha que dá câncer".

A Proeme são duas casas interligadas, com jardins e verdes, do tempo em que era bom morar ali no Pacaembu.

Além da memo-roll, e de uma agenda com todos os dias do ano, que pega a toda hora,

outros objetos ocupam Enio Mainardi o dia inteiro, como uma caixa de acrílico cheia de finíssimos lenços de papel. Ou a caixa de charutos Don Felipe, Coronitas da Tabacaria Caruso; ou a de cigarilhas St. James; ou ainda as canetas Bic — que muito o irritam quando estão descarregadas. Enio então não perdoa e atira-as pela janela do escritório, como faz com os caros charutos quando insistem em ficar apagados. Me entrevistou à vontade, servindo chá de erva-doce, falando da imprensa e da propaganda.

— "A publicidade, quando eu comecei, era uma atividade muito secundária. Gente de talento queria era fazer jornalismo. Só ia ser propagandista como alternativa forçada, igual um camarada que quer ser médico mas se conforma em ser dentista... Naquele tempo, um anúncio era só um anúncio, um recado comercial, não competindo em importância com a notícia política, com a notícia do sindicato em greve... com um problema social qualquer... diferente de agora, né? Hoje inverteu tudo. O consumismo virou religião, publicitário ficou importante. Você vai num jantar, por exemplo, e as pessoas mais diferentes ficam discutindo aquele filme da Mônica na televisão, que gracinha, quase ninguém no duro está ligado no AI-5, nas cassações, no direito ao voto direto... E engraçado".

Ao longo deste primeiro encontro, Enio Mainardi se mostraria pouco preocupado com

as respostas — mostrou-se mais interessado nas perguntas, ou melhor, como ele próprio confessa, "nas perplexidades".

— "Eu não tenho nada para catedraticar, eu só tenho perguntas. Acho que essa nova entrevista — se é que a gente pode chamar assim — vale mais como um exercício. Nesta nossa profissão, tanto faz ser jornalista ou publicitário, a gente se indaga o tempo inteiro, tentando identificar uma tendência, uma necessidade das pessoas, igual como se estivessemos fazendo surf, procurando uma onda para entrar. Propaganda não é uma atividade revolucionária — ela não cria uma idéia nova para as pessoas, para o consumidor — ela não faz tendência, ela é a cristalizadora da tendência. Faz, por assim dizer, a catarse do sentimento do público, tá certo?"

Ao final daqueles sessenta e poucos minutos, tínhamos feito negócio — **fechado!**, como ele costuma dizer a todo instante, ao invés de **tudo bem** ou **ok**. Na despedida, me levou até a porta, me agradeceu tê-lo procurado, "foi muito bom a gente ter se conhecido", e disse, confirmando: "Fechado! vem amanhã às quatro horas... depois você janta comigo".

Acabo de conhecer Enio Mainardi, uma espécie de borboleta rara nessa cidade de oito milhões de habitantes, um publicitário de sucesso! Ele me deixou tonto, mostrou-se por inteiro e de uma vez, curtiu comigo a história do "gênio", da "incompreensão", da "única



coisa quer verdadeiramente me irrita, você sabe, é a burrice". A seguir, discorria sobre o seu cansaço pela imagem de "o homem que agride porque não tem outra saída". Para demonstrar melhor o seu problema, falou de coisas da vida, sofrimentos amorosos e dúvidas existenciais. Mostrou-se jovem, exatamente como aparenta com o cabelo curto e encaracolado, camisa esporte de toque fino, calças esportivas e modos atléticos. Enio faz esporte e não esconde: convoca o pessoal da agência, principalmente da criação, para chegar às sete da manhã, correr um quilômetro com ele em volta dos quarteirões e depois fazer a ginástica de karatê numa sala montada nos fundos da agência.

"Então porque não usar esse espaço para anúncios do tipo DNER prevenindo acidentes."

— "Quando resolvi ser repórter, há quase 20 anos, foi porque queria estar ao lado dos que ditavam as regras, dos **capi-mafiosi**, saber como era o poder. Mas no meu jornal, então o Correio Paulistano, do João de Scantimburgo, me disseram: 'Vai lá naquele coquetel, cobre o assunto e dá um **bico** no cara, uma **bicada**'. Não era uma maneira muito honrosa de ganhar dinheiro né? Então eu via o jornalista como um deus, era a glória para os que chegavam a merecer um emprego fixo, uma coluna assinada, um número na hollerith. Para uma foca como eu, sobrava comer os restos, ficar com a gorjeta — foi então que me decidi pela propaganda, era pelo menos uma prostituição mais higiênica", falou com certo sarcasmo.

Hoje, o seu salário, para começo de conversa, partiria dos cem mil cruzeiros por mês — isso se de repente se visse na rua da amargura.

O que absolutamente não é o seu caso. Não fez qualquer segredo de que vendeu sua agência, a Proeme, por dois milhões de dólares. Pelo contrato de compra, a multinacional Interpublic Group of Companies, reteve Enio Mainardi na presidência da Proeme. Assim, a Interpublic tem agora duas importantes agên-

cias no mercado brasileiro: a Mc Cann, primeira do país em faturamento, e "Enio Mainardi", a 13ª. Mas este papo se mistura um pouco com suas dúvidas existenciais de homem de quarenta anos, desquitado, pai de dois filhos, vaidoso.

— "Hoje mesmo ouvi uma expressão engraçada: 'A escola da vida é a pior escola, porque só tem professores, não tem alunos' — sabe, essa frase conta direitinho a minha formação profissional e que foi também a de toda a minha geração".

"Ele não era servente! Ele tava comprando o sonho com o cigarro. Agora, ele, para mim, tem cérebro de criança."

No dia seguinte, mesmo local, às 16:35, eu estava lá, sentado de novo à sua frente, entrando outra vez na sua roda-vida: ele estava fazendo a reserva, por telefone, de um voo para Londres, semana que vem, enquanto em outro telefone se desculpava com alguém por ter cometido algumas grosserias na reunião de apresentação de uma campanha do Banco Auxiliar de São Paulo. Mas acabei por assistir a ele arrancar a notícia, ainda por telefone, de que, apesar de tudo, sua campanha fôra aprovada. Vi ser criada na minha frente, de uma hora para outra, a campanha do **Cheque Solução**, o **Fim do Cheque sem Fundo**, em layouts, folhetos e story-boards de um filme para a tevê de trinta segundos, a ser filmado num circo e cuja produção vai chegar a 210 mil cruzeiros. Fiquei besta! Houve apenas pequenos comentários da equipe de criação quanto ao aluguel cobrado pelo circo, 50 mil cruzeiros, mas com trapezistas, claro!

Só lá pelas cinco e pouco é que ficamos realmente sozinhos. Discutimos um pouco como faríamos a coisa, antes de soltar a primeira das 3 fitas de sessenta minutos cada.

— "Então você me diz: vamos falar de proteção ao consumidor, me pede para resumir minha experiência nesse sentido..."

Então, vamos lá, gravando.

— "O consumidor, no Brasil, não tem efetivamente nenhum direito. Primeiro: pelo emaranhado de leis com que teira de se meter. Existem 50 milhões de leis e essas leis teriam teoricamente de ser acionadas por um advogado. Mas uma ação ordinária, todo mundo está sabendo quanto tempo leva. Então o consumidor desiste, porque muitas vezes a indenização se resume à reposição do objeto ou do serviço reclamado, não compensa. Segundo: não existe uma organização de facilidades que permita ao consumidor o acesso à contestação. O consumidor, alienado pelo não exercício da sua vontade, assume passivamente que os outros, os mandões, algum dia se compadeçam de sua miséria e lhe proponham um lenitivo. Ora! Ora! Não é com um requerimento, folha almaço, espaço dois, que se solicita **pelo amor de Deus** alguém conceda alguma coisa. Não sou dotado de terceiro olho, não sou político nem sociólogo, mas posso também criar minhas hipóteses, certo? Minha hipótese é que a chave da proteção ao consumidor está na volta ao chamado regime democrático, ao voto direto, com a renovação dos políticos no poder. Numa estrutura capitalista, o poder econômico é determinado pelo poder político. Porque os políticos que estão no poder, quase todos representam grupos econômicos, que ficam influenciando para que tal lei, tal projeto, que tal atitude, gere uma vantagem para um negócio ao qual ele está ligado. Tá? Isso, num regime liberal como nos Estados Unidos, pode ser até válido, porque com a renovação dos políticos no poder, teori-

camente se renovam os esquemas, aumentando as possibilidades de um maior número de grupos interferir, entrar na jogada. Então a corrupção, no sentido específico do que eu estou dizendo, é menos dramática, porque esse sistema permite a renovação da corrupção, de tal forma que cada grupo social tenha chance de fazer sua corrupção particular. Assim, o poder político, que sustenta o econômico, fica alternativamente revolvido por eleições periódicas, inevitáveis, fatais. Ora, se num modelo político assim salvaguardado ainda são necessárias leis antitruste, institutos superiores de defesa dos cidadãos (tipo Federal Trade Commission), válvulas que permitam até um Watergate... imagine então aqui. No Brasil, eu tenho o direito de imaginar que os grupos econômicos que montaram seu poder particular não vão querer ceder dos seus privilégios porque estariam praticando a autofagia, o suicídio. Então, imaginar que o governo possa paternalisticamente defender o consumidor, em última instância, é pedir dele uma atitude de revolução que talvez devesse começar na área política".

Enio queria demonstrar que no mato político não sai coelho.

— "Eu, por profissão, sou obrigado a uma visão global das coisas, tenho que tentar antecipar o futuro. Agora, não sei que departamento, que ministério, não sei o quê, dentro dessa estrutura kafkiana, terá de aliviar a tensão política através de uma abertura ao consumidor! Essa tensão, essa pressão política, não é falada na "Voz Operária", não. Ela está na terceira página do — Estadão. Se o governo não quiser eleições, vai ter que dar direito de voto ao consumidor".

Por esta última observação, ele se declara "o mais reacionário dos reacionários", mas vai mais longe:

— "Se não se pode pedir ao **establishment** que conceda uma trégua séria, o que nunca poderia acontecer porque ela afetaria o jogo político, tá? — podemos pelo menos pedir inteligência. Que não se deixe o consumidor entrar em **desespero**. Hoje o povaréu destruiu a estação de Mauá, amanhã pode ser mais do que isso. Estamos num ponto em que uma notícia sobre a contaminação do macarrão gravatinha pode ter mais consequências do que vinte manifestos do Partido Comunista."

Enio ficou ligeiramente cansado, ou chegou a uma conclusão importante. Fez uma pausa, se afundou na cadeira, procurou ver a minha reação. Estamos cozinhos no casarão da Proeme: apenas o guarda, o vigia noturno, zela por nós.

"E, veja, num sentido bastante evidente — e revolucionário — deseja ao consumidor e também a liberdade de imprensa."

— "Veja como a proteção ao consumidor pode ser extremamente subversiva! E extremamente reacionária, ao mesmo tempo. Depende do ângulo que se apanha. Ela é subversiva porque toca os interesses adquiridos de quem hoje maneja o poder. Mas também é extremamente conservadora, porque ela prolonga, num balão de oxigênio, esse mesmo poder. De qualquer forma, pelo menos se poderia criar a sensação de se poder votar pela higiene dois alimentos, pela honestidade da propaganda, pela segurança do automóvel. Já é alguma coisinha.

Claro, nunca pensei que o Enio Mainardi fosse um agente da subversão em outro sentido. Mas isso é só uma continuação do papo, enquanto Enio apanha uma garrafa de vinho branco do Reno, os copos, o saca-rolhas e se

prepara para fazer o barulhinho característico... Poof!

— “E, veja, num sentido bastante evidente — e revolucionário — defesa do consumidor é também a liberdade de imprensa.

Você vê, hoje, no jornal — se é que se pode usar o jornal como exemplo de comunicação — que a matéria publicitária ficou mais importante, em muitos casos, que a própria matéria editorial, redacional. E o Brasil está enfrentando esse drama: na medida em que você tem obstáculos no jornalismo, que te obrigam a entrar em câmara-lenta, você se move com a inércia de quem está preso dentro de um vidro de chumbo líquido. Isso limita o valor da informação, do editorial, da notícia.

Foi assim no caso do anúncio da salsicha?

— “É. Nosso anúncio prevenindo que salsicha dá câncer, publicado em um quarto de página (graciosamente, obrigado, “seu Montes!), teve mais repercussão do que a própria notícia que gerou o anúncio. À notícia publicada pelo Jornal da Tarde, ninguém reagiu. Mas o anúncio provocou uma correria. Dias depois, havia uma página inteira nos jornais, assinada pelos principais frigoríficos, respondendo especificamente ao nosso quarto de página. Por quê? Eles jamais dariam essa resposta ao editorial. Os grandes frigoríficos fizeram questão de não nos hostilizar ou desmentir. Eles apenas disseram: “A nossa salsicha tem o carimbo do Instituto etc. e tal”. Eles não tocaram no problema. No fundo, eles notaram que o anúncio podia ser o início da deflagração de um processo.

Nossa reação foi a primeira, que poderia ter gerado a segunda, a quarta, a quinta reação”.

— Já que estamos na salsicha, pergunto, o que você acha da publicidade de cigarros e bebida na televisão?

“Minha hipótese é que a chave da proteção do consumidor está na volta ao chamado regime democrático, ao voto direto.”

— “Sou contra. Sou contra. Tem uma lei que está para ser aprovada no Senado, que propõe impedir seja veiculada propaganda de cigarros ou bebidas antes das dez horas da noite na TV. Acho que essa questão de horário irrelevante. Suponha que eu tenha aqui na agência um fabricante de cigarros. Eu, evidentemente, acho que cigarro não deve ser anunciado. Eu acho, em primeiro lugar, que cigarro não devia existir, mas já que existe não devia ser anunciado. Porque cigarro é um troço nocivo, é simples! É nocivo, mas não pode ser proibido porque tem seus impostos recolhidos, e os impostos servem para construir hospitais para curar os camaradas que têm câncer por causa do cigarro. Em todo caso, você tem aí um produto que por tradição já é vendido — não é fuminho, não é maconha — é um produto que a família usa. Bebida, também usa. Não posso ser tão puritano e dizer “A Bebida não Pode Ser Produzida, não posso ser tão radical, mas acho que a degeneração do uso da bebida e do cigarro é permitir que o uso da propaganda vista um produto de características que não tem. Aí começa a proteção ao consumidor na área da publicidade. Quando você relaciona status com cigarro, por exemplo, você vê a cena que eu vi. Neste fim de semana, fui levar meu filho dar um passeio lá no Corcovado... Tinha aqueles ambulantes fazendo fotografia de Polaroid de uns três ou quatro sujeitos muito humildes, contra o fundo do Cristo Redentor; na hora de fotografar, um deles gritou: “Pera aí, me dá um cigarro” — pegou e pôs na boca sem acender, que



nem os mocinhos dos filmes de cinema, televisão, ou aqueles anúncios de um homem de smoking andando pelo campo, com uma menina maravilhosa, jogando golfe de madrugada, com um coitado carregando os tacos dele — essas besteiras todas, essas alienações. Mas aquele pobre sujeito, naquele momento, tava jogando golfe, ele era branco, não era mulato! Ele não era servente! Ele tava comprando o sonho com o cigarro. Agora, ele, pra mim, tem um cérebro de criança: fazer anúncio pra esse camarada significa criar necessidades falsas. Ele embarca em qualquer condicionamento, independentemente do horário. Então, o importante, seria estabelecer um conjunto de regras para o mercado de cigarros e bebidas, que restringisse o abuso dos apelos publicitários. Aliás, isso devia valer pra todos os produtos. O publicitário, que é consciente desse processo, vive numa espécie de esquizofrenia, com a personalidade de dividida, tipo Dr. Jeckil e Mr. Hyde. É igual ao filme **Tubarão**, você viu? O filme mostra bem o conflito daquela pequena sociedade que vive naquela ilha. Os comerciantes têm o seu negócio afetado pela presença do tubarão, mas não querem denunciar o tubarão. Mas eles também têm filhos, tá? Filhos que nadam naquela praia. Então, em nome dos nossos filhos, e dos colegas dos nossos filhos, nós devíamos assumir a atitude certa: vamos matar o tubarão. Pelos menos”.

Só para dar uma dica de Enio: quando ele já tinha sua casa no alto de Pinheiros, seu carrinho, vida tranquila, fundiu a cuca e foi embora. Esteve na Europa, morando lá, mas se lembra mais de Israel, onde viveu num kibutz. Voltou para o Brasil, recomeçar a vida. O segundo filho estava nascendo, o de 13 anos (o mais velho tem 19 anos). Entrou na Proeme como

redator, a agência tinha então nove meses de vida. Enio conta assim:

— “Aí começaram a me dar participação nos lucros, coisas na sociedade — eu acabei ficando dono dela”.

Mas, voltando à entrevista, Enio quer completar o raciocínio.

— “Já cheguei a chamar publicitário de mentiroso profissional. O que eu queria era mexer com eles, agredí-los, provocar a necessidade de um código de ética. Porque o publicitário não podia se encastelar. Sempre tem um Tribunal de Nuremberg no final da vida de cada um, certo? Mesmo sabendo que o publicitário sozinho não pode mudar as regras do jogo, acho que ele tem a obrigação de pelo menos tentar. E isso ele já está fazendo. Porque o publicitário, no fundo, até por luta de classes, não quer assumir **totalmente** o conservador que ele tem dentro dele. Conservador por imitação. Vejo o publicitário como aquele camponês de Dostoiévski, que condenado à pena perpétua, guardava na memória a imagem de um grão-senhor que batia imponentemente com o relho na bota, enquanto caminhava. Maravilhoso, o coitado repetia o gesto com uma vara, sem saber o porquê. O publicitário vai a clubes bacanas, tem carros bacanas, mas não tem a grana bacana. Não tem o poder bacana. Quer saber? O publicitário está começando a se perguntar por que bater o relho na bota.”

“Hoje mesmo ouvi uma expressão engraçada: a escola da vida é a pior escola, porque só tem professores, não tem alunos.”

Agora, quer completar a entrevista:

— “Eu queria fazer uma proposta aí no teu jornal. No Brasil gastam-se centenas de milhões em propaganda de autarquias para os assuntos mais incríveis. Veja o DNER, por exemplo, que só em São Paulo e Rio, no mês de dezembro, gastou quase oitocentos milhões em filmes de propaganda na televisão. Ora, o governo não tem espaço nos canais de TV, grátis, para dizer coisas do tipo “O Brasil é a união de todos”, ou coisa que o valha? Então por que não usar esse espaço para anúncios tipo DNER prevenindo acidentes? Ou da Secretaria do Turismo, Dersa etc, com a economia dessa veiculação grátis se poderiam sinalizar as estradas, que aqui matam que nem o Vietnã. As agências poderiam, voluntariamente, fazer os filmes de graça — e a economia dessa propaganda iria para **olhos de gato** nas estradas, para ambulâncias, para escolas. O Brasil não é assim tão rico para se permitir esses desperdícios, não te parece?

Essa a proposta de Enio Mainardi. Que mexe com o interesse das televisões e das agências, que faturam suas comissões. Mas essa controversão, que se revela em cada frase, já faz parte da imagem de Enio.

— “A coragem cívica do publicitário é chegar ao limite do permissível, dentro de uma perspectiva liberal. E a noção desses limites só pode ser ganha pelo risco. Eu gostaria de saber se alguma autoridade poderia encarar este papo com isenção, como base para um diálogo, em que as palavras fossem permitidas, ao nível de um debate democrático e honesto. Hoje sou um cara maduro da minha dúvida, da minha ignorância. E estou sabendo que só posso crescer na medida do diálogo. Com quem vou dialogar? Qual é a proposta?”

Pausa.

— “Acho que está tudo aí”, disse Enio. Estava, muito prazer.

Franco Silva



A maior banda da América Latina, que toca Tico-Tico no Fubá ou música cigana na mesma "pauleira", tem passado misérias para sobreviver. Como músicos, dependem de shows, mas só encontram teatros de rock e lugares considerados underground.

É FERRO NO BAIANO

Por onde andam os Novos Baianos? O time de futebol — os Novos Baianos Futebol Clube —, esse não é tão difícil encontrar. Esta semana mesmo eles estão num estádio da Vila Mariana, enfrentando uma equipe do bairro. Mas para os músicos Novos Baianos propriamente ditos não tem sido tão fácil colocar sua banda num palco, como colocar o time em campo.

Encontrei Pepeu, aliás Pedro Aníbal de Oliveira Gomes, a principal artéria do grupo, morando em casa de amigos com sua mulher Baby Consuelo e as filhas Riroca (3 anos) e Zabelê (10 meses), no meio de um monte de instrumentos e aparelhos. Pepeu, 23 anos, nascido em Salvador, considerado hoje o melhor guitarrista tupiniquim, é o fundador do grupo. Ele enfrenta "apenas" um problema: o grupo que lidera não tem como sobreviver de seu trabalho no Brasil. Pelo menos por enquanto, é o que eles acham, tanto que estão montando um esquema para "puxar o carro para a América", talvez logo depois do carnaval.

— "A gente já segurou barras que até Deus duvida", é o jeito que Baby encontra para começar a explicar os caminhos que a maior banda de rock da América Latina tem percorrido em sete anos de existência.

"Ultimamente nós chegamos a morar até nos camarins do Teatro Bandeirantes", completa Pepeu, rindo muito.

A casa onde estão com as crianças é um sobrado na rua Tutóia, decorado com gosto, bem montado. Pertence a um casal de amigos. O resto do pessoal também se hospeda em casa de outros amigos. A barra pesa mais por serem muitos, atualmente 11, com respectivas famílias — crianças, empregada. E vivem apenas de shows e gravações ("a gravadora Som Livre nunca se preocupou em divulgar ou pelo menos trabalhar melhor nossa imagem"). Seus LPs nunca alcançaram a vendagem de 30 mil cópias, quantidade mínima suficiente para dar algum lucro. E a verdade é que o grupo tem transado as maiores loucuras, na briga para a sobrevivência.

A situação talvez seja mesmo uma consequência do caminho que os Novos Baianos escolheram dentro da música brasileira. Eles têm inclusive uma espécie de lema que seguem com a maior fidelidade: é um antigo "toque" de Gilberto Gil, que um dia disse: "Existem várias maneiras de fazer música. Eu prefiro todas." E Pepeu completa:

— "Quando comecei a tocar, com 13 anos de idade, o que eu ouvia no rádio era o Assanhado do Jacó do Bando-lim, e não a Mahavishnu Orchestra, daí a nossa ligação hoje com todos esses ritmos afro-brasileiros."

Mas alguns problemas são inacreditáveis. Eles têm dado concertos geralmente em locais considerados "underground", teatros onde só se toca rock, subúrbios de São Paulo e Rio, festivais ao ar livre — enfim só tocam em "barras pesadas". Em São Paulo chegaram a ser contratados pela boate Be-Bop a Lulla, na av. Santo Amaro, frequentada pela chamada juventude contracultura paulistana — ou quem sabe juventude contra a cultura. Nos concertos, em que a maioria da platéia é formada por "freaks", considerados "muito loucos", os Novos Baia-

nos às vezes são chamados de "corta-barato", porque depois de embalar todo mundo com meia hora de rock pauleira, eles atacam um Tico-Tico no Fubá de Zequinha de Abreu, ou um Brasileiro de Waldir Azevedo, com uma roupagem nova, e mesmo assim a garotada reclama aos berros. Até já houve casos em que abandonaram o teatro em sinal de protesto, como fizeram no Teatro da Praia, no Rio.

Eles não querem mesmo saber de música brasileira", desabafa Paulinho Boca de Cantor, responsável por grande parte das letras do seu mais recente disco (Novos Baianos de Novo), o primeiro depois da saída de Moraes, que resolveu desenvolver um trabalho como solista.

GIL, UMA ALEGRIA

No novo disco, uma verdadeira salada musical, os baianos tocam de tudo, desde o Tico-Tico com arranjo completamente elétrico, passando pelas Czardas (música do gênero cigano, de V. Monti), onde Pepeu vai mostrar seus estudos com um novo instrumento, o velho violino. Tem também um merengue (ritmo do Caribe), chamado Na Banguela, em que eles acreditam muito. Nesse disco, vão mostrar que "existem vários conjuntos dentro dos Novos Baianos", como eles mesmos definem. "As vezes nós somos um trio, e já no próximo número podemos ser um regional, com todos os onze trabalhando", diz Pepeu.

Consideram a fase de convivência com João Gilberto, da maior importância. "João ensinou muita coisa, principalmente toques sutis", lembra Baby, "nós aprendemos a sentir o som das palavras. Quando ele cantava... pipa de papel de seda..., parecia o som de papel celofane sendo rasgado." A influência foi tão forte que eles fizeram dois LPs quase totalmente baseados na experiência ganha com "mestre" Joãozinho. (Acabou Chorare e Novos Baianos F.C..)

Pepeu lembra que tocou no show de despedida de Gil e Caetano, em 69, no teatro Castro Alves, Salvador, quando os dois foram para Londres. E teve uma alegria muito grande, quando se apresentava num show no teatro Equipe: Gilberto Gil sobe no palco de improviso e resolve tocar "com os meninos" o que pintasse na hora. O resultado foi uma verdadeira festa de ritmos latinos, merengues, maracatus, cocos, que deixou a platéia alucinada.

— "Os Baianos vão acontecer lá fora de qualquer maneira", quem fala agora é o empresário Marinaldo Guimarães, sobre a ida para a América. Ele confirma que tem até um esquema montado com o Cosmos de Nova York, para apresentações com Trio Elétrico antes dos jogos do time de Pelé. Junto com os planos de atacar a América do Norte, existe um estudo sobre uma lapidada, uma espécie de arte final para a imagem que têm, uma imagem considerada também "freak", desleitada demais. Mas isto não impede o reconhecimento de sua importância, os elogios. Recentemente gravaram um programa especial para a TV alemã, onde são apresenta-

dos como "um grupo que joga futebol, toca música e curte outras transas".

— "Os Novos Baianos é a alegria de tocar", disse o argentino Astor Piazzola, o renovador do tango.

— "Quando o Miles Davis esteve aqui ficou interessadíssimo em conhecer um guitarrista de incrível criatividade chamado Pepeu", dizem.

Enquanto batalham apresentações em São Paulo e arredores, para depois irem passar o carnaval na Bahia, cada um curte a sua. Futebol, principalmente (o time está invicto há 14 partidas, informa Galvão) Pepeu tem-se dedicado a longos papos e ensaios com o antigo companheiro Lanny, o guitarrista preferido de Gilberto Gil e Gal Gosta, principalmente na época da Tropicália. Lanny, afastado há algum tempo, em repouso numa clínica psiquiátrica, começa a reabilitar sua técnica pelas mãos de Pepeu. Há planos para uma volta oficial de Lanny num show com os Novos Baianos: seria um verdadeiro duelo entre os dois maiores guitarristas latino-americanos.

Sérgio Mello

Fevereiro está aí mesmo, e como não poderia deixar de ser a maior banda de rock da América Latina gravou um disco para o carnaval — sonho que Mick Jagger e os Rolling Stones acalentam há muito tempo. Gravaram uma marcha de Gilberto Gil, Ninguém Segura Este País, e do outro lado uma composição de Jorginho e Pepeu: Ovo de Colombo ou Loucobiótica. Aí estão as letras:

Ninguém Segura Este País

É moda dizer que baiano está por cima
Que está por cima meu bem, eu também acho
Segurando a barra desta rima
Deve haver algum pernambucano por baixo
Um sergipano por fora
Um maranhense de lado
Um riograndense de touca
Um carioca pirado
Um paulista ocupado
Um mineiro calado
Um catarinense tímido
Um amazonense úmido
Cada qual no seu perfeito estado natural
entra baiano sai ano
Mais um carnaval de lascar o cano.

Ovo de Colombo

Você não entende
Se funde com o mistério de me ver forte e pulando
mas se falta carne vou de frutas e legumes
café com massa e rapadura
E quando pesa barra
Quando falta tudo
Após a tempestade não tarde vem o carnaval
Festa de arroimba prá todos
"O carnaval a base de um povo
que veio da astúcia do ovo de Colombo.

UM CRIOULO NA FERRARI



Ele é um garoto brasileiro de 16 anos, mas com licença: quando Êmerson Fittipaldi chegou lá na rabeira, em penúltimo lugar, o garoto José nem ligou, porque estava vibrando com a vitória do italiano Niki Lauda. O crioulinho José, que os italianos se acostumaram a chamar de Zé, trabalha com a equipe da Ferrari desde o ano passado, quando conseguiu entrar em Interlagos como penetra. Agora, Zé vive sonhando com daqui a dois anos: "Sabe, eles me prometeram que com 18 anos vou acompanhar a equipe!"





Um rapazinho, olhos espertos no rosto sério, segura o guarda-sol que protege Niki Lauda, poucos segundos antes da largada do Grande Prêmio Brasil. O rapaz, um crioulinho de 16 anos, vestido com o macacão laranja da Ferrari, foi sem dúvida o único brasileiro que vibrou com a primeira vitória do campeão mundial de Fórmula-1 em 76. Ele tem motivo para vibrar, porque dentro de dois anos será o primeiro brasileiro a pertencer à equipe italiana, a Ferrari de Niki Lauda.

Vanderlei José da Silva trabalha com a equipe desde o ano passado, quando, depois de enganar os guardas, conseguiu entrar em Interlagos e ficou observando os mecânicos nos dias que antecederam o Grande Prêmio Brasil de 75.

— “Eu já estava lá fazia tempo e comecei a ficar com fome. Quando os rapazes pararam pra comer, o chefe deles me chamou e me ofereceu comida. Foi assim. Depois de comer, fiquei trabalhando com eles o resto da semana.”

Vanderlei José, mais conhecido entre os italianos como Zé, foi ficando e aprendendo o ofício de Roco — espécie de chefe de oficina da equipe.

— “No duro, não entendo uma palavra de italiano, pelo menos acho assim, mas entendo tudo o que eles querem. Sabe, eles me prometeram que quando completar 18 anos, vou acompanhar a equipe pelo mundo.”

Hoje, Vanderlei já é íntimo de Niki Lauda e Clay Regazzoni. Atende a todos os pedidos e os protege principalmente da imprensa, quando sente que um deles está começando a se aborrecer.

— “O Niki Lauda comigo é legal. Ele está sempre brincando e perguntando como vão meus pais. Já tentei explicar que meu pai morreu, mas não consigo fazer ele entender.”

Roco puxa o Zé pela manga e procura afastá-lo de mim, pedindo que arrume algumas caixas dentro de um baú mesmo. O garoto imediatamente obedece e é preciso insistir muito para que ele volte a conversar.

— “Foi bonita a vitória do Niki, não foi? Esses caras trabalham sério, eles não param um minuto. Só na hora de comer é que brincam um pouco. Pra mim tá sendo muito legal, porque eu estou aprendendo um trabalho e ganhando algum dinheiro.”

No ano passado, quando terminou o Grande Prêmio, Vanderlei tomou o maior susto da vida:

— “O Niki me deu 500 cruzeiros e o Regazzoni, 1.500. Quando cheguei em casa e entreguei os 2.000 pra minha mãe, ela pensou que eu tinha roubado. Ficou apavorada. Foi preciso eu explicar tudo direitinho.”

Vanderlei fala todas essas coisas na maior seriedade. Raramente sorri, sempre preocupado em não desagradar os italianos. Mais uma vez Roco aproxima-se e puxa-o pelo macacão. Quando volta, Vanderlei confessa uma esperança:

— “Esse ano eu acho que vou receber mais, porque o Niki ganhou a corrida. Ele vai me dar mais um dinheirinho. Preciso ajudar a minha mãe. A gente vive um pouco afastado e eu preciso ajudar a melhorar as coisas.”

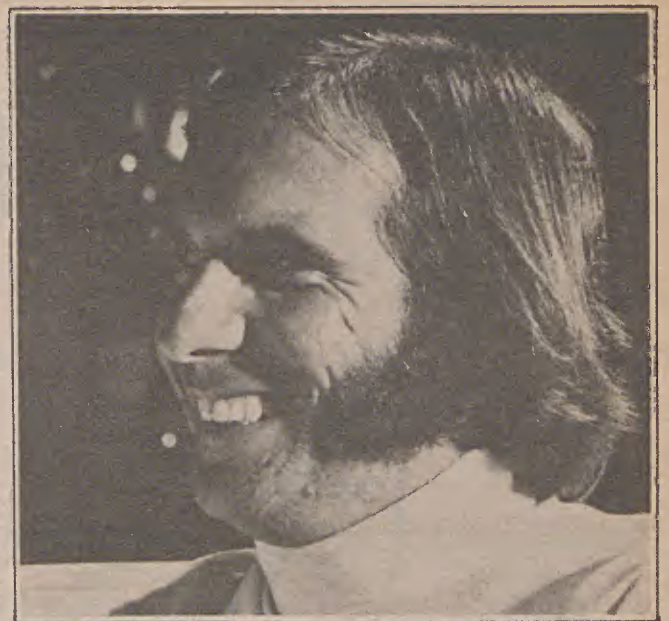
Roco se aproxima. Trata Vanderlei com muita dignidade, demonstrando inclusive interesse em explicar-lhe todo o funcionamento do mecanismo complicado que é uma equipe de Fórmula-1.

— “Já imaginou daqui a dois anos? Viajando pelo mundo com a equipe? Estou doido pra completar 18 anos logo.”

Sentado numa das rodas do carro de Niki Lauda, Vanderlei parece sonhar, e quando perguntam se não fica chateado de ajudar os italianos a vencer corrida no Brasil, responde ainda mais sério:

— “Mas como? Eu não guio, eu só aprendo a trabalhar!”

Não tem nada de Hollywood. Piloto não é mocinho do cinema, nenhuma heroína fisgou um coração Fórmula-1 neste domingo do Grande Prêmio (alguns pilotos até nem ligam para mulheres). Como qualquer mortal, os que vieram de fora procuraram as boates paulistanas todas as noites, principalmente La Licorne.



Niki, sovina mas campeão

LAUDA, O SOVINA — Um dos poucos que ficou no quarto, escondido, sem aparecer no saguão do hotel. Se aparecia, era tão antipático quanto no autódromo. Virando as costas a qualquer pergunta, fingindo que só sabia alemão, negando dar autógrafa. Além disso, reclamam os empregados do Hilton Hotel, é um sujeito sovina, que não dá gorjetas. Não há mulher que o atraia, só tem olhos para seu carro.

CLAY, BOA-VIDA — O companheiro de Niki Lauda na Ferrari vive reparando nas mulheres, parece um dos poucos boas-vidas da Fórmula-1. Camisa branca sempre aberta, Clay Regazzoni é dos poucos que não parece preocupado com o carro. Depois de despertar o interesse de algumas moças em Interlagos, fugiu para o boxe e ficou fazendo charme, fingindo que não estava vendo o que se passava. No Hotel — dizem — era um dos poucos que aparecia no bar, onde já tinha amigos. Dá boas gorjetas.

BRAMBILLA É SIMPÁTICO — Sempre risonho, bebendo um bom vinho Chianti nos intervalos dos treinos, nunca negando autógrafa, Vittorio Brambilla desperta simpatias. Não tem figura de herói, ao contrário: suja-se de graxa, o macacão de piloto parece saído de uma oficina em fim de expediente. Aos 38 anos, pai de três filhos, Brambilla parece mais disposto a entrar embaixo de seu March do que a ficar dando atenção às moças que não param de desfilar em frente dos boxes.

RONNIE, ANTIPÁTICO — Ronnie Peterson nega-se a qualquer contato e parece muito preocupado com sua pinta de galã. Não tem modéstia suficiente para permitir a aproximação de quem quer que seja. Com seu atual carro, uma Lotus, parece estar totalmente desinteressado; vive dentro de um mundo à parte, só seu, onde pouca gente consegue chegar — um que consegue é Emerson Fittipaldi.

ICKX, UM METIDO — O descendente de nobres belgas, Jackie Ickx, é o campeão da antipatia da Fórmula-1. Dá a sensação de não ter o mínimo respeito pelas pessoas que o cercam, trata a todos com um desdém digno de sua presunção. Fora das pistas, veste-se impecavelmente, mantendo a pose de nobre. Nas pistas, é totalmente desassociado dos companheiros. Tanto que não faz parte de nenhum movimento, mesmo daqueles que procuram dar maior segurança à profissão. Costuma explicar:

— “Eu não corro em Fórmula-1 para ter segurança. Quem quiser ter segurança, acho melhor que fique em casa.”

HUNT, O BEM-AMADO — O piloto que entrou na Mac Laren em lugar de Emerson, James Hunt, é acessível, sempre rindo. Mas, talvez por sua simplicidade, não chega a inspirar o respeito de um Emerson. Ao contrário da maioria, veste-se negligentemente, calças Lee, chinelos. Preocupa-se com o carro e nem olha para as moças. É casado com uma mulher bonita.

MASS, O ALEMÃOZÃO — O companheiro de equipe de James Hunt é um alemão brutamonte, que passa quase sempre despercebido, apesar do sucesso que vem tendo nas corridas: Jochen Mass.

PATRICK, O TÍMIDO — Patrick Depailler parece um menino envergonhado em qualquer situação. Fica vermelho a qualquer entrevista. Procura fugir ou passar despercebido quando a situação fica mais pública.

JODY, O DESLIGADO — Mais expansivo e brincalhão, Jody Scheckter parece um homem completamente desligado de suas responsabilidades. Não chega a inspirar admiração e parece que não se preocupa com isso. Ao contrário, segundo o que afirma, sua atitude é justamente oposta:

— “Não existe nada de sensacional em dirigir um Fórmula-1. A única diferença é que aprendemos a dirigir depressa. Mas eu acho que qualquer um pode chegar e fazer a mesma coisa.”

Jody pouco sai, pouco desfile pelo hotel, ao contrário de Ickx, que sempre aparece — mas apenas para se fazer notar.

JARIER, UM CONVENCIDO — O piloto francês da Shadow é pequeno e convencido. Revolta-se com facilidade e parece disposto a agredir, sempre. Depois de quebrar o carro domingo, como já aconteceu no ano passado, alguém lhe perguntou por que vivia quebrando. Jean-Pierre Jarier fechou a cara e respondeu: “Não sou eu que quebro os carros: eles que quebram!”

TOM, PROFISSIONAL — O outro piloto da Shadow, Tom Price, não se preocupa com mais nada, a não ser chegar a uma boa posição; não dá a mínima atenção às coisas que acontecem em volta, a não ser a coisas que interessam diretamente à sua carreira.

INGO, O DESLOCADO — O brasileiro companheiro de Emerson na Copersucar, Ingo Hoffmann, parece ainda completamente deslocado dentro da Fórmula-1. Modesto, preocupado com sua carreira, procurando não desagradar ninguém, não disfarça o medo que sentiu na pista. Seu desgaste emocional foi tanto que ele precisou ir tomar soro no ambulatório do autódromo. Perguntaram-lhe como estava o carro, Ingo respondeu:

— “O carro está bem. Eu é que não estou. Dá a impressão que o carro não vai fazer nenhuma das curvas que a gente começa.”

LAFYTTTE QUER VIVER — O piloto da estreante Ligier Matra tem o tamanho de um jôquei. É risonho, sempre coloca uma piada antes de responder a alguma pergunta. O que pretende da Fórmula-1? Ele responde: — “Viver até os 100 anos.”

Faz uma pausa e explica que, afinal, a primeira coisa que a gente tem que evitar é morrer. “Eu gosto muito de viver”, ele diz. Mas, apesar de simpático e acessível, não inspira o heroísmo de um Jim Clark.

PACE, ROMÂNTICO — Este é acessível e parece estar sempre disposto a colaborar com todos. Ele se comporta com certo romantismo e chega até a inspirar, nas mulheres, um ar de aventura, como a dos filmes americanos. Mas está sempre vigiado por sua mulher e se comporta de maneira que não demonstra qualquer interesse maior.

LELLA, MULHER — No meio disso tudo está uma mulher: Lella Lombardi. Um metro e sessenta e três de altura, cinquenta e quatro quilos, 29 anos, filha de açougueiro, de uma corpulência sólida. Apesar de simpática, os gestos duros não fazem com que seu charme feminino chegue a ser notado.

ÊMERSON — Só sobra Emerson Fittipaldi, que ao contrário dos demais cultiva uma figura junto ao público. Ele ainda sabe como se cercar de certo mistério e despertar a atenção das pessoas. Nunca se nega a um autógrafa, mesmo quando está a poucos instantes do início da corrida, e sabe como se fazer simpático em qualquer circunstância.

Talvez Emerson seja o último dos pilotos que ainda fazem com que certa impressão de perigo pare em torno dele. Mas isso sem relaxar quanto à sua posição altamente profissional. Enfim, estão longe os tempos em que os pilotos eram vistos como semi-deuses, em que arriscavam a vida em qualquer corrida em que morriam de maneira cinematográfica. Hoje, o dinheiro parece falar mais alto, e a aventura deles é quase uma aventura para qualquer mortal viver.

“Não corro, tenho nojo da camisa do Corinthians”. Essas declarações de César a AQUI, na semana passada, fizeram explodir uma crise que terminou estranhamente bem: César fora do clube, para alegria dele, da diretoria e principalmente da torcida.

O Corinthians também tem nojo de César

César dizendo que não renova contrato “nem por 500 milhões”, o presidente Vicente Mateus jurando que a partir do dia 31, quando terminar seu contrato, o centroavante não pisa mais no clube; e o técnico Milton Buzetto sorrindo muito, estranhamente satisfeito com a crise. Esse foi o resultado do desabafo do jogador ao repórter Michel Laurence, publicado na edição passada de AQUI: todos de acordo — César não quer mais o Corinthians, o Corinthians não quer mais César.

Já na terça-feira, as duas partes anunciavam que a reconciliação seria possível. Enquanto o centroavante gritava para os repórteres ouvir em “nasci num berço forrado de verde e branco” e “o Corinthians foi um amor passageiro”, o presidente Vicente Mateus condenava severamente o jogador pelo depoimento a AQUI, em que dizia sentir nojo da camisa do Corinthians e jogar sem vontade.

Matheus não pensou duas vezes para mandar o jogador procurar clube. César respondeu que já estava para procurá-lo, a propósito, para pedir que seu passe fosse colocado à venda, “se possível por 50 mil cruzeiros, o que valho”, disse ironicamente.

Quanto à entrevista que concedeu criticando o clube, César tentou desmentir, jurando que era homem suficiente para confirmar suas palavras, se realmente as tivesse dito. Porém, os torcedores, revoltados, não aceitaram suas desculpas e partiram para o ataque pessoal: agora são eles que gritam ter nojo de César, que em um ano de clube marcou apenas oito gols, menos de um por mês, não justificando seus altos salários de 20 mil mensais.

Os torcedores aguentaram César enquanto puderam. Apesar de ele não retribuir no campo, com dedicação e gols, o carinho que lhe deram as duas torcidas uniformizadas oficiais — Gaviões da Fiel e Camisa 12. Quando por exemplo César ficou parado quatro meses, treinando com os juvenis, muitos torcedores queriam pedir a Mateus que lhe concedesse o perdão.

A repercussão da saída de César do Corinthians foi encarada com a maior naturalidade. Até mesmo o técnico Milton Buzetto, que cansou de encobrir os atos de indisciplina do jogador deu um largo sorriso quando soube da decisão do presidente. Afinal, havia ficado livre de um tagarela que ainda poderia comprometer o seu emprego. César no Palmeiras outra vez? Esse é um sonho do atacante, mas isso só poderá acontecer quando Dino Sani (que o puniu uma vez no Corinthians) e, portanto, é seu inimigo público, sair do Parque Antártica.

Os Gaviões da Fiel lembram tudo o que César falou, tudo o que César deixou de jogar, e decidem: “Vamos dar um pau nele!”

A sede dos Gaviões da Fiel viveu dias agitados. Revoltados com as declarações de César a AQUI muitos torcedores andaram de um lado para outro o escritório alugado à rua Santa Efigênia, planejando a melhor maneira de defender o nome do clube. Houve mesmo quem sugerisse simplesmente subir ao andar de cima, onde César treina karatê, “para lhe dar um pau”. Mas o presidente dos Gaviões, Júlio César de Toledo, conteve qualquer represália com uma arma que julga mais eficiente: o desprezo.

“Quer saber de uma coisa? Por mim e pela maioria dos Gaviões, o César nem deveria ter sido contratado. A não ser que fosse quatro anos antes, quando ele realmente fazia o espetáculo. Agora ele vem como essa de nojo da camisa... Olha, tem certas coisas a direção do Corinthians que ninguém entende. Quando o César saiu do Palmeiras já não estava dando mais nada. O Palmeiras é um time que suga, suga, suga e, quando solta, o jogador não tem mais sumo.”

Conselheiro do Corinthians e presidente eleito democraticamente pelos 1.600 associados dos Gaviões da Fiel, a torcida organizada em 1968 que se gaba de ser “a única força independente em prol do Grande Corinthians”, Júlio César acha que mais culpado do que César são os dirigentes.

“Antes de mais nada, a gente adora isso aqui” — vira-se na cadeira e alcança a ponta da bandeira do clube, pregada atrás da sua mesa — “somos torcida que não quer dar manchete negativa pro nosso clube. Mas, por



tudo isso que o César disse publicamente, não dá outra alternativa: a diretoria tem que colocar o passe dele à venda.”

A sede dos Gaviões fica no salão de um prédio velho, na antiga Boca do Lixo, perto da av. Ipiranga (o mesmo prédio onde Kid Jofre mantinha sua academia de boxe).

No salão, três mesas: uma de ping-pong, outra redonda, “para os associados jogarem um baralhinho”, e a escrivaninha do diretor, com telefone, agenda e máquina de escrever. No quadro de avisos um cartão do Rui Silva, secretário de Turismo do Município, desejando felicidades para 76, e um outro, do Governador Paulo Egydio, “esperando que em 76 as esperanças corinthianas se realizem”. Ao lado dos cartões um comunicado da diretoria expulsando dois associados por “infração de regulamento”. Tudo é branco e preto, nem a mesa de ping pong, tradicionalmente fabricada em verde e branco, escapou do pincel. No fundo, um armário com o equipamento da torcida: surdões, caixas, tamborins e as bandeiras enroladas.

Na tarde do dia 23, vários Gaviões que estavam na sede, reconheciam que mesmo entre eles, ainda existem fãs do César, principalmente na ala feminina: “elas acham que ele tem uma carinha bonitinha. Então, quando o Geraldão erra dois chutes, já começam a gritar, César — César?. Aqui dentro temos um apelido pra elas: cesarianas.”

Dácio Nitri,

“Agora a torcida está contra mim? Loucura, ela já passou por muita coisa pior antes”. Este é o presidente do Corinthians, o esperto rei do asfalto, o confuso dirigente cabeça dura. Vicente Matheus, o homem que César ousou desafiar.

Vicente Matheus, homem vaidoso, milionário de pedras e pedreiras, rei do asfalto. Presidente do Corinthians pela primeira vez em 1958, ficou até 59, caiu um tombo longo, só conseguiu se recuperar há dois anos, depois de amargar 13 anos numa incansável campanha de oposição contra um inimigo mortal: Wadi Helu, deputado, seu ex-vice-presidente na primeira gestão, a quem conseguiu derrotar no ano passado numa eleição concorrida, cercada de pancadaria, gritos, cadeiras cortando o ar, sendo protegido por experientes e musculosos homens de suas pedreiras, cabos eleitorais vitalícios.

Um homem vaidoso, baixinho, barrigudo, narigudo de facetas incríveis. Um verdadeiro político do futebol, sem nenhuma aspiração ou condição de enveredar pelos caminhos da política partidária. De frases estudadas com ardor, que não conseguem ser pronunciadas nos momentos decisivos. De nada adiantou contratar um professor para lhe ensinar a dizer coisas bonitas ou ao menos frases corretas. Ele continuou tropeçando em vírgulas, parágrafos, velhos chavões dos homens do futebol. Prefere se apoiar no funcionário público Mario Campos, seu assessor, braço direito, hábil político de posições contraditórias, quase sempre em cima do muro, para cair do lado mais forte. Nos últimos anos (também foi vice de Wadi) tem caído sempre do lado de Matheus. E considerado um seguidor fiel. E também, por alguns, um coveiro de luxo para os velórios provocados por Matheus.

Entretanto, Matheus não chega a ser nenhum monstro. Tem lá suas coisas boas, apesar das frases gastas e mal colocadas. A vaidade não o impede de dirigir um orfanato com 100 crianças (que leva o seu nome, lá pelos lados de Guaianazes, zona leste da Central do Brasil), e aplicar altas somas em caridade, o que sempre fez questão de esconder. Tem também um Estádio (do lado da marginal, onde os corvos que rodeiam a favela do Tatupé fazem ponto) que leva o seu nome, como quase tudo o que ajuda a construir. A pedreira é Vicente Matheus, o orfanato é Vicente Mateus, o estádio da pedreira onde o Corinthians treina é Vicente Matheus.

Até o futuro estádio do Corinthians (que ainda não saiu da maquete) deverá ser Vicente Matheus. A promessa é a de que começa a ser construído neste ano. Se pudesse, na certa, o Corinthians, time tradicional, sofrido, marcado pelos cartolas que o dirigem, mudaria de nome. Em sua gestão, logicamente passaria a se chamar Vicente Matheus.

Afinal, quem é Vicente Matheus?

Um velho cartola, acostumado ao poder que não aceita dividir. O poder é dele. Então, que contestem, falem o que quiserem que não vai adiantar. Ele não muda. Sua diretoria, no Corinthians, já foi mudada muitas vezes. Os diretores de futebol, então, já foram enxotados aos montes do Parque São Jorge, por não conseguirem vencer o ditatorialismo do homem rude, duro, filho de espanhóis que um dia foi pobre, e que dá uma importância incrível às coisas materiais. Ele diz sempre que cresceu assim, vai morrer assim, lembrando sempre que quando criança dividia um pobre e seco frango em 10 irmãos. Hoje, todos estão bem, no ramo das pedreiras, dos pedregulhos, do asfalto, a pavimentação e suas ramificações.

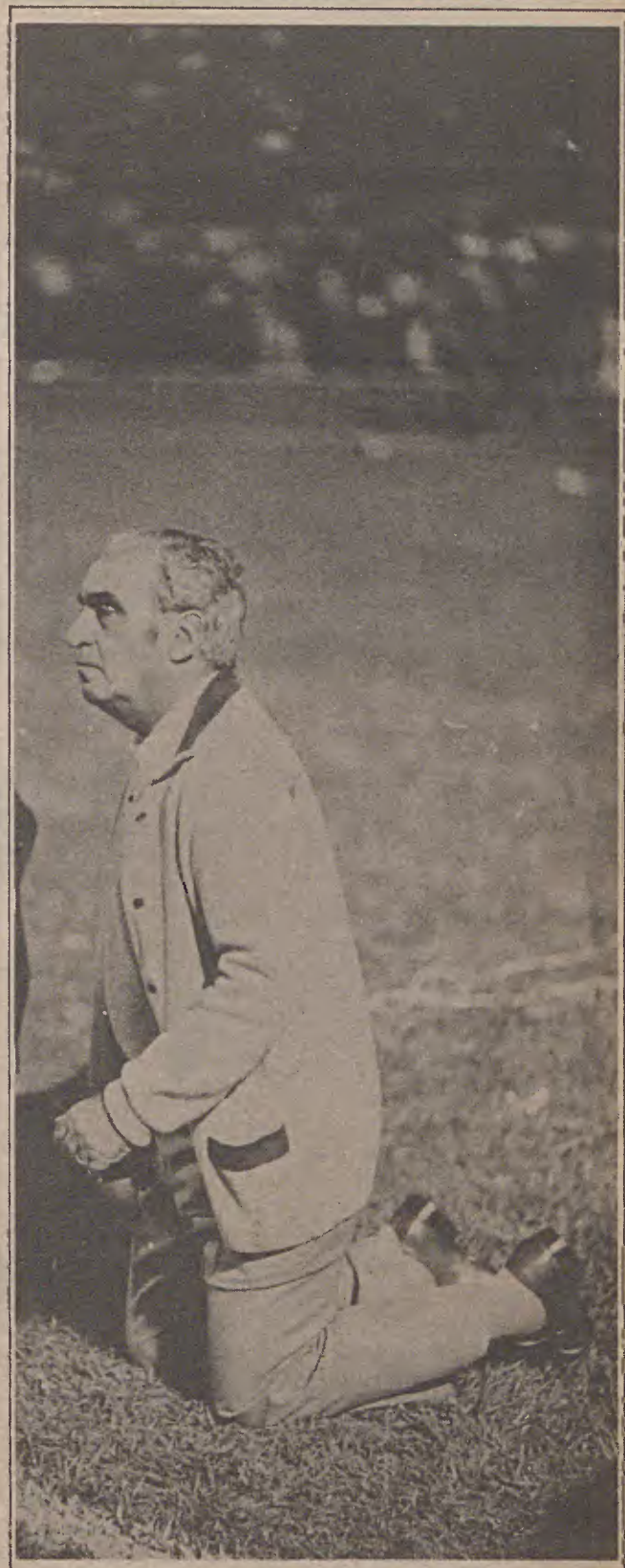
No Corinthians, um homem incrível. Capaz de expulsar da sala um jogador que vem pedir aumento de salário e de correr atrás de outro com generosos aumentos mesmo sem qualquer pedido. Capaz de percorrer de joelhos toda a lateral do Pacaembu com as mãos entrelaçadas, rezando por uma vitória de um time ruim, chorando ao lado da torcida que nas vitórias o abençoa, nas derrotas o amaldiçoa. Ultimamente, tem sido muito mais amaldiçoado, pois as vitórias têm sido raras, as derrotas frequentes.

Ele se acostumou a culpar juizes, outros cartolas, poderes ocultos para justificar as derrotas. Para ele, o Corinthians tem um grande time, de estrelas evidentes, alguns raros coadjuvantes. Ele pega lápis e papel e tenta provar que o Corinthians não é pior do que nenhum outro. Apresenta um craque e no dia seguinte manda embora, com passe livre.

Homem teimoso está aí. Ou melhor, reinando no Parque São Jorge. Rei da teimosia, cabeça dura mesmo, segundo seus seguidores, que contestam sua autoridade mas continuam a seu lado. Muitos desistiram, mas sempre aparecem outros esperançosos candidatos a cartola, sempre acreditando que irão vencer a tenaz resistência do ditador.

E não faz segredos: “No Corinthians mando eu”.

E quer continuar mandando. Não lhe importam estatísticas, nem dizer que a torcida está contra: “Contra mim? Loucura, toda a torcida está a meu lado, ela me compreende, já passou por coisa muito pior nas mãos de aventureiros”. **Mário Iório**



**VIBRE
MAIS COM**

FÓRMULA 1

- O mais completo guia para o Campeonato Mundial de Fórmula 1 deste ano, com tudo sobre os 15 circuitos, as máquinas, os pilotos e as scuderias.
- E mais todos os vencedores até hoje, os grandes campeões.
- FÓRMULA 1, 148 páginas de fotos e ilustrações.
- Corra até sua banca. Cr\$ 25,00 de informações por um ano inteiro.

Está nas bancas

FÓRMULA 1

REDE GLOBO

RIO GRÁFICA E EDITORA

IGNÁCIO DE LOYOLA



Em Salt Lake City, EUA, as engraxates são proibidas de se sentar no joelho dos fregueses. Em São Paulo, Brasil, enquanto isso, Meretriz Faz Tira-Gosto Com A Orelha do Marido Infiel.

Me defendam

Outro dia, comprei uma caixinha com seis iogurtes, no Eletro radiobraz do Center Três.

Estavam todos azedos.

Desci para reclamar, mas uma das caixas disse que não tinha nada com isso, e um moço identificado como gerente (seria ?) também disse que nada podia fazer (eu já tinha jogado o ticket fora; quem guarda ticket de supermercado ?). Só se eu tivesse aberto o iogurte na presença de alguém, constatando que estava ruim.

Quer dizer: preciso abrir o leite, a lataria, fritar a linguiça, tudo ali na caixa, na frente de testemunhas ?

Li, agora, que já existe o Conselho de Defesa do Consumidor, ligado à Associação Brasileira de Defesa de Condôminos e Investidores.

O jeito é prestigiar. Só que na notícia que li, não havia nenhum endereço, telefone. Nada. Falta ao Conselho um serviço de relações públicas.

Senão, não dá.

Ponham uma no joelho

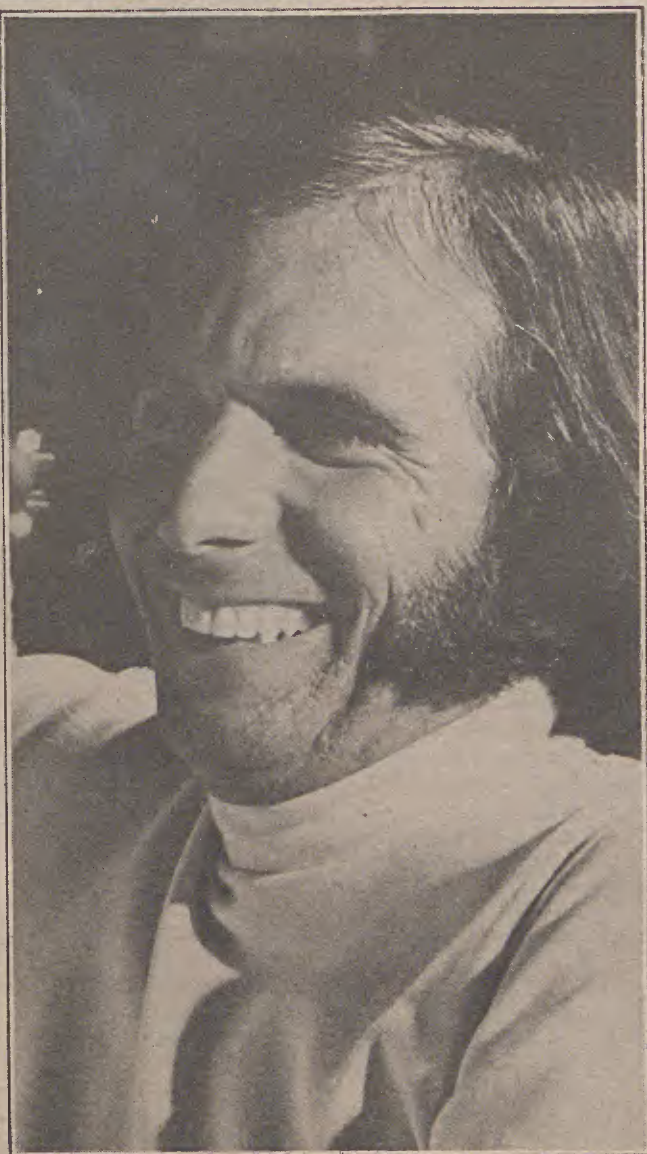
A UPI noticia que as moças engraxates de Salt Lake City, Estados Unidos, não poderão sentar-se nos joelhos de seus fregueses, enquanto estiverem engraxando os sapatos deles.

Aliás, para engraxar os sapatos nesta estranha posição, as tais moças dispunham de cabines fechadas. A nova lei determina que estas cabines sejam construídas de tal modo que se possa ver o que ocorre lá dentro.

Engraxada curiosa, esta. Sentada no joelho, a moça tem que se curvar um bocado. Curvando-se, pode até deslocar a espinha. A posição não deixa de ser ingrata também para o freguês.

Já imaginaram, aqui ? As pessoas na Praça da República sentadas nas cadeiras e os criolões todos no joelho do pessoal ?

Ganhou sozinho na loteria esportiva e conseguiu realizar o grande sonho: entrou num cursinho.



Fazer como Emerson? Eunão.

Certas campanhas promocionais, por serem calcadas na emoção pura, no chauvinismo, e não no sentido de realidade, correm o risco que correram Emerson e a Copersucar, nesta semana. Alimentada por out-doors e pelo entusiasmo juvenil de alguns jornais, muita gente foi a Interlagos, preferindo o Brasil e com a certeza de jogo ganho. Parecem se esquecer de que o automobilismo (esquecer, não; o povão não sabe nada; e a agência que produziu a campanha entrou na mesma linha de ignorância) é muito mais complexo do que parece, à primeira vista. Enormes interesses estão em jogo, não apenas políticos, mas principalmente econômicos e técnicos. Acima de econômicos, técnicos. O Copersucar pode ser um bom carro, mas ainda vai levar tempo para ser um carro em condições de igualdade com as Ferrari, McLaren, etc. Resta saber o que em motivou realmente a campanha (desmoralizada a esta altura; se eu preferindo o Brasil fico em 13º, acho que vou escolher é a Itália que anda em primeiro). Não posso e me recuso a acreditar que tenha sido ingenuidade. É ingênuo demais numa novela só. Destaco uma coisa: a coragem com que Emerson partiu para este sacrifício. Verdade que é um sacrifício altamente remunerado. De qualquer modo, ele jogou seu prestígio, seu nome, seu provável futuro como corredor.

Oito. E nenhum sabe fotografar

A idéia do Jornal da Tarde foi ótima (criação da chefia de reportagem é isso aí).

Oito pessoas famosas fotografando São Paulo.

O único problema é que ninguém sabia

fotografar.

Ou melhor, transmitir em imagens a idéia.

Assim, conclui-se que Elis é melhor cantando,

que o sr. Erasmo Dias é melhor secretariando,

e etc. De qualquer modo, mostraram

um tipo de visão, com exceção do adido

de imprensa francês que,

ou não quis ter trabalho,

ou vê São Paulo daquele jeito mesmo: o

ângulo restrito que as suas janelas

oferecem, do Conjunto Nacional.

Peter Rehlinger é o tipo do sujeito que não devia fazer nenhum sucesso no Brasil: andar na corda bamba a 110 metros de altura é o que milhões de brasileiros vêm fazendo há muito tempo.

O melhor título de jornais, esta semana, foi do NP: "Meretriz fez tira-gosto com a orelha do amante infiel".

Plantando, dá

"100 milhões de cruzeiros serão destinados ao Departamento de Parques e Jardins da Prefeitura".

É isso ! Vão plantar árvores onde ? Nas paredes dos edifícios ? Nas praças cimentadas ? Nas pedras das calçadas ?

Alguém alguma vez deixou um espaço para o plantio de árvores ?

Uma das boas coisas que a imprensa paulista ganhou foi o Paulo Francis, fixo na "Folha de São Paulo". Mas o Francis merece ser melhor promovido. Chamadas na primeira página deveriam ser o normal.

O porto de areia destruidor

Falando em verde. Quem vai pela Via Raposo Tavares, na altura do Km. 135, mais ou menos, encontra um rio. Pois à beira deste rio, algum tempo atrás, existia vegetação. Mas uma companhia se instalou ali para retirar areia. E vai derrubando tudo à sua volta, à medida que as máquinas descem o rio. Alguém pode intervir, ou deixa tudo pra lá ?



CINEMA EM CASA

Agente 86 (Globo) ***
A Feiticeira (Globo) *
Jeannie é um Gênio (Globo) *

A Globo
tem medo
da graça

Por que será que as comédias não funcionam na tevê? O medo é tanto que a TV-Globo, por exemplo, transforma todas as comédias em sinistros dramas nas suas chamadas rotativas. Deve ser principalmente por causa da dublagem, com suas traduções apressadas e vozes impessoais, que o humor se perde.

Não há, no horário nobre, nenhum seriado humorístico. Em compensação, na hora do almoço, essa mesma Globo apresenta uma série de comédias curtas que ainda são o que de melhor se vê em matéria de telefilme. Encabeçando a lista disparado está "O Agente 86" (Get Smart, uma série de 137 filmes produzidos entre 65 e 70), uma sátira aos filmes de espionagem que garantem algumas das situações mais inventivas já vistas na tevê.

E não é para menos. Afinal de contas, "O Agente 86" foi criado pelo mesmo Mel Brooks, que hoje é considerado o humorista do momento nos Estados Unidos por seus filmes *Jovem Frankenstein* e *Banzé no Oeste*. Não apenas por Brooks mas também Buck Henry, o roteirista de *A Primeira Noite de um Homem*.

Com essa gente, não há como errar. Don Adams faz o mais inepto agente de segurança, o Maxwell Smart, trabalhando para o "Controle" com sua mulher o Agente 99 (Barbara Feldon). Os episódios costumam ser tão engraçados que às vezes é de dar vergonha na concorrência.

Mas é difícil saber quando é dia de ver "O Agente 86", porque a Globo o substituiu por *A Feiticeira* ou *Jeanie é um Gênio*. Essas duas séries são basicamente iguais. Na *Feiticeira* "Bewitched", 252 filmes de 64 a 72, Elizabeth Montgomery é uma simpática bruxa que se casou com um publicitário (Dick York) e tem problemas para controlar seus poderes extra terrenos. De vez em quando, aparece Agnes Moorehead como sua mãe para criar novas trapalhadas.

Em *Jeannie é um Gênio* (I Dream of Jeannie, 139 filmes de 65 a 70) é um astronauta (Larry Hagman) que se torna senhor de um verdadeiro gênio (Barbara Eden), com quem eventualmente decide se casar.

Mas a idéia é a mesma: o marido (ou senhor) opõe-se à utilização de bruxarias para modificar as coisas, eles querem uma mulher comum e não uma que lhe resolva os problemas. A partir desta situação basicamente absurda (quem é que não gostaria de ter uma bela genia como Bárbara para lhe dar tudo o que quisesse?), ocorrem os fatos inesperados: os convidados que não entendem as magias, as soluções de última hora, a piadinha para encerrar a meia hora do capítulo.

Se são assim tão banais, por que "A Feiticeira" "Jeannie é um Gênio" conseguem divertir (e a prova disso é sua incrível longevidade)?

Por que, se fôssemos exigente, ninguém suportaria *A Família Do Ré Mi* (The Partridge Family, 96 filmes de 70 a 74) uma variação musical de *Papai Sabe Tudo*. Uma família com uma viúva (Shirley Jones) que dirige um conjunto de rock com seus cinco filhos (embora visivelmente só o mais velho David Cassidy cante, enquanto os outros fajutam fazendo "uh...uh...uh..."), o mais engraçado dos quais (Dany Bonaduce), é um ruivo adolescente cheio de problemas. Em cada episódio, eles enfrentam um ladrão, um namorado da mãe, uma festa de aniversário, etc, etc.

Tudo exatamente igual a mil seriados de tevê, daquilo que os americanos chamam de "situation comedy". Um grupo básico de pessoas — de preferência uma família — que enfrenta situações variadas a cada semana. (Mais ou menos o que se tentou fazer no Brasil, com *A Família Trapo* e depois *A Grande Família*). Só que entre mostrar a vida como ela é como pretendem fitas como *A Família Do Ré Mi* e a vida como deveria ser como em *A Feiticeira* e *Jeannie*, não há dúvida que os norte-americanos sabem fazer melhor a segunda alternativa. Afinal, 70 anos de "know-how" com Hollywood não foram em vão.

O humor de Mel Brooks é o melhor da tevê. Mas a Globo não sabe.



Rubens Ewald F.

CINEMA NA RUA

Lucky Luciano *
Um Inverno de Sangue em Veneza ****
Banzé no Oeste ***

Três curiosos
chegam em meio
à catástrofe

Enquanto *Tubarão*, *Inferno na Torre*, *Terremoto* e outras catástrofes cinematográficas (em todos os sentidos) continuam, em incontáveis cinemas, a acumular semanas em cartaz, as perspectivas de estréias de interesse se tornam mínimas. Mas entraram três filmes que despertam curiosidade: *A Classe Governante*, *Inverno de Sangue em Veneza* (os dois em substituição ao ótimo *O Grande Ditador* e *Lucky Luciano*, o *Rei dos Chefões*).



Gian Maria Volonté — Lucky Luciano

A Classe Governante nem é estréia, mas, diante de seu péssimo lançamento no ano passado (ficou só uma semana no Iguatemi), é preciso fazê-la constar. Com a morte do pai, Jack Gurney (Peter O'Toole) torna-se o 14º Duque de Gurney. Jack, porém, estava até então internado num hospício, e, apesar de receber alta, volta acreditando-se ainda Jesus Cristo, Deus de Amor. Após o choque de uma disputa pela divindade com outro louco que se diz o Messias da Alta Voltagem, Jack muda completamente. Sem anunciar, passa a acreditar-se Deus Onipotente, o que pune, que aterroriza, e, por isso, é amado.

"É na mesa de montagem que o filme adquire alma." Esta lição básica de cinema parece um tanto abstrata, até que se tem a chance de ver *Um Inverno de Sangue em Veneza*. Numa fotografia primorosa, as sequências mais importantes se compõem na alternância de imagens semelhantes, tanto como imagem por si só como por sentido e simbologia. John Baxter (Donald Sutherland) tem uma premonição sobre a morte da filha, mas chega tarde demais para socorrê-la de um afogamento. Seis meses depois, está em Veneza em seu trabalho de restaurador artístico, com a mulher, Laura (Julie Christie). Laura encontra duas irmãs idosas, e uma delas, cega e médium, lhe diz que a menina morta quer comunicar que está feliz, mas que teme pela estada do pai em Veneza. As evidências que a narrativa nos dá das experiências extra-sensoriais, tanto de John quanto da cega, não se limitam às relações apenas dos dois com o futuro. Dois acontecimentos (a atitude de um delegado diante do retrato desenhado da cega, e a negativa da figura com que John se defronta no clímax final) ampliam a área de conhecimento da realidade das manifestações paranormais. Ainda assim, John parece irremediavelmente sozinho em sua missão de perseguir pelas ruas de Veneza o pequeno vulto encapuçado que lhe parece sua filha morta. Uma grande estudo simbólico de fato/imagem.

Um filme de Francesco Rosi (de *O Bandido Giuliano*), protagonizado por Gian Maria Volonté (Giordano Bruno, Sacco e Vanzetti), sempre chama a atenção. Depois do sucesso de filmes sobre a Máfia, um filme que traga de volta o diretor e o ator de *O Caso Mattei*, como é *Lucky Luciano*, o *Rei dos Chefões*, desponta como mais uma provável obra-prima. Lamentavelmente, não é. É, sim, um filme monótono, de narrativa arrastada e imprecisa, que se preocupa mais em colocar "Santa Lucia" e "Moonlight Serenade" como fundo musical de uma péssima dublagem em inglês. Salvam-se apenas algumas cenas de assassinatos à la Sam Peckinpah e um documentário cinematográfico do famoso "Depoimento Valacchi", no Senado norte-americano. Tanto Volonté (no papel de Luciano) quanto Rod Steiger, Edmond O'Brien e Vincent Gardenia foram mal aproveitados. O papel principal ficou mesmo para Charles Siragusa, que realmente participou da caçada ao real Luciano, mas que como ator é deplorável.

Bruno Afonso de André Jr. (interino)

"Salvam-se algumas cenas de assassinato"



Pola Vartuck

ARTES PLÁSTICAS

Carrancas do São Francisco (MASP) ****
Pinacoteca do Estado ***
Ella Durst (MASP) ***

Contenha-se,
minha senhora, em
nome da arte

Em quase 30 anos no MASP, nossa intenção sempre foi dar unidade às artes. É por isso que aqui dentro a música, a dança, o cinema, a literatura, a plástica desde a urbanística até o design têm a mesma acolhida e consideração, sob o guarda-chuva da palavra "arte", ainda corrente para indicar as atividades do espírito.

Mas se o homem propõe e Deus dispõe, as intenções não correspondem ao resultado. Talvez porque a dedicação a qualquer arte seja exclusivista, ciumenta das outras, especializada. Então, o fanático por cinema que sabe a cor dos sapatos de Clark Gable em tal filme nunca foi visto na Pinacoteca; o torcedor do rock despreza Beethoven; fã da Sinfônica gosta de música popular como gosta de fumaça nos olhos. Sem falar dos amadores de pintura, dedicados ou ao "clássico" ou ao "moderno", que obedecem à classificação oficial dos melancólicos salões reservados.

Dias atrás, uma jovem senhora veio reclamar do ostracismo em que, segundo ela, o MASP deixou a música popular. Blablablando vitupérios contra o "mito" Chopin e o "incompreensível" Villa-Lobos, a moça, na base do já-era, propôs contratar aqueles engenheiros americanos para implodir o prédio da av. Paulista.

Como é nossa obrigação escutar a todos, logo depois tive que ouvir uma pintora à caça de linhas de currículo e de uma festinha para comemorar sua estréia. Por acaso estava na mesa, para exame, uma escultura de Degás. Visto que a cosmeticada não dava bola ao mestre, chamei-lhe a atenção. De passagem, disse um "não me diz nada".

O que me irrita não é tanto a ignorância, mas a superficialidade, o desrespeito, a presunção da certeza de uma opinião. À blabladora vaderetro-Chopin gentilmente observei que, no maior auditório de Roma, centenas de moços que não conseguiram lugar para a execução da "Nona", dirigida pelo velho Karl Bohn, invadiram a sala e só a polícia restabeleceu a ordem. Resposta: "Juventude sem miolo".

Felizmente estes casos são os extremos de um momento em que se procura o estabelecimento de uma filosofia de vida cultural. Estamos num tempo pontilhado de escassas reflexões e de adormecimento ao som dos lugares-comuns poluentes vindos dos vídeos, da comercialização da música popular, dos circo esportivos — e francamente, não é o que se esperava para o desenvolvimento de uma "potência emergente".

Vira vira, a língua bate onde o dente dói. O que dói é nossa cultura sem rumo.

"Ela propôs implodir o prédio da av. Paulista".



Pietro Maria Bardi

CHUCRUTE À MILANESA

Jorge Cunha Lima, depois da estréia das Dzi-Croquettes, reuniu um grupo categórico em sua casa: "Gostamos do espetáculo mas achamos um pouco comprido..." No calor deste lar, o Lelouch de Ipanema, Cacá Diegues, derreteu o deslumbramento dos Antônio, Calmon e Bivar, respectivamente pupilas do cinema e teatro nacio-

nal. Cacá esteve em São Paulo com sua equipe cinematográfica documentando a corrida para a Brahma — realmente, a corrida de domingo, só tomando um porre! (Pace como personagem central).

Como para cada intelectual carioca que chega a São Paulo há cinco paulistas para cercá-lo, logo foram acrescentan-

do-se ao grupo Ruth Escobar e Walmor Chagas (ah, é isso que é intelectual em São Paulo? Que texto!). Mas como não se vive só de intelectualismos, também havia radical-chics como Vera e Roberto Suplicy, que provocaram verdadeiras apostas: "Qual dos dois é mais lindo?" — ninguém chegava a conclusão nenhuma porque Walmor Chagas, natu-

ralmente, não deixava. As apostas se dividiram, entre qual dos dois mais bonitos e qual dos dois mais inteligentes — na segunda parte entram os Carvalhos.

No meio disso tudo nosso Jorginho subia num banquinho para que todos vissem bem que está sem barba e reassumindo sua adolescente liderança.



AQUI, DANIEL MÁS

OS RICOS E SUAS CAUDAS

Walter Rolex Ammler, em Punta Del Este ou Guarujá, mas nunca em São Paulo nos week-ends. (Foto: Sérgio Monte Alegre)

Os excelentíssimos colunáveis continuam com seus dias angustiosamente agitados. Não bastando o anual "baile de Versailles" promovido pelos Campello no seu clube (ou playground) Samambaia em Guarujá, este sábado temos na mesma área (Guarujá) outra grande festa anual, como se sabe, em casa de Germano Mariutti. Digamos que tudo seria simples, bastaria "esticar" (esta terminologia cafezinho-com-society me mata!) uma semana em Guarujá. Mas acontece que no meio, ou, especificamente dia 28, a gorda e simpática francesa Regine, dona do famoso Chez Regine's em Paris, inaugurou sua filial carioca no drugstore-hotel Meridien (e mais uma filial baiana). Anexado à inauguração, seu aniversário. Tudo com extremada organização, Ibrahim Sued, o acadêmico do colunismo social, apresentando regime na televisão, ela enviando cartas e/ou telegramas pessoalmente, uma maravilha. Todos esperando que assim corresponda a "cavalgada" das suas (pelo menos nominalmente) buates.

O deslocamento portanto entre os agitados colunáveis foi encontrolável. De São Paulo ou Rio para Guarujá, de Guarujá ou São Paulo para o Rio, e agora todos de volta a Guarujá, que o melhor mesmo do festival é a ópera Mariutti. Apesar de uma supresa paradisíaca que Regine ganhou: a chegada de Sydne Rome para sua inauguração. Sydne, que aqui no Brasil vimos sempre tão vestidinha no cinema, é uma das atrizes do momento e das mais nuas. Uma descoberta despida por Polanski no



A Duquesa D'Uzes

seu "What?", que pelo que se sabe jamais o leigo verá. Os desleigos compram suas passagens e vão ver lá. É essa a diferença exata que a censura ajusta.

Ivo Pitangui foi sem dúvida a grande atração na festa dos Campello em Guarujá, fora o grande jantar paulista para a Duquesa D'Uzes, também oferta dos Campello. Houve já um momento em que Pitangui era olhado como se vissem uma espécie de "homem-voador", "Príncipe-Submarino" ou coisa no estilo. No grupete carioca veio também a conhecida Imperadora de Esmeralda, a carioca turca Josefina Jordan.

Para este 31, sábado, ópera Mariutti, Pitangui estará de volta antes de correr para Gstaad (coroa da Suíça), onde esquiará mais um pouco com a família além de malabarizar um pouco os bistris. Também para a festa de sábado vem no avião dos Severo Gomes, diretamente de Brasília, o embaixador italiano no Brasil, Harry Giglioli, com sua Ivone esposa brasileira, que desembarcarão em Guarujá de Helicóptero. Uma ópera, como eu disse. (Aliás Harry Giglioli afastou qualquer hipótese de que venha a presidenciar a Fiat no Brasil, afastando-se da diplomacia italiana. Vai ficar sim no Brasil e trabalhar para uma empresa italiana, mas de seguros).

Durante a festa, talvez Germano Mariutti aproveite para participar que, depois de um pequeno descanso na Europa, pretende passar a viver em Guarujá. Subindo só a São Paulo para tratar de assuntos que exclusivamente dependam dele.

NUMÉRICAS

(com certa estupidez)

1) Todos tentaram correr atrás dos famosos (internacionais) corredores para enfeitar ou valorizar suas festas. Na verdade, assim que podiam, o que os corredores faziam era sair em disparada para La Licorne...

2) Ainda bem que La Licorne, porque por acaso corresse para o Scarabocchio iam acabar se encontrando com os próprios hosts... (Afim de contas ficou estabelecida a diferença entre La Licorne e Scarabocchio: o primeiro para quem vem de fora, o segundo para os mais íntimos paulistas — o segundo andar, então, bem calminho.)

3) Tanto Guaraci Correa tem elogiado os serviços do decorador carioca Rodrigo Argolo, quanto ele, cujo estilo é sempre intimista. Aliás, o esposo em questão, o gordo Tomás, ofereceu jantar com suculento menu: Daniel Mas. Vamos em frente...

4) Alice Giunta pegou o estilo dos Pignatari. E está em Punta Del Este, e não só levou as empregadas como também carrega todas elas onde quer que vá. Viva o despreconceito! Aliás, tem feito o maior sucesso sua perua amarela, só que de vez em quando param o carro no meio da rua, pensando que é da telefônica, pedindo para fazer um serviço ou outro.

5) Falando em Punta Del Este, os paulistas continuam os mesmos: "não habituados com a comida européia" levam tudo daqui, feijão, carne seca, farinha...

6) (Ainda Punta Del Este) Fez enorme sucesso, para variar, Silvia Kovarick — que foi passar um week-end com sua filha. Embarcou



backgammon com Walter Ammler e chegou agitando o copo de laranja em vez do copo dos dados. Enfim, quem não troca as bolas nas alturas...

7) Opinião de um alto intelectual carioca: "Eu sou um covarde..." no que todos concordaram imediatamente antes de qualquer explicação. Mas em seguida vieram as explicações "é que realmente achei Gota D'Água a maior porcária. Nunca vi nada pior. Mas é que ficar contra qualquer coisa que o Chico Buarque de Hollanda faça ou bote os dedinhos é ser excomungado da "inteligência" brasileira, carioca e principalmente do Antonio's".

8) Filho de um rico empresário editorial estava com sua esposa numa reunião em Guarujá, ele fascinado com a presença de Ana Paola Giaquinto. Fascinação que se transformou numa verdadeira fragância (aliás, se Jorge Amado tivesse um dia conhecido Ana Paola teria escrito mil romances inspirado nela). Daí a pouco Ana Paola se levantou e foi saindo, na passagem ele fez com que ela tropeçasse; ela estancou, ele se levantou e perguntou: "Seu perfume, é Chanel nº 5?" Ao que ela respondeu, antes de precipitar-se para a porta de total saída: "Não se trata de nenhum perfume, meu senhor, é uma essência pessoal..."



Gisela Amaral e a disputadíssima deste verão guarugense, Heloisa Abreu Pereira Onassis, lavando os pés, como Cristo mandou... (FOTO: BUSY COSTA)

CHICO BUARQUE ESTÁ DURO

Chico Buarque de Hollanda está (façam força para crer) duro! Todo o dinheiro que ganhou com Bethania no Canecão, digamos um total aproximado de Cr\$ 2.000.000,00 mal deu para acabar a sua casa nova na Gávea, pagar a hipoteca da cobertura na Lagoa Rodrigo de Freitas (que tinha feito para começar a construir sua nova casa) e comprar mais uma casa em Rio das Ostras. Pobre mas não falido, já está escrevendo uma versão de Chapeuzinho Vermelho — que se chamará Chapeuzinho Vermelho de Raiva. Trata-se de uma peça altamente moral escrita a quatro mãos com Mário Prata. A raiva aí já causa dúvida se é do Chapeuzinho ou do coautor... porque haja paciência. Não bastando Ruy Guerra, Paulo Pontes (Pobre Gota D'Água), agora Mário Prata. Pelo visto não é só de dinheiro que o querido Chico anda pobre.

O PRATO DO DIA

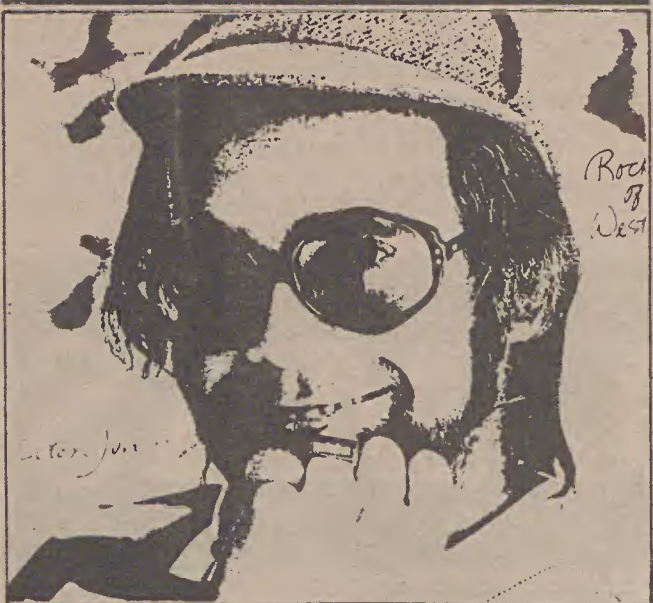
Havia um protocolo assinado quando Mino Carta, o então diretor-fundador-inspirador-motor de Veja saiu finalmente em férias. Uma das cláusulas dizia que a empresa — a onipresente Abril — se comprometia a não mexer com colaboradores, redatores, móveis e utensílios até sua volta no dia 1º de abril. VC, como é americanamente chamado pelos filhos o empresário editorial Victor Civita, decidiu desrespeitar o acordo afastando Plínio Marcos "el terrible", de Veja. Chamou Mr. Mino depois de 22 dias de seus 3 meses de férias, para lhe comunicar sua decisão. Mino lembrou o protocolo e Victor retrucou: "Mas eu não posso mudar de idéia? Até o tratado de Versailles foi renegociado!" Mino, entre atônito e perplexo, percebeu que havia uma guerra e acabou saindo do campo de batalha (Veja) juntamente com Plínio Marcos. Eminentemente historiadores entendem que o tratado de Versailles, devidamente renegociado, gerou Hitler.

MÚSICA EM CASA

Rock of the Westies, com Elton John ***

Revolver, com Walter Franco ****

Meu Primeiro Amor, com Nara Leão ****



O Ray Conniff do Rock atacando pela 14ª vez

Nos céus do rock atual, Elton John brilha como um astro solitário. A mais rápida e cintilante figura do mercado do disco pop, desde Elvis Presley e dos Beatles, não pretendia outra coisa além do êxito desde que se projetou seis anos atrás.

Mais que um fenômeno, o meteórico cantor e compositor se revela como o produto exato, que sabe a tendência, de um movimento e conformado em busca do que lhe puder alimentar e satisfazer seus numerosos adeptos em todo o mundo. Menos que uma fonte real de criação, este inglês de 28 anos e de Londres, nascido Reginald Kenneth Dwight, apresenta-se como o resultado de paciente elaboração, bem além do que da inspiração propriamente. O que realmente interessa, os números, não deixam em todo caso qualquer espaço para controvérsias a respeito do seu ambicioso título de maior "unanimidade viva da música pop". Seus 13 LPs no curto período de 6 anos, superaram sempre a marca de um milhão de cópias vendidas (só nos EUA). No Brasil, impulsionado pelas telenovelas que incluíram vários de seus hits em suas trilhas sonoras, as vendas atingem em média 100 mil exemplares, às vezes em casos como o compacto duplo contendo *Skyline Pidgeon* ou no disco anterior, *Captain Fantastic and the Dirty Cowboy*, números bem acima. E praticamente sem divulgação.

"Sou o Ray Conniff do rock", afirma o artista sem nenhum constrangimento. De maior sagacidade, pericia e originalidade, convém frisar. Como *Rock of the Westies* confirma, embora não se afigure como um de seus mais representativos trabalhos. A partir da vibrante faixa de abertura, *Yell Help*, parte da trilogia *Medley*, temas, ritmos e sons já conhecidos (de forma mais visível o do grupo *Rolling Stones*) são retomados, desdobrados ou mesmo caricaturados através de uma impecável técnica e competência. Eletrizantes rocks (*Grow Some Funk of Your Own*) ou melódicas baladas (*I Feel Like a Bullet*), seja abordando a delinquência juvenil (*Streets Kids*) ou a história de um velho marinho (*Billy Bones and the White Bird*), toda e qualquer combinação permite sediger esse obstinado ex-gordo e semi-careca pianista junto com seu inseparável parceiro, Bernie Taupin e seu arguto produtor, Gus Dudgeon, responsável pela textura do som característico de Elton John — independente dos músicos que o acompanham, como a nova banda que participa deste LP. Superficial e repetitivo, tal um eco, é verdade, mas balanceado e esuficiente como seu som de origem. Senão uma estrela de superior grandeza, um cometa efêmero para iluminar os horizontes de uma corrente musical em fase de raro brilho.

No curto período de seis anos, ele vendeu mais de 13 milhões de LPs



Renato de Moraes

MÚSICA NA RUA

Falso Brilhante, com Elis & Cia. ***

Canta Mais, com Marília Medalha **

E Agora João, com João do Vale ***

Duas mulheres, dois homens e nove croquetes.

Em apenas dez dias, uma tão súbita quanto inexplicável transformação. Se na semana passada, o setor de espetáculos em São Paulo era dificilmente entusiasmante, o deste e da próxima é mais que promissor, tomado de assalto por quatro produções.

Acima da quantidade, porém, está a variedade dos espetáculos, de tendências diversas e capazes de em conjunto oferecer ao espectador paulistano um rol eclético e atraente. A saber: Com sua atilada veia humorística, o compositor Jards Macalé contrapõe o lírico e o insólito no espetáculo *Sorriso de Verão* (Teatro Oficina), apontado como o melhor de 75 pela crítica carioca e responsável pelo primeiro sucesso popular do artista. Vestido com um pijama, sentado num vaso sanitário no centro do palco, o instigante criador de *Gotham City*, *Movimento dos Barcos*, *Anjo Exterminado*, alterna climas e situações destilados através de boleros trágicos, sambas de breque (de Moreira da Silva), velhos blues, composições de amigos (Caetano Veloso, Chico Buarque, Paulinho da Viola) e antigas e novas canções suas — em algumas partes acompanhado por sua atual parceira e também cantora, Marliu Miranda.

Sob outro prisma, o pernambucano Alceu Valença se transmuta em menestrel, palhaço, orador, ator, equilibrista e poeta no show *Vou Danado pra Catende* (Teatro Aquarius), nome da música que o lançou nacionalmente, no Festival Abertura. Acompanhado pelos seis músicos do Grupo Batalha Cerrada, ele exibe com inflamada energia seus recursos de intérprete enquanto desfia o variado cordel de sua criatividade musical, do lirismo (*Três Galeras*) ao orientalismo (*Planetário*) ou a ritmos estonteantes (*O Bobo da Corte*).

Criada a fama, deita-se na cama? Em *Canta Mais* (Jogral), Marília Medalha retorna com o mesmo show e repertório apresentado no final do ano passado, contido, indefinido e fracionado, à semelhança da carreira da vigorosa cantora, o que talvez não deixe de ser um estilo. Por outro ângulo, Maysa (Igrejinha) também retorna com seu já conhecido "recital", entrelaçando emotividade, espontaneidade e agressividade à sua voz crispada em canções recentes ou de glórias passadas.

Da discutível e tão em voga conjugação da glória passada com a necessidade presente resulta o restante espetáculo, estreado há dias, trazendo de volta os coruscantes *Dzi Croquetes* (Teatro das Nações), que eram doze e agora são nove. À maior desenvoltura e segurança dos atores-cantores-dançarinos e maior riqueza de cenários e figurinos, contrasta, no entanto, a prematura superação de tais ousadias e originalidades, a que se somam os excessos não controlados pela direção, que conduzem à redundância e, na sequência, ao enfado.



Jards Macalé

Maysa, Marília Medalha, Macalé e a repetição dos Croquetes

CAFÉ CONCERTO

Marília Medalha (Jogral) *

Som Nosso de Cada Dia (Be-Bop-A-Lulla) *

Brazilian Jazz Stompers (Opus 2004) *



Ana Maria Brandão e Babaú da Mangueira

A casa de ponta cabeça, e a peteca no ar

Eu conheci Babaú da Mangueira no ano passado, quando ele cantava seus sambas no extinto Zi Cartola, lá na Vila Formosa. Hoje com 62 anos, pelo menos 15 músicas gravadas e mais de uma centena inéditas, Babaú continua trabalhando quase no anonimato. Nascido em Mangueira (1914), companheiro de barraco do Mestre Cartola, amigo de infância de Xangô, Babaú começou a compor no cavaquinho logo cedo. Em 37 seu samba "Ai Ai meu Deus, tenha pena de mim", na voz de Aracy de Almeida, fez grande sucesso, tanto que logo vieram as regravações — Ciro Monteiro, Elizeth Cardoso e Elza Soares, entre muitos outros. Seu show na boate Jogral (Rua Maceió, 66) onde está há cinco meses, tem sido uma verdadeira festa onde o público se envolve por inteiro com seus sambas de terreiro fortes e intuitivos.

Aliás, um outro trabalho que está sendo apresentado também no Jogral e que merece o maior respeito é o da Ana Maria Brandão, uma menina de sensibilidade incrível, que canta todas as noites, acompanhada do Regional do Evandro, desde chorinhos de Ernesto Nazaré até canções folclóricas do século passado. Trabalha na noite há quase dez anos, e durante todo esse tempo, teve que atravessar diversas fases até encontrar definitivamente o seu caminho dentro da música. Foi contratada de várias casas noturnas de São Paulo, cantando sempre acompanhada de um trio. Dessa época, lembra: a influência de Elis Regina era muito forte. Mas foi com o Regional que ela mais se identificou, a ponto de reformular totalmente seu repertório. Para esse ano existe a promessa de gravação de um lp pela etiqueta Marcus Pereira.

Depois de Babaú e Ana Maria, lá pelas tantas sobe ao palco do Jogral um quarteto liderado pelo tecladista Zé Aneto Pachol, irmão do bruxo Hermeto. Filho de Paschoal José da Costa, antigo cantor e sanfoneiro (autor de *Galho da Roseira*), Zé Aneto, como o irmão, tem suas raízes mais profundas no folclore nordestino. Músico completo, pode passar do jazz ao maracatu com a maior facilidade sem nunca deixar a peteca cair. Nos finais do seu show no Jogral é que Zé Aneto saca da sanfona e, assessorado por seus músicos (Bebeto-bateria, Atacílio-contrabaixo e Uca-percussão), vira e casa de ponta cabeça fazendo um verdadeiro forró elétrico.

Todo o elenco do Jogral trabalha sob a supervisão direta de uma pessoa de quem todos falam com o maior carinho: José Eduardo Costa. "Seu" Costa, como é chamado pelos músicos, paulistano de 44 anos, ex-funcionário público, sem nunca ter tido uma experiência do gênero, assumiu a direção da boate em setembro de 75 e o que encontrou foi uma casa em plena decadência, segundo conta ele próprio. Mas "seu" Costa é de Áries, tem uma paciência meio oriental e sabe esperar o tempo que for preciso para ver seu trabalho recompensado. Ele, que já teve problemas até com a frequência da casa, é quem afirma: "Hoje isso aqui não é nenhuma igreja, mas também não é um bordel".

E aí entra Zé Aneto, o irmão do bruxo.



Sergio Mello

TEATRO EM CASA

A Moreninha (TV Globo) **
Um Dia, o Amor (TV Tupi) **



Débora Duarte

Depois da mocinha-xarope, a novela-conteúdo

É um negócio que a gente não entende. A televisão está indo por um caminho muito bom sob o aspecto técnico, cada dia mais desenvolvida no que se poderia chamar o acabamento de suas peças (ou novelas). Existem diretores excelentes, a iluminação é boa, a cenografia procura mais e mais se encaminhar no sentido de dizer o que é preciso dentro do âmbito da televisão (e não do teatro), o áudio encontra ótimas soluções, as câmeras estão cada dia mais ágeis (lembrar certas cenas de Gabriela) — tudo isso pra chegar a poucas coisas muito boas, algumas boas e um montão de desperdícios.

A aplicação do enorme capital em maquinaria caríssima, pagamento a pessoal especializado, áreas para montagem de cenários e por aí afora, existe pra quê? Pegam um texto chatíssimo, desperdiçam atores, e fazem um xarope.

Partindo do princípio de que todo esse esquema visa o público, posso afirmar que o público não está lá muito satisfeito com bastante coisa que é feita; o pessoal da tevê não é criança para gastar dinheiro à toa, por isso faz suas pesquisas sistematicamente, pra ver se essa ou aquela novela está tendo boa audiência. Muitas vezes não está tendo. E então?

Parece que dentro do grande veículo de comunicação do século, as idéias ainda andam a 10 km por hora, como no tempo do primeiro Ford bigode. Os problemas sociais, afetivos e mais tudo o que representa a trajetória humana nesse mundo inquietante já foi focalizado pelo teatro, pela pintura, pela literatura e por qualquer meio de expressão, mas parece que os que criam na televisão, continuam achando que estão noutro século, insistindo na focalização de problemas que já eram. As novelas já podem ter outro conteúdo e juízo que vão dar audiência mais que boa.

Que é que há, meus amigos? O pessoal está mais dentro da vida do que vocês estão imaginando. Não é mais a mocinha ingênua que é o grande problema numa família, nem o moço tímido fascina as garotas desse Brasil, nem o pai durão dá as dicas pra uma mãe oligofrênica. O romantismo acabou faz tempo e agrande implosão já fez desmoronar toda a "doçura" interior dos homens. Então vamos abrir uma janela que mostre um panorama real e, a partir daí, o homem pode fazer suas coordenadas e sair por onde achar que vale a pena.

A gente vê "Pecado Capital" estourando em sucesso. Por quê? Está ali toda a problemática do homem da cidade grande — mas sem grandes charmes, sem gemidos impotentes, mostrando o homem em seus vários aspectos, nas suas várias camadas sociais, enfrentando problemas reais, falando do jeito que todo mundo fala.

"No veículo do século, idéias a 10 por hora"



Hella Schwartzkopff

TEATRO NA RUA

O Noviço (TBC) ****
Muro de Arrimo (Aliança Francesa) ****



Cláudio Correa e Castro

Peças para o povo existem, pelo menos desde 1800

Podem crer, existe mesmo um teatro pro povo, que oferece o melhor e de graça. O Teatro Popular do Sesi, por exemplo, está apresentando agora "O Noviço" de Martins Pena, no Teatro Brasileiro de Comédia, na rua Major Diogo.

Martins Pena foi quem deu início à dramaturgia no Brasil e dá seu recado através de uma crítica contundente aos costumes, hábitos e mentalidade da época, envolvido num clima burlesco. "O Noviço", dirigido num ritmo excelente por Osmar Rodrigues Cruz, tem gente muito boa no elenco — Cláudio Correa e Castro, Nize Silva, Eugênia Santacruz, Isadora de Faria, Carlos Alberto Riccelli, Benjamin Cattán, Analay Alva-rez, Haroldo Acedo, Ernesto Piagno e Antônio Andra-de e cenários e figurinos de Augusto Francisco.

É maravilhoso ver esse trabalho, feito para um público que, não fosse o Sesi, jamais assistiria a um espetáculo. E mais maravilhoso ainda é assistir à peça junto com esse público, gente que sente com a barriga, participa diretamente com o espetáculo, dando palpites, partilhando as expectativas em cenas de "suspense", como aquela em que o Cláudio Correa e Castro se esconde no armário e vê os guardas procurá-los — o público, sem poder se conter, avisa que ele está ali, ou presume que já conseguiu escapar. E as palmas! Que coisa, minha gente. Palmas generosas, entusiasmas-das, talvez até um pouco agradecidas.

O trabalho do teatro do Serviço Social da Indústria é uma conquista feita para o povo, através da dedica-ção incrível de Osmar Rodrigues Cruz. O famoso TNP (Teatro Nacional Popular), de Paris, dirigido por Jean Villar, talvez não tenha conseguido tanto, porque os operários tinham de pagar um terço do preço do ingresso; aqui, até agora os ingressos são distribuídos gratuitamente. Já imaginaram o que isso representa de lastro para uma camada que se acha totalmente desvinculada daquilo que chamamos cultura? E com peças como essa de Martins Pena, ela toma conheci-mento de muita coisa.

Enquanto a nossa dramaturgia de agora se contorce em câimbras intelectuais, em meados de 1800 Mar-tins Pena dizia o que era sua época, sem medos, sem complicações: ele apresentava, isso sim, o homem e seus medos e complicações. Através da farsa, ele nos apresenta o homem e suas ambições mesquinhas, sua moral ambígua, e a ganância como sendo a fada pro-protora contra todas as desilusões da vida.

"O Noviço" já foi apresentado na televisão, numa adaptação feita em capítulos, e acredito que, ao tea-tro, muita gente tenha ido atraída pelo conhecimento da peça. Vem então aquela idéia de que a televisão possa ser um veículo em direção ao teatro, sem ter de fazer muito esforço intelectual ou ter de se empenhar à procura de temas até agora considerados tabu pelo grande público.

"Pena dizia o que era sua época, sem medo"

BEST-SELLER NA FRANÇA, AGORA NO BRASIL.



O RETRATO SEM DISEARCE DE UM AMOR HOMOSSEXUAL QUE ESCANDALIZOU TODA A FRANÇA.

PROCURE JÁ, ESTÁ ESGOTANDO.

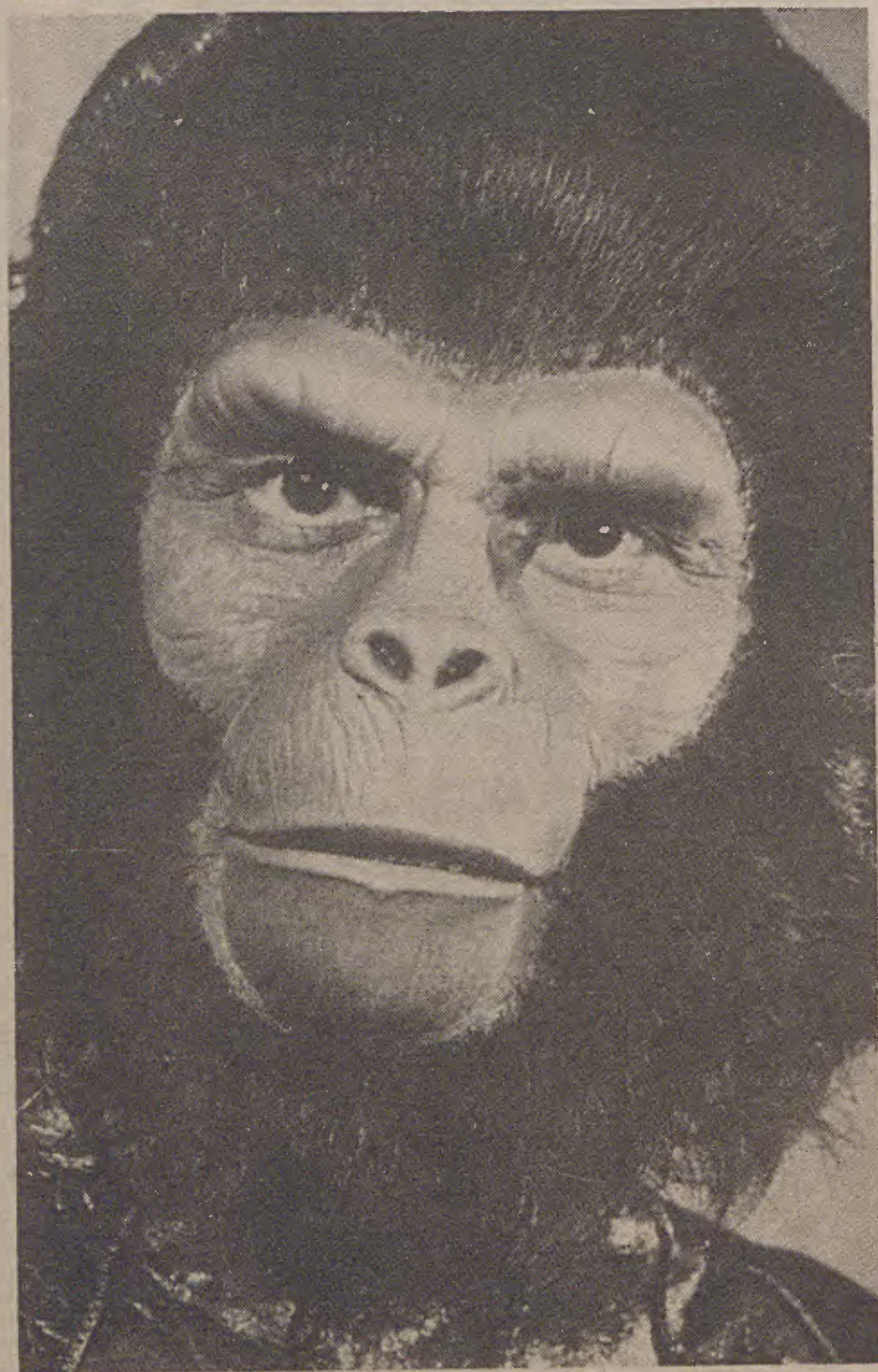
EM TODAS AS BANCAS E LIVRARIAS



Editora Três
símbolo de qualidade editorial

A produção
mais ousada
dos últimos tempos

O PLANETA DOS MACACOS



14 aventuras inéditas
numa série
especial para a TV.

Todas as segundas.
9 da noite. A cores.



ANO 2000



Mauro Chaves

"As pessoas já se acostu-
mavam a trabalhar, co-
mer, dormir, divertir-se e
até fazer amor em trânsito"



A cidade viária ou SAO não pode parar

O funcionário Wlaka chegou em casa angustiado. Inda bem que Tamar já estava dormindo. Não tinha coragem de lhe dar a notícia. Só Pamela tava acordada. Recebeu-o de rabinho abanando, quase ia latir mas Wlaka não deixou. Ficou carinhando seus pelinhos fofos. Enquanto se refestelava no macio bundessaco de sua sala, na confortável morada do confortável bairro (climatizado) Florumby: o bairro dos granfuncionários de SAO. Então voltou a remoer seu problema, que era justamente esse: até quando aquele conforto ia continuar?... Quando iria ser desapropriado?...

Bem, tudo começou com um expediente que Wlaka recebera no início da tarde. Vinha de seu chefe, 2º Vice-Prefeito de SAO. O chefe se preocupava com o seguinte: SAO estava virando uma cidade de alta rotatividade. Os habitantes viviam cada vez mais em trânsito. Os espaços de moradia cada vez mais escassos, obrigavam a população a uma circulação constante. As pessoas já se acostumavam a trabalhar, comer, dormir, divertir-se e até fazer amor em trânsito!... Onde isso ia parar?...

Wlaka acionara suas Unicons (Unidades de Computação) pra estudar a questão. Os computadores equacionaram o problema do seguinte modo: Cada metro quadrado desapropriado de uma moradia, transforma-se em via pública. Quanto mais vias públicas são construídas, mais moradias são destruídas. Persistindo a tendência até o limite, só haverá vias públicas e não mais moradias. Então, a população terá que viver nas vias públicas, circulando, rodando, transportando-se sem parar. Era uma conclusão óbvia e assustadora! Daí Wlaka resolveu indagar aos computadores alguns detalhes do que seria aquela vida "em trânsito". E as Unicons lhe deram a seguinte antevisão: A população inteira estaria em permanente movimento, nos mais diversos veículos de transporte. Ninguém poderia parar, sob pena de pesadíssimas multas. As crianças estudariam nos caminhões - escola. Chegariam a eles em suas motos, que neles se acoplariam. Aliás, todos os veículos seriam acopláveis. No centro da cidade haveria um grande disco em lenta rotação. Sobre ele estariam os Bancos, as Repartições, os grandes magazines, hipermercados e serviços básicos da cidade. Tudo em movimento, atingíveis somente por acoplamento. Haveria grandes veículos para os cinemas, estádios esportivos, teatros, restaurantes, hospitais, etc. E outros menores para os escritórios, butiques, casas noturnas, pequenos clubes, etc. Obviamente, todos morariam em trailers acopláveis. O turismo acabaria, por uma simples

razão: as pessoas não desejariam viajar mais do que já estavam obrigadas. Desejariam justamente o oposto, isto é, um cantinho de fixação, de permanência. Um lugarzinho pra ficar parado, por algum tempinho. O maior dos bens seria o ESTACIONAMENTO! Os funcionários mais dedicados teriam, como prêmio anual, alguns "tickets de estacionamento". Com eles, poderiam estacionar seus trailers (levando toda a família), nos raros pontos de estacionamento que haveria, para tal finalidade. Ter muitos desses "tickets" seria um sinal de grande prestígio social. Somente os funcionários mais categorizados os possuiriam, com o que seriam bem aceitos nas "altas rodas" rodantes... Os amores clandestinos seriam praticados nos "iglús" móveis, moteizinhos que transitariam por ermas estradas... Sim, realmente SAO viraria, em definitivo, uma cidade de alta rotatividade...

Como de hábito, Wlaka lançou mão de seu revolucionário "método de investigação histórica": Gostaria de saber se aquela tendência (de a cidade se tornar totalmente "viária") já tinha se manifestado em alguma época passada. Programadas as Unicons, a resposta veio imediata e positiva: Sim, há algumas décadas atrás, SAO (então chamada São Paulo) foi transformada em grandes vias públicas, com os estranhos nomes de radiais, perimetrais, elevados, vias expressas, anéis viários (grandes e pequenos), sistemas viários, minhocões, lagartões, tubarões (aí os computadores não estavam bem certos. Admitiam a provável confusão com alguma outra estupidez, catalogada como fenômeno da época), etc. Essa tendência havia revertido, graças aos transportes de massa em "undergrounds", que serviam mais ao grosso da população que aos privilegiados poluidores motorizados...

O que mais preocupava Wlaka era justamente isso: A tendência já tinha havido e revertido, mas agora parecia voltar... Será que a coisa é cíclica?!?... pensava ele, enquanto refestelado no bundessaco, alisando o pelo de Pamela. Se fosse, continuariam a surgir mais vias públicas e mais moradias seriam desapropriadas. E mais bairros desapareceriam de SAO, inclusive o seu Florumby!.. O que Tamar acharia de deixar seu bairro climatizado pra acabar morando num trailer?... pensava Wlaka angustiado. Como prepará-la pra isso?...

Pamela também já adormecera. Wlaka ficou observando sua respiração, ritmada e tranquila. Pensou então: a cachorrinha é que era feliz. As unicons tinham previsto que no futuro, somente os postes permaneceriam parados. Assim os seus filhotes, pelo menos, não teriam maiores problemas.

AQUI FORTUNA



ALÔ.



NO MICROSCÓPIO

Primeiro, deixa eu contar um convite que recebi e que diz assim: "Convido pra uma macarronada informal: de gravatinha não entra."

Todo mundo já está sabendo do macarrão com fungos, que não são exatamente champinhões. Falar nisso, o jornal traz uma lista de outras traficâncias em matéria de secos e molhados, que também cabe ao SNFMF investigar. Vamos lá: massas vitaminadas que não contêm vitaminas, desinfetantes bactericidas que não bactericidam coisa nenhuma, azeite de oliva que contém óleo de soja.

Mas tem também outros casos, como por exemplo:

Dia de feira, o marido compareceu com a nota de 100 pratas de todas as semanas. Falava até pros amigos, não sei se carteando marra ou reclamando da barra:

— Toda semana, é uma nota de 100, só pra feira.

Pois bem. A mulher levou aquela nota pra feira e voltou com a saca tão leve, que quase que podia rodar feito bolsinha. Aí falou pro marido:

— Melhor você mandar fazer um exame de laboratório nessas notas de 100. Acho que tem menos grana do que tá escrito.

ESTAS SAÍRAM

• João dos Bichos — como é chamado o holandês Johan Gurandi, trabalhador da General Motors de São José dos Campos — é um apaixonado pela nossa fauna lotérica: anota todos os bichos, as dezenas, as centenas, os milhares e até as séries dos bilhetes premiados na Federal, cada ano. Enfim, é um especialista em bicho-que-deu — em 75 deu mais

o camelo, informou o João —, inútil querer saber dele o bicho que vai dar em 76.

• A Secretaria do Meio Ambiente propõe reduzir para três as seis atuais classificações da água do mar. Em vez de **excelente, muito boa, boa, suspeita, média e imprópria**, a tabela vai ser assim: até mil coliformes fecais, **boa**; de mil a 2 mil, **suspeita**, e acima de 2 mil,

imprópria. Sem coliformes, acho que tá em falta.

• Falou o Superintendente da Sudene, Sr. Lins de Albuquerque: "A situação (em Irecê) não pode ainda ser caracterizada como seca, apenas como uma estiagem mais prolongada." Quer dizer: não tem ninguém com fome, apenas sem comer há algum tempo.

A GRANDE SÃO PAULO

"A cidade que mais cresceu no mundo", é muito chegada a um aumentativo. Vai um lista, só dos que eu me lembro de cabeça: jornal Estadão, viaduto Minhocão, bar Pingão, restaurante Linguão, vendas do Varejão (que pra mim é a mesma coisa que Atacadinho) e já li até um anúncio de cursinho preparatório pro Vestibulão. Ah sim, tem agora um Cebolão, ligando as marginais do Tietê e do Pinheiros, e máquina Tatzão escavando o metrô. Digo: metrão.



JÁ SEI.
E' ALGUÉM
TELEFONANDO
DE UM
ORELHÃO.

Fortuna

ROUBARAM A PAZ

"Agora, o cinema Belas Artes inaugurou uma Sala Mário de Andrade que supera o cinema-de-bolso europeu. São Paulo inventou o cinema-ervilha, a sala de espetáculos de candidatos a mini-Joelmas subterrâneos, porões que em caso de incêndio prometem um Inferno real sem esperança para os que entrarem na armadilha. A tela tem dimensões de um mictório público (dizem que o odor também)."

Ilma. Sra. Zuleica Seabra Ferrari:

Fiquei animado com a lucidez, a coragem e a inteligência com que a Sra. expôs os 10 Mandamentos do Consumidor, no último número do "AQUI".

Tanto que rasguei as cartas que já tinha escrito e endereçado à Embrafilmes, ao Instituto Nacional do Cinema e ao recém-fundado, em São Paulo, Conselho de Defesa do Consumidor, preferindo dirigir-me à Sra. Minha preferência é óbvia: Ralph Nader é dos poucos ídolos que me restam nesta era de massacre de heróis. Ralph Nader é um David norte-americano capaz de se insurgir contra o Golias imenso da Esbulhação Geral, mantida apenas pela corrupção de autoridades, industriais inescrupulosos e comerciantes que seriam maquiavélicos se soubessem pronunciar esse adjetivo. Além disso, a Sra. é uma Ralph Nader de saias, portanto minha admiração se duplica. Sou um "adepto" das justíssimas reivindicações feministas. E mesmo escolhendo Faye Dunaway como tipo de beleza nem por isso exalto menos as qualidades de tenacidade e a solidez de argumentos de uma Betty Friedan, essa feia mas coerente combatente em prol dos direitos da mulher, essa esbulhada há milênios, essa colônia até há pouco conformista do feudo machista.

Mas para não tomar mais seu tempo: sem querer, D. Zuleica, infringi o Primeiro Mandamento que a Sra. mosaicamente instituiu para que nós saíamos do deserto, da adoração do Bezerro de Ouro e cheguemos à Canaã longínqua da justiça entre os que vendem e os que compram, esse compromisso ético mínimo semelhante ao contrato social entre governantes e governados; violei, por ingenuidade minha e má-fé da propaganda, a decisão de compra a que a Sra. alude e com isso perdi a minha primeira arma: involuntariamente comprei o que a Sra. justamente classifica de "produtos prejudiciais, deficientes, inúteis ou caros". Por outro lado não duvido que a Sra. me concederá as atenuantes previstas no mesmo Mandamento inicial, já que não aderi ao consumo irrefletido — ao contrário, refleti longamente antes de comprar. E nem comprei por mero impulso. Finalmente, a Sra. há de concordar que no caso que passo a lhe expor não seria possível, nem a mim nem a ninguém, "comparar preços, qualidades e medidas".

Pois a fraude de que fui vítima é um filme. Tentei ver um filme russo — "Guerra e Paz" — no cine Rio. Como podia suspeitar que — para atualizar o velho ditado de "comprar gato por lebre" — eu estava comprando macarrão gravatinha contaminado em vez de alimento?

Sou, pública e notoriamente, um ferrenho inimigo do regime soviético, que defino como um regime

PAZ

AQUI



nazi-fasci-sócio-imperialista, conforme o definem os chineses, Chu-en-Lai, Teng, etc. Li com estarrecimento "Arquipélago Gulag" de Soljenitsin. Li as declarações de condenação do PC da França e da Itália aos campos de concentração em que apodrecem milhões de seres humanos. Mas eu ia ver um filme cuja ação se desenrola no século passado. O autor do livro em que o filme se baseia é Tolstoy, que nasceu em 1828 e morreu em 1910, portanto nada tinha a ver com os gangsters do tipo de Stálin, Brejnev & Co., quando os bolcheviques silenciaram a arte, a inteligência e a cultura russa com o terror da atual K.G.B. (Polícia Secreta do Estado), distribuindo antes Mayakovsky e todo o maravilhoso desabrochar de uma nova arte, do cinema de Eisenstein à arte abstrata e à música. Acontece então o seguinte:

a) o filme, descrito na propaganda em jornais como "grandioso", e tendo ganho até um Oscar de Hollywood como "melhor filme estrangeiro", é dublado em inglês. Se eu quisesse ver filme dublado ficaria em casa e veria um filme na televisão, falado em português.

b) Estou estudando russo, para ler os dissidentes soviéticos e Tolstoy, Dostoievsky, Tchekov, Turgenyev, Gogol, Pushkin etc, no original. Pensei que, liberado pela nossa censura, o filme não contivesse mensagens subversivas e que eu poderia treinar o ouvido escutando durante três horas e meia esse idioma que considero sonoro e belo, apesar de difícil.

c) O filme, de "Voiná i mir" (Guerra e Paz), virou "War and Peace" com sotaques que vão do hippie da Califórnia ao dialeto do Harlem, passando pelo elenco de um estúdio C de dublagem made in USA. Pior ainda, talvez, foi criminosamente mutilado em sua exibição aqui em São Paulo. Em Paris, em Nova York, em Londres, o filme dura sete horas e o espectador pode, com o mesmo ingresso, ver em um dia a primeira parte e em outro a segunda, para não se cansar demais. Do jeito que está, tudo termina — comprove, por favor, se estou mentindo — com as batalhas de Napoleão contra os russos. Ora, nesse romance incomparável, a passagem da guerra para a paz é que transforma espiritualmente todos os

sobreviventes, principalmente os protagonistas-chave: Natasha, que de fútil e encantadora se torna uma mulher adorável e madura, e Pierre, que de cético passa a ser um filósofo idealista. O espectador vê só a guerra, mas o preço da entrada inclui a paz. Onde está a paz, professora Zuleica? Sou um consumidor indefeso e assaltado.

Não é a primeira vez que o Brasil é uma lata de lixo para os que amam o cinema: lembre-se da catastrófica cópia que vimos no Brasil de "Il Gattopardo" de Visconti, dublado em californiês e com as magníficas composições cromáticas do grande diretor italiano grotescamente distorcidas pelos estúdios norte-americanos. Aí era o caso de uma obra-prima do cinema e da literatura, pois o filme foi extraído do romance maravilhoso de Lampedusa.

Agora, o Cine Belas-Artes inaugurou uma Sala Mário de Andrade que supera o cinema-de-bolso europeu. São Paulo inventou o cinema-ervilha, a sala de espetáculos de candidatos a mini-Joelmas subterrâneos, porões que em caso de incêndio prometem um Inferno real sem esperança para os que entraram naquela armadilha. A tela tem as dimensões de um mictório público (dizem que o odor também) e leva um filme magnífico com atores como Vittorio Gassman e Ugo Tognazzi.

O que fazer? O quê? com que medidas práticas os espectadores como eu, espoliados, expostos a perigos da vida, podem se defender?

Sei que cinema não é macarrão, não é transporte, não é casa. Mas é um meio de cultura, diversão e meditação tão importante — e às vezes até mais importante, porque atinge milhões de pessoas no mundo — quanto um livro, a Sra. não precisa que eu lhe diga isso.

Portanto, que ação devemos nós, que gostamos de cinema, como arte e entretenimento, esperar por parte de autoridades omissas e/ou exibidores mais inescrupulosos e vorazes do que o tubarão que assola, com lucros para eles, nossas telas? Como agir contra aqueles que, sem os poderes de autoridades investidas e/ou eleitas, são mais cerceadores da inteligência brasileira, em alguns casos, do que a Censura?

Seu grato admirador,

Leo Gilson Ribeiro

